



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM PLANEJAMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS

FERNANDA MONTEIRO CALLADO DE SOUZA

MULHERES NA BEIRA DO CAIS: UM ESTUDO SOBRE O TRABALHO DAS
CATRAIEIRAS NA FRONTEIRA FRANCO – BRASILEIRA

FORTALEZA-CEARÁ

2019

FERNANDA MONTEIRO CALLADO DE SOUZA

MULHERES NA BEIRA DO CAIS: UM ESTUDO SOBRE O TRABALHO DAS
CATRAIEIRAS NA FRONTEIRA FRANCO – BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para à obtenção do título de Mestre em Planejamento e Políticas Públicas. Área de concentração: Planejamento e Políticas Públicas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição da Silva Cordeiro.

FORTALEZA-CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Souza, Fernanda Monteiro Callado de .

Mulheres na beira do cais: um estudo sobre o trabalho das catraieiras na fronteira franco ? brasileira [recurso eletrônico] / Fernanda Monteiro Callado de Souza. - 2019

Um arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 90 folhas.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas, Fortaleza, 2019.

Área de concentração: Planejamento e políticas públicas.

Orientação: Prof.^a Dra. Maria da Conceição da Silva Cordeiro.

1. Políticas públicas. 2. Trabalho informal-trabalho formal. 3. Mulheres catraieiras. 4. Oiapoque-BR/ Caiena-FR. I. Título.

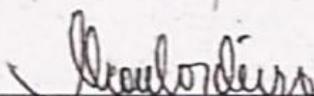
FERNANDA MONTEIRO CALLADO DE SOUZA

MULHERES NA BEIRA DO CAIS: UM ESTUDO SOBRE O TRABALHO DAS
CATRAIEIRAS NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA

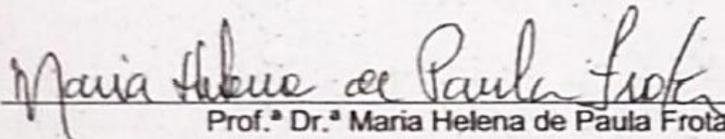
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Planejamento e Políticas Públicas. Área de concentração: Planejamento e Políticas Públicas.

Aprovada em: 18/12/2019

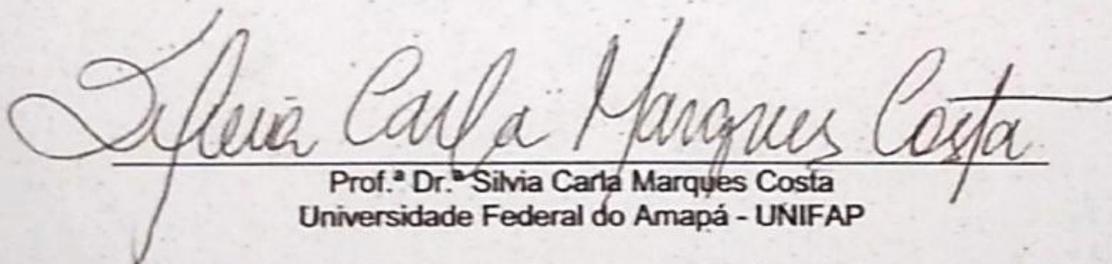
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Maria da Conceição da Silva Cordeiro (Orientadora)
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP



Prof.ª Dr.ª Maria Helena de Paula Frola
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof.ª Dr.ª Sílvia Carla Marques Costa
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre as mulheres catraieiras na fronteira entre o Município de Oiapoque no Estado do Amapá e Saint-Georges em Caiena. O objeto de estudo está imbricado nas dinâmicas da condição laboral das mulheres catraieiras. A metodologia é do tipo etnográfico de observação, entrevistas participação da pesquisadora, de cunho qualitativo, de natureza básica, do tipo exploratória, descritiva, explicativa e de campo. O resultado analítico incide que as mulheres detêm o conhecimento e a técnica do manuseio das embarcações, além dos recursos práticos da catraia e a demanda econômica pelo fluxo de pessoas existente, evidente é a falta de políticas públicas efetivas para administrar o empreendimento dessas mulheres nos cais, que vislumbram tirar seu sustento, restando a algumas recorrer à modalidade de trabalho informal/clandestina para 'tocar' o seu negócio no âmbito da sobrevivência.

Palavras – chave: Políticas públicas. Mulheres catraieiras. Trabalho informal-trabalho formal. Oiapoque-BR/ Caiena-FR.

ABSTRACT

This work is a study about the women in the border between the municipality of Oiapoque in the state of Amapá and Saint-Georges in Cayenne. The object of study is intertwined with the dynamics of the working condition of women from Catraieiras. The methodology is of the ethnographic type of observation, interviews with the researcher's participation, of a qualitative nature, of a basic nature, of the exploratory, descriptive, explanatory and field type. The analytical result is that women have the knowledge and the technique of handling the vessels, in addition to the practical resources of the boat and the economic demand for the existing flow of people, evident is the lack of effective public policies to manage the enterprise of these women on the docks , who envision earning their livelihood, leaving some to resort to informal / clandestine work to 'run' their business in the context of survival.

Keywords: Public policies. Women from Catraieiras. Informal work- formal work. Oiapoque-BR / Caiena-FR.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	UM CAIS QUE APORTA MULHERES.....	19
3	MULHERES CATRAIEIRAS: UM SUJEITO QUE NÃO SE ENQUADRA?..	38
4	VIVÊNCIAS DE TRABALHO NOS CAMINHOS DO RIO.....	61
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
	REFERÊNCIAS.....	89

1 INTRODUÇÃO

Este é um estudo sobre mulheres catraieiras na fronteira entre o município do Oiapoque¹, no estado do Amapá e Saint-Georges, em Caiena², sendo que procurei observar como, onde, porque e até que ponto estas mulheres se reconhecem, são reconhecidas em seus direitos como catraieiras. Afirmar que estas mulheres atuam como ‘piloto’ de embarcação implica dizer que trabalham em embarcações de pequeno porte, se deslocando ao rio e aportando nos cais, realizando travessias diariamente, num tempo não só determinado pelas marés e vazantes, mas que pode iniciar nas primeiras horas da manhã – dependendo do tipo de compromisso que se tem ‘do outro lado’–, e terminar as vinte horas da noite – horário em que o lado francês encerra a entrada de pessoas em sua fronteira.

As catraieiras são mulheres familiarizadas ao rio, elas “sabem interpretar [...] a cor da água, os batimentos das ondas, a força da corrente, são tantas marcas sensíveis para conhecer a natureza dos fundos, o estado da maré ou a ‘cara do tempo’ (ZONABEND, 1994, p.170). É um caminho que trilham em seus cotidianos, e pelo qual sabem se orientar. Essas trabalhadoras encontram no rio, em sua maioria, a única possibilidade de sustento frente a falta de recurso para alimentar suas famílias, situação esta que identifiquei em campo e que varia entre a pobreza e falta de qualificação. Muitas trabalham na informalidade e, portanto, sem renda fixa e reconhecimento profissional. Outras atuam formalmente, estão agregadas em cooperativas – prática comum na região –, visando ter uma renda que sustente suas famílias.

Localmente, ainda é forte a visão segundo a qual quem opera catraias, quem as guia e quem as constrói, é homem. Achei mulheres que questionaram a sua valorização, evidenciando que necessitam avançar frente às dificuldades no seu reconhecimento como catraieiras: “O homem é o que tem a força, consegue segurar a catraia, desce e sobe dela. E nós mulher, somo o que? (RUBI, 2019).

¹Município de Oiapoque está centralizado na fronteira setentrional do BR, fica em aproximadamente em torno de mais de 500 quilômetros de Macapá/AP-BR. O Município de Oiapoque-AP está entrelaçada em com duas comunas da Guiana Francesa-FR, que são às unidades administrativas da França e que apresenta peculiaridades e também suas diferenças.

²Saint Georges em Caiena ela está localizada na aproximações do lado de Caiena e Brasil inclinada na parte fluvial, por isso é uma Comunidade, chamada (Comuna Francesa) que pertence a ultramar da Guiana Francesa.

Eu aprendi a catraiar com meu esposo, mas eu consigo mais freguês quando eu abordo no porto do Cais do que ele e na hora que eu apareço e chamo os fregueses principalmente os homens, eles escolhem vir logo na minha catraia, por que eles falam que ser levado por uma catraieira é diferente, querem ver mesmo se eu domino a catraia na hora de subir a cachoeira, eu sinceramente me sinto realizada por saber que eu domino a catraia já, sozinha, sem ele, na verdade posso não ter a força física mas tenho uma determinação, uma garra, sei que eu posso e eu faço, sou mulher mas faço o que ele faz como homem, e muito mais (RUBI, 2019, p.55).

É preciso rever o conceito que preconiza a catraia como do domínio de um ser masculino. Trabalhar em catraia envolve e implica mais do que a força física. Implica em habilidades humanas, não que os homens não as tenham, mas quero dizer do jeito de abordar o passageiro, de ajudar a mulher, a criança ou o velho a subir no barco, de se adiantar na travessia, compreendendo que o trabalhador, o jovem, a criança tem hora de chegar ao trabalho ou a escola, entre outros. Trata-se aqui de ‘ajustar’ capacidades e habilidades que inclui trabalhadoras que, tanto quanto os homens são profissionais da catraia, como busco mostrar neste trabalho.

O interesse por esta pesquisa intitulado: MULHERES NA BEIRA DO CAIS: Um estudo sobre o trabalho das catraieiras na fronteira Franco –Brasileira, surgiu de uma inquietação, de um olhar sobre a realidade do grande movimento do fluxo de locomoção de pessoas que trafegam por catraias sobre as águas do rio Oiapoque na fronteira entre o Brasil e Guiana Francesa/ FR. Aproximei do objeto de pesquisa no início de agosto de 2018, ao realizar um Estudo de Língua Francesa, como aluna Brasileira no *Collège Constant Chlore*, situada em Saint-Georges/FR.

O município do Oiapoque exerce a centralidade dos fluxos das catraias originadas em Saint-Georges e Vila Vitória³, apresentando duas vias de acesso ao centro do município por via terrestre e fluvial. As causas desses fluxos são em sua maior parte por instâncias comerciais, cambiais, trabalho, turismo e lazer. Pode-se dizer que sua situação em uma zona de fronteira, confere-lhe características muito peculiares. A cidade configura-se de um modelo híbrido de inserção regional, associado tanto ao rio quanto a rodovia. Desta forma, ainda hoje serve como ponto de passagem de pessoas que se aventuram nos garimpos para a Guiana Francesa, em sua maioria são mulheres que trabalham na informalidade que chegam do norte e nordeste do país.

³ Vila Vitória está situada no Oeste da Região de Oiapoque-AP/BR tem menos de 1.000 habitantes.

A circulação de pessoas entre essas fronteiras se organiza de oscilações de brasileiros para Caiena e de guianenses para o Amapá. Da parte dos brasileiros, as travessias na fronteira se deve pela busca de trabalho e a esperança de construir uma vida melhor, considerando que do lado franco o pagamento é feito em euro. Por outro lado, os guianenses chegam ao Oiapoque em busca de produtos e diversão, são atraídos por preços baixos das mercadorias, o que dinamiza a economia local pela oferta de uma moeda mais forte favorecido pelo câmbio (SILVA, 2006).

O objeto desta pesquisa concentra-se na reflexão sobre parte da territorialidade da Amazônia amapaense – a fronteira –, tomando como ponto de referência a mulher amazônica e sua relação com um modo de trabalho que se entrelaça ao ambiente natural que vive: a pilotagem de catraias.

Mediante minhas idas e vindas às aulas, observando o fluxo de transporte por catraias, verifiquei a presença, embora tímida, de mulheres que pilotavam essas embarcações. Foi possível perceber a dinâmica e os desafios do trabalho em catraias, frente a complexidade do clima do rio que por vezes se mostra agitado, por vezes tranquilo, em situações desfavoráveis pelas intensas chuvas que caem, pelo sol que castiga e fadiga o corpo e ainda do dispêndio pela força bruta necessária em manusear a catraia e aportar nos cais. Assim, surgiu meu interesse em saber sobre a realidade dessas mulheres que desafiam se lançar em um ofício dito para homens. Busco analisar em que sentido a expansão/relação entre fronteiras tem interferido nas práticas sociais de trabalho dessas mulheres, enfatizando as estratégias que forjam para se inserir neste mercado de trabalho.

Essa percepção foi decisiva para a orientação desse estudo, voltada para investigar os entraves do ofício de catraiar por mulheres. A hipótese levantada é grande questão, no entanto, está associada ao fato de que, embora as mulheres detenham o conhecimento e a técnica do manuseio das embarcações, além dos recursos práticos da catraia e a demanda econômica pelo fluxo de pessoas existente, evidente é a falta de políticas públicas efetivas para administrar o empreendimento dessas mulheres nos cais, que vislumbram tirar seu sustento, restando a algumas recorrer à modalidade de trabalho informal/clandestina para ‘tocar’ o seu negócio no âmbito da sobrevivência.

O trabalho desenvolvido pelas mulheres catraieiras da área de abrangência do estudo, se desenvolve em dois ramos de atividade sendo no mercado formal e o mercado informal.

O mercado formal é realizado a partir de Cooperativas e Associações, ambas desenvolvem atividades econômicas na atividade profissional de transporte de navegação interior de passageiros em linhas regulares intermunicipal, interestadual e internacional. O mercado formal traz alguns benefícios para as mulheres catraieiras na fronteira, como:

- a) Promover cursos de formação e aperfeiçoamento na área de transporte aquaviário;
- b) Prestar socorro as pessoas em qualquer situação e afogamento;
- c) Prestar serviço de utilidade pública;
- d) Colaborar com a preservação do meio ambiente para adquirir um equilíbrio ecológico;
- e) Adquirir matérias primas, maquinas e equipamentos e acessórios;
- f) Obter o aprimoramento técnico do trabalho nas catraias;
- g) Operar e administrar e gerenciar empreendimentos na área portuária;
- h) Contratar serviços a condições convenientes para quem é sócio;
- i) Estimular o desenvolvimento progressivo e a defesa de suas atividades econômicas que seja de caráter comum;
- j) Assinar contratos para a prestação de serviços sob a forma coletiva
- k) Fornecer apoio e assistência de natureza social, moral, com a ajuda mutua, solidariedade humana para executar bem o trabalho na catraia;
- l) Promover convenio com entidades especializadas públicas ou privadas que implementem um aprimoramento técnico profissional e campanhas de expansão da filosofia aos cooperados;
- m) Estabelecer convênios e parcerias com outras cooperativas;
- n) Realizar cursos, palestras, minicursos, workshops;
- o) Proporcionar a cooperada ajuda até a sua recuperação total quando motivo de falta ao local de prestação de serviços for acidente ou doença até 3 meses;
- p) Organizar o trabalho a modo de aproveitar a capacidade dos cooperados através de interesses coletivos.

Em relação ao mercado informal para a mulher catraieira, este se dá de forma que a mesma exerce a sua atividade econômica por conta própria. Estas mulheres exercem atividade laboral de forma autônoma, elas mesmas são prestadoras de seus próprios serviços, no entanto não possuem vínculo

empregatício e nem possuem carteira assinada, muitas delas tem esta relação social e comercial local, contudo realizam fretes e turismo. O mercado informal na questão econômica na fronteira possui um giro de capital, este que, infelizmente não entra para os cofres do Município de Oiapoque.

As mulheres se encorajam e ingressam neste trabalho o que resulta num crescimento nesta informalidade, por perceberem a exclusão social, a burocracia e a falta de oportunidade de trabalho, por isso elas não cumprem as exigências da formalidade e nem seguem as regras do trabalho formal, para elas é muito difícil entrar na formalidade, sabendo que nestas regras terão que pagar impostos, e como não pagam, submetem-se a trabalharem no mercado informal porém, a Prefeitura tem feito esforços, juntamente com o SEBRAE promovem palestras para que haja incentivo para que essas mulheres catraieiras ingressem para a formalidade no mercado trabalhista, porém, cabe a Prefeitura recolher os impostos deste trabalho, ademais, seria uma grande valia para o Estado que as conscientizasse, ademais, daí, a importância de promover a organização das mulheres em sindicatos, associações ou cooperativas para que se alveje a questão trabalhista, como a previdência social, para tanto, a formalização da atividade as mulheres trabalhadoras na informalidade, são ações beneficiárias e de relevância laboral para de fato, conseqüentemente chegar ao mercado formal.

Levanto os seguintes questionamentos nesta relação de trabalho: Qual seria a forma de incentivo na área da formalidade? Haverá no mercado formal a possibilidade de diminuir a burocracia, apelada e toda a dificuldade que chegar a estas mulheres, para ter acesso a legalização? Elas passariam a se inserir no mercado da formalidade, podendo de certa forma contribuir para toda uma Comunidade do Oiapoque?

Daí um cenário se expande, um novo fenômeno social se insere neste mercado informal. Para compreender o cotidiano dessas mulheres trabalhadoras na formalidade e na informalidade, advém de suas experiências, de suas vivências que possuem bem como na luta pela sobrevivência.

As mulheres que trabalham no trabalho informal são donas de catraia, elas arrecadam de “R\$ 3.000 a chegar até a R\$ 9.000,00” reais mensais trabalham mais de oito horas por dia, todos os dias, isto é, de segunda à segunda, ademais, com as datas dos feriados, se sentem esperançosas, pois é daí, que entram mais lucros no orçamento familiar, porém, não perdem tempo, e se lançam atentamente à

não perderem as datas festivas, comemorativas ou feriados locais, nacionais e internacionais, para tanto, entra a grande oportunidade de trabalharem nos serviços de atendimento, muitas das vezes é realizado o serviço do cambio da moeda em real para Euro. Estas, dependem totalmente das marés do Rio Oiapoque e das contratações avulsas que chegam até elas, que de modo, sejam intimamente ligadas ao trabalho físico, como é o caso dos fretes, estes se dá pelo sistema de contratação de catraias para efetivar a realização do transporte de mercadorias como bebidas, alimentos, combustível, roupas, equipamentos como celulares, relógios e computadores.

Essas mulheres não se intimidam por carregar estas mercadorias no braço, o que para muitos seria esta atitude para os homens, estas que chegam no porto do Cais em Clevelândia do Norte apresentam práticas masculinas, contudo, encorajadas a "subir" o rio como elas chamam no cotidiano para chegarem até ao lado das encostas das águas do lado ribeirinha Francesa. Ademais, a grande necessidade de ajudar na renda familiar na suas casas ou participar do orçamento familiar é prática comum entre elas. De um olhar místico a importância e a relevância deste rio para elas é mais que propriamente o rio pelo rio, mas imbricada de desejos, frustrações e esperanças, principalmente adentrar das cachoeiras pelo lado francês é um desafio que para essas mulheres, por que para realizar o percurso para o Wanarry e o Camupí realmente é o maior desafio pela sua alta complexidade de chegar no destino.

Para estes catraieiros seja homens ou mulheres, existem algumas Cooperativas e Associações que atendem a população, são elas: Associação Dos Catraieiros do Município de Oiapoque (nome fantasia: A. C. M. O); Associação dos Pilotos Fluviais da Vila Vitória PPFVV; COOPTUR Cooperativa de Transporte e Turismo de Oiapoque; Association del Pirogueires del Saint-Georges.

A organização dessas cooperativas, compostas eminentemente por homens, demonstram que a presença de mulheres em trabalhos formais em sociedades tradicionais não indígenas como as que beiram as fronteiras, seja em atividades domésticas a exemplo do artesanato, da confecção de redes de pesca, plantio de roças entre outros e ou em parceria com maridos, companheiros ou homens chefes de família, tem se constituído a partir de relações de poder, colocando em curso processos econômicos que as excluem, engendrando preconceitos e estereótipos em relação ao feminino. Tal condição, contribui para o

entendimento desse fenômeno como sendo decorrente da inserção da mulher na dinâmica seletiva e pontual da lógica econômica constituída no contexto social da Amazônia (MOTA; MAUÉS, 1977, p.34).

Embora o trabalho feminino ainda esteja 'desenhado' por uma lógica excludente, sabe-se que as mulheres possuem papel social relevante no processo de organização do trabalho, da economia doméstica e da própria comunidade. Ela tributa com o lugar em que vive e interage densamente no seu cotidiano através da "profunda ligação com o lar e a dedicação com a família" (CAMPOS; RODRIGUES, 2009, p.94)

A história das mulheres ao se considerar que, essa história sempre dependeu das representações dos homens, uma vez que ao longo dos tempos foram os únicos 'a contar' a história de todos (COLLING, 2004). A história das mulheres foi matizada por construções estereotipadas que legaram a elas uma condição nebulosa, limitando-as a um passado e presente as faces da exclusão.

Não é minha pretensão aqui vitimar ou exaltar as mulheres por serem mulheres que labutam em espaços vistos como masculinos, mas assinalar que todas as atividades arranjadas por elas, organizam etapas centrais para compor o trabalho nas catraias e que, pelo fato de serem mulheres, muitas vezes, se deparam com dificuldades de reconhecimento pelos órgãos oficiais como catraieiras que fazem desse ofício o seu sustento e seu modo de existência.

Quando tentei esboçar esse estudo, por ocasião das disciplinas do mestrado, pude evidenciar mulheres no cais com o trabalho: 1. Pescadoras 2. Vendedoras de troca e compra de dinheiro Real para o Euro- cambio 3. Vendedora de perfumes importados da França para o Brasil e vice –versa 4. Vendedoras de frutas regionais oriundas do lado Ribeirinha brasileiro, o mais expressivo é o Acaí, (vendem o mesmo congelado) 5. Vendedoras de Roupas de Pechinchas 6. Vendedoras de Relógios importados do lado Francês 7. Vendedoras de Celulares importados do lado Francês 8. Catraieiras com o serviço de transporte de passageiros, de fretes e turismo 9. Prostituição. 10. Troca/compra/venda de utensílios no lado brasileiro para o lado Francês, as bebidas, os alimentos e os remédios são bem aceitos neste mercado. Esses trabalhos são fomentados no cais em detrimento da grande procura, os franceses, fazem a compra no Brasil e leva para o lado Francês por ocasião e de favorecimento a eles a ponte Binacional oferece comodidade e rapidez na entrada dos franceses para o Oiapoque, também

vale ressaltar um lado positivo são os custos baixos, a moeda ser menor em valores o que ocasiona que, muitas destas mulheres trabalham no cais com a finalidade de troca, venda e compra, no mais, o que chama a atenção na fronteira é a venda de equipamentos, que expressivamente são bem aceitos pelos brasileiros, como a compra de equipamentos os computadores, celulares e relógios, a maioria destes, tem procura em detrimento dos preços serem mais acessíveis e pela excelente qualidade tecnológica dos produtos que chegam até a população que vive ou passa pelo Oiapoque.

Todavia, pude verificar a falta de literatura específica sobre mulheres catraieiras, mesmo sabendo que esse tipo de atividade, quase sempre, está presente em áreas de fronteiras. Constatei na literatura sobre fronteiras, relevantes estudos a respeito de mulheres traficadas, por violência ou mesmo como migrantes desse espaço. Ainda tentando ‘escavar’ a história das mulheres nesse campo pouco explorado, outra questão se impôs: minhas limitações a respeito da categoria mulher. Mas, como cada pesquisador, cada pesquisadora, numa pretensão de pesquisa, resolve para onde deve olhar, meus olhos e meus escritos, mesmo os que estavam ainda ‘fora do lugar’, se voltaram para o aspecto e a centralidade das mulheres catraieiras no cotidiano das travessias do rio. Então, nesse estudo ainda em construção, adianto que venho tentando desnaturalizar esse ‘saber’ sobre mulher e gênero, para lidar com esse universo ainda desconhecido aos meus olhos míopes.

Contudo, quero sinalizar que sobre questões que dizem respeito ao gênero – papéis sociais e relações de poder –, não podem ficar fora desta dissertação se considerar que “pensar o lugar das relações de gênero diz respeito a um exercício crítico de reflexão sobre o poder, a igualdade, a transformação, o novo” (SILVA, 2003, p.16). Outra questão que se apresenta como profícua para a análise desse estudo é o que Maluf (2009) define como materialidade. Ele assinala que a materialidade do gênero não é o sexo biológico em si, mas as implicações da diferença social, simbólica e política que se constroem nos corpos, na vida e na trajetória e experiência cotidiana e histórica das mulheres, ou seja, as “diferentes mulheres implicam em diferentes materialidades que precisam ser abordadas, compreendidas, consideradas” (MALUF, 2009, p.14). As catraieiras apresentam várias formas em que esta materialidade emerge sob os efeitos da diferença em

seus corpos, suas histórias de vida e vivências habituais que deveriam também compor o todo necessário para seu reconhecimento profissional.

A rotina de trabalho das catraieiras é complexa de questões referentes às relações e aos papéis de gênero nos processos de aprendizado, vivência e de estar nas catraias. Essas mulheres adentram um universo de gênero hierárquico que não reconhece sua existência como catraieira, mas como mulher que quer fazer serviço de homem. Quando elas se vestem para o trabalho, estão aludindo ao que Judith Buther (2003) referiu-se como se montar, colocam bermudas largas e compridas, vestem blusa de manga comprida para proteger do sol, por cima outra camiseta colada no corpo, usam chapéu modelo dito safari ou de pescador, e assim constroem performance para sobreviver frente a um trabalho que 'é de homem'. Como diz Samara (2007, p.31) "estas mulheres são como uma espécie de falhas no sistema; são fugas [...] ao que ao gênero é imposto". Um sistema que indicada e confere ao gênero uma ordem de se apresentar e viver no mundo, o que faz com que estas mulheres encarem sérias dificuldades ao tentarem serem reconhecidas como sujeitos de direito, como profissionais da catraia.

Ao realizar o trabalho de campo e encontrar mulheres que conduzem catraias, me instigou mostrá-las. Deste modo, o eixo que atravessa o trabalho que ora proponho é o de afirmar que as catraieiras fazem parte do contexto de transporte fluvial que compõe a fronteira Franco-Brasileira. Elas são catraieiras, sendo que o meu intuito é o de desvelar este universo o qual habitam e criam, procurando compreender o que ele tem de particular. Ao propor este empreendimento, busquei saber junto as catraieiras como aprenderam o ofício, elas me apresentaram como seus 'instrutores' no aprendizado o marido; o pai e outras figuras masculina. Isso me deu subsídios para pensar sobre vínculos de parentesco, as relações de gênero e de transmissão de saberes. Seguindo estas pistas, fui instigada pela vontade de saber quantas e quem são essas mulheres; onde estão e como vivem?

Para responder as indagações, fui criando o trajeto de meus deslocamentos em cima do 'mapa da fronteira'. Na possibilidade de encontrar as catraieiras, que não fosse na beira do cais, foi preciso utilizar algumas conduções e estratégias, então, fui de taxi, a pé, de ônibus, de carona, fiz travessias de catraias, dependendo de onde queria chegar: Clevelândia do Norte, Camupí, Vila Vitória, Saint-Georges. Foram rumos por vezes difíceis – momentos solitários em campo, a angustia se aprofundava quando não encontrava os endereços delas, de como

abordar minhas interlocutoras, mediava as palavras para não confundir o exercício da pesquisa com aventura. Mas também tive momentos prazerosos, no contato com a vida dessas mulheres, suas histórias, suas esperanças, ocasiões propícias para tomarmos um café, falar da vida numa junção de casa, família e trabalho.

Para a qualificação desse texto, defini como interlocutoras 04(quatro) mulheres catraieiras, com idade entre 28 a 50 anos: Esmeralda 28 anos brasileira, Safira 50 anos brasileira, Rubi 32 anos brasileira, Topázio 40 anos dupla nacionalidade brasileira e francesa. Algumas no mercado da legalidade, no trabalho formal inseridas em Associações e Cooperativas, outras no mercado da ilegalidade, no trabalho informal como autônomas.

Ressalto que em todo o texto da dissertação, as falas e relatos das mulheres estão grifados em itálicos e entre aspas, tanto quando aparecem no meio do texto. Para a identificação das colaboradoras, será utilizado codinomes (como já exposto acima) e em alguns momentos nenhuma identificação. Essa resolução ética é de forma a proteger as participantes.

O trabalho de campo é o ponto de partida para o enriquecimento da teoria e a revisão de conceitos. Desse modo, o trabalho aqui desenvolvido do tipo etnográfico envolveu a observação e a participação da pesquisadora no cenário estudado, a fim de familiarizar-se com os padrões rotineiros da ação e interpretação que correspondiam ao universo cotidiano local dos participantes (ERICKSON, 2001, *apud* CORDEIRO, 2010).

A compreensão deste universo me exigiu uma modificação de olhar, que só foi possível com os aportes teóricos da antropologia que me proporcionaram 'novas lentes', me conduzindo a uma nova postura. Tal método me possibilitou não só apreender mais detidamente as particularidades do ambiente, como também o universo imaterial e simbólico (crenças, costumes locais, trocas de gestos, solidariedades) das mulheres envolvidas.

Esta aproximação me levou a alguns clássicos como Roberto Da Matta (1985) com suas poéticas do espaço casa e rua, Michel De Certeau (1996), e o cotidiano, Gilberto Velho (1994) entre o exótico e o familiar, que me fez refletir em campo, o quanto essas mulheres me eram tão próximas, tão familiares, pois a fronteira para elas é seu "lugar de aceno de uma boa vida [...] espaço de esperança, de felicidade e pertencimento" (MARQUES ; CORDEIRO, 2014, p.01), e sendo assim, seus sonhos e expectativas do seu dia a dia na fronteira são correlatas às

minhas, como professora migrante, que chegou a terra cerca de dois anos trazendo uma mala com muitas esperanças, e assim, não está sendo muito estranho escrever sobre elas. Bronislaw Malinowski com seu *Argonauta* (1984), que já na sua introdução, me instigou ainda mais na experiência do campo com a passagem:

“Que significa estar em contato? Para o etnógrafo significa que sua vida na aldeia, no começo uma estranha aventura por vezes desagradável, por vezes interessantíssima, logo assume um caráter natural em plena harmonia com o ambiente que o rodeia”. (MALINOWSKI, 1984, p. 25).

Essas foram as percepções introdutórias da antropologia que passaram a me acompanhar em campo. Confesso que o percurso teórico me foi perturbador em meio a tantos ‘mundos’ e ‘visões’ que acabam por alterar meu ‘habitar’. Para um mergulho mais denso no cotidiano de mulheres catraieiras, proponho realizar uma pesquisa qualitativa e como recurso metodológico a etnografia. O método é um instrumento rico para a observação, a vivência íntima e cotidiana com as pesquisadas e de fazer a descrição, análise e interpretação desses processos.

A dissertação que ora proponho está projetada em três capítulos. No primeiro, ‘Um Cais que Aporta Mulheres’, apresento o universo da pesquisa e seus personagens, onde o elemento cais aparece como um local central em suas vidas. Trato das narrativas de 04 catraieiras com as quais venho realizando a pesquisa de campo. Os trechos dizem respeito às suas trajetórias de vida, que são pautadas por dificuldades, alegrias e aprendizados. Descrevo seus cotidianos, enfocando questões ligadas ao mundo fluvial: ventos, marés, ressacas. Abordo também o significado do rio para as mulheres catraieiras para além de ser um lugar de onde tiram seus sustentos.

O segundo capítulo, ‘Mulheres Catraieiras: Um sujeito que não se enquadra?’ discorro sobre os processos de aprendizados das mulheres nas catraias onde emergem questões ligadas ao parentesco, que mostra com quem elas aprenderam a guiar catraias. São acionados, portanto, questões de gênero, preconceitos, comportamentos e relações de poder. Das implicações da diferença social, simbólica e política que se constroem nos corpos, na vida e na trajetória e experiência cotidiana dessas mulheres do cais.

Já o terceiro capítulo ‘Vivências de Trabalho nos Caminhos do Rio’, trato de apresentar as condições e experiências no mercado de trabalho das mulheres catraieiras, enfatizando suas dificuldades em exercer um saber técnico e dito de

homem. Para tanto, discuto como elas vêm se construindo como sujeitos – catraieiras – abordando questões sobre o processo e dificuldades de aposentadoria, critérios de seguridade social no qual se inserem ou não, além da questão do anonimato e invisibilidade dessas trabalhadoras.

2 UM CAIS QUE APORTA MULHERES

Escolhi começar por este capítulo por considerar a parte mais etnográfica da dissertação sobre as mulheres catraieiras, trazendo o como e o que as próprias catraieiras me falaram de si mesmas. Para narrar suas falas, empreendi a observação participante, realizei entrevistas e conversas informais nos cais do porto, em suas residências e nas próprias catraias que conduzem.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, pude me encontrar pelo menos duas vezes com as quatro protagonistas do estudo: Esmeralda 38, Safira 40, Rubi 50 e Topázio 28 anos. As informações que tive acesso, por meio de entrevistas e conversas informais, advém de suas lembranças. Estou ciente de que as narrativas se projetaram por versões parciais e afetadas, representam o ponto de vista das mulheres, com forte carga de subjetividade. Ao narrar sobre si, o narrador mostra-se, deste modo, ao outro. Consente ao ouvinte saber um pouco de si e à medida que narra, sua narrativa mostra-se como revelador da “marca do narrador” (BENJAMIN, 1975).

Ao tomar a narrativa como foco de análise, esta modalidade de fala ganhou proeminência no estudo. Ao longo deste e dos próximos capítulos, exponho trechos de falas, nas quais se conferem retomadas e releituras de acontecimentos do passado e do presente. Minhas interlocutoras reiteram sucessivamente os argumentos de Benjamin (1994), para quem a narrativa não só comunica informações, nem pode ser pensada como meros relatos de fatos, já que por si mesma produz revelações. Elas teceram suas narrativas tendo como fio condutor suas próprias vidas, o que Benjamin denominou como uma inclinação dos narradores que “apresentam todo o relato como produto de experiências próprias” (BENJAMIN, 1975, p.69).

Ao indagar sobre a vida de catraieira, prontamente as mulheres ativavam seus registros mentais em referência a fragmentos que compunham o percurso que me foi contado como fatos e situações. Tratam-se de dados subjetivos e mediados pelo processo de se reportar ao passado. De acordo com Le Goff (1988), a memória consente ao homem guardar certas informações de modo seletivo, e ao mesmo tempo lhe possibilita a atualização de impressões e informações passadas ou o que ele representa como passadas. A capacidade de acessar lembranças e a possibilidade de lhes conferir novas leituras cunha o dinamismo da memória. Ao me

narrar sobre si próprias, as falas, os silêncios, as interrupções, a capacidade de fazer as análises íntima e reflexiva, em meio a risos e tristezas, provavelmente continhas alterações, recortes e enquadramentos possibilitados por novas vivências, desde o período que se constituíram catraieiras.

Considerando, que a sequência de eventos e situações que procurei ‘recuperar’, para fins de análise, invadiram tempo passado e tempo presente, as narrativas foram fixadas em dois momentos: um, como lembrança do vivenciado; outro, como representações do cotidiano ainda vivido de forma intensa, e assim, elas construíram suas narrativas na junção do agora e da memória (DURAND, 2002).

Orientada por fins antropológicos, privilegiei vivências e significados em um tempo reencontrado (DURAND, 2002) pelas mulheres catraieiras. Um tempo que diz respeito ao vivenciado desde muito cedo nos contextos da vida de privações, “quando tudo era mais escasso”, diz uma das catraieiras. Assim, moldaram a si próprias e suas experiências compondo uma existência pautada por trabalho e aprendizados iniciados desde de muito cedo.

Ao estimularem suas memórias, para me dizerem sobre os rumos que tomaram até a vida na catraia, estas mulheres ativavam lembranças, muitas vezes dolorosas, angustiantes; algumas recordando as dificuldades que passaram na fase inicial da juventude, quando tiveram que iniciar-se em diversas modalidades de trabalho pela necessidade de contribuir com os pais frente à necessidade de sustendo da família. As lembranças “não pertencem aos outros, mas a nós porque somente nós podemos reconhecê-las [...] as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são as que dizem respeito somente a nós” (HALBWACHS, 2006). A pesquisa de campo e seus personagens, retrata um o elemento no cais que aparece como um local central que está imbricada em suas experiências de vida.

As narrativas estão organizadas através de “Quatro Catraieiras” e seu respectivo local de trabalho, as quais venho realizando a pesquisa de campo. Realizo a técnica da observação e participo no cenário estudado a fim descrever a trajetória de vida do cotidiano das mulheres catraieiras, posto que, é a partir da vivência e das experiências diárias que podemos compreender a organização do seu trabalho tanto na atividade formal e informal no Porto do Cais de Oiapoque Vila Vitória, Saint-Georges e Clevelândia do Norte.

Deste modo busquei conhecer de fato o que simboliza e o que significa a mulher catraieira nas relações de trabalho de homens e mulheres no Porto do Cais, porém, é necessário descrever como funciona esta categoria profissional, através das suas características físicas, ambientação, habitat natural, dimensão cultural e das suas relações em meio ao outro, que se mostra no dia- a- dia. Ademais, é a partir de suas fontes que serão analisadas, revelar suas vozes entre falas e conceitos que muitas das vezes aparente, discreta e inexpressiva, flui para alguns olhares retílicos, inequívocos, sob a afirmação da negação do outro.

A primeira catraieira, Rubi, brasileira, 32 anos de idade é mãe de 5 filhos entre estes com a faixa etária entre 6 à 16 anos, casada, reside desde criança na Comunidade de Vila Vitória, há mais dez anos, aprendeu a catraiar pela própria necessidade de sustentar a sua família. Foi no Cais na Vila Vitória que podemos ter o primeiro contato com Rubi, no trajeto da Vila Vitória até Saint-Georges fomos dialogando sobre o seu trabalho e a dificuldade do Porto. A estrutura física do Porto do Cais de Vila Vitória mostrou a precariedade de trafegar. A rampa que leva as pessoas até a Catraia de Rubi, Porto do Cais, e externava preocupação.

As catraias que passam pelo rio Oiapoque são refletidas nas ações do novo fenômeno social, porque estas mulheres catraieiras estão inter-relacionadas nestas relações sociais. Durante a visita ao local na beira do rio Oiapoque, vários problemas foi detectado no Porto do Cais de Vila Vitória. A rampa que leva as pessoas às catraias, está quase que intrafegável, necessita de reparos, as madeiras que a sustentam, estão descompensadas, devido a abundância de chuva que ao ano chove 8 meses consecutivos, ao sol, ao vento, sem falar da falta de segurança da rampa com a intensidade de limo que são encobertas sobre a plataforma de madeira, o que denota perigo extremo, sem falar da inexistência do corrimão, contribuindo para grandes acidentes, para uma possibilidade de melhorar o porto dos Cais, já virou um descaso, o poder público fecha os olhos para esta situação, incomodados os próprios moradores em forma de mutirão no final de semana fazem pequenos reparos, todavia, paliativos e emergenciais, mas não impede que a própria ação da natureza como o vento o sol, chuva torne a colocar de novo a situação de perigo, "A situação real do porto do Cais tanto da Vila Vitória. Apresenta algumas características. O cais é uma estrutura fixa, que geralmente uma plataforma fixa em estacas, ou região à beira da água, na borda de uma abra ou de um porto, onde as catraias podem atracar e aportar para carregar e descarregar carga e passageiros.

Sua estrutura e Margem de um porto, toda de madeira. Em Clevelândia do Norte passam por algumas tensões, reclamações em voz alta de idosos, grávidas, e crianças deficientes são os mais alvejados, é o que mais se vê no Portos, gerando até tumultos quando incidentes aparecem por lá, de pessoas que se acidentam no Porto do Cais ocasionando lesões, torções, tropeços as vezes até deixa sequelas graves”.

Rubi explica que as catraias são embarcações pequenas e rápidas que as pessoas aqui na fronteira utilizam para a travessia entre Vila Vitória. Em média, ela atravessa 120 pessoas que utilizam o transporte escolar de segunda a sexta-feira. Para sair da Vila Vitória para chegar à Saint-Georges, ela leva em tempo uns dez minutos.

Observei a receptividade da Catraieira Rubi, seu olhar transcende uma alegria e com muito entusiasmo, a primeira sensação de que Rubi tem muitas histórias para narrar de sua vida. No Porto a catraia esta atracada, tira a corda que esta laçada no trono de Pau que emergida na água da beira do Rio Oiapoque, mostra a sua habilidade e já esbanja intimidade com a catraia. Neste momento em torno de 120 pessoas ou mais sobe na catraia de Rubi, a catraia aparenta ser grande em média 5 metros de diâmetro, entre crianças e adultos, isto é, pais de alunos. Rubi já tinha compromisso com pessoas no início da manhã as 7 horas já estava no Porto aguardado seus passageiros.

Rubi relata que de segunda à sexta ela faz este trajeto escolar, a sua vivência diária pela manhã das 7h até as 11h30min e de 13h30min até 17h00. Retrata uma satisfação. Rubi, em 2009 se associou na COOPTUR aonde ela veio a exercer a profissão de Catraieira durante período de uns 5 à 6 anos, e alguns impedimentos surge o que fizeram Rubi dar uma diminuição na pilotagem de catraia, justificada para tomar de conta da família começou a crescer e tinha que cuidar de seus filhos.

Rubi estava vestida de uniforme da COOPTUR de cor vermelha e amarela camisa de mangas cumpridas e largas, gola alta, o que serve para a proteção solar, haja vista que Rubi está exposta a luz solar, aos ventos, as ações de chuvas, vestida de calça comprida de malha, marcada ao corpo, de cabelos amarrados e de cor pintada de loura, maquiada, bem perfumada, expressa um largo sorriso entre uma conversa ou outra, sem falar que é muito falante. Rubi explica de

forma breve que gosta de chegar no Porto, pois explica que é lá que todos os dias tem alguma novidade, portanto,

Os passageiros são 120 alunos da Educação Básica, tem faixa etária de 6 até 18 anos de idade, que estuda no Collège de Saint-George e transporto os pais desses alunos, a regra é proibido faltar aulas e este deslocamento faço diário. (RUBI, 2019).

A catraia representa simbolicamente a sua esperança de dias melhores é nessa reciprocidade que age pela integração e equilíbrio, o que significa e que representa na sua vida, pois ele é o seu instrumento de trabalho que representa muita luta, muitos desafios, muitas alegrias, serventias e manutenção e de fé. A catraia objetiva em sua maioria das vezes utilizar em seu serviço no transporte de pessoas, fretes, turismo e muitas das vezes realizar travessias curtas.

As histórias, fatos e acontecimentos que expressam a vida dos que passam por ali, tem uma representação relevante e significativa na vida daqueles que atravessam a fronteira entre o Brasil e a França. Por ser um serviço ofertado pelo meio fluvial para deslocamentos de pessoas e de produtos, ir e vir utilizado na travessia de pessoas e fretes na fronteira que abrange a orla do lado do Rio Oiapoque brasileiro e o do lado da França, enquanto que os portos que ancoram as catraias são representados pela comunidade de Vila vitória-BR que localiza-se em frente a Saint-Georges-FR, Oiapoque-BR, e Clevelândia do Norte não tem trapiche as paradas e ancoradouros a própria mulher catraieira realiza com a experiência da habilidade de suas próprias mãos o Oiapoque e a fronteira franco brasileira são ruas de rios. O serviço sistema de transporte público de catraias.

O porto de Oiapoque se diferencia pela má qualidade hidroviária e enquanto que o Rio de Oiapoque funciona como a verdadeira estradas de águas para o deslocamento do povo que são do município de Oiapoque, alguns vem da capital, e o povo ribeirinho que percorre a fronteira do Brasil e da França, e como se destaca o sistema de transporte público ineficiente sem estrutura e até inadequadas e a demanda que vem em crescimento torna-se uma caldeirão da Região Norte. A catraia surge para assegurar grande fluxo de pessoas, brasileiros e franceses que precisam se deslocar, mas hoje com o crescimento do desenvolvimento da cidade, as catraias hoje pulveriza ainda mais na evidenciar nos Portos que chegam até a

200 catraias oficiais segundo a fonte da Associação dos Catraieiros⁴, segundo informações coletadas⁵ no serviço público, o que torna ainda mais dificultoso esta profissão. As catraias é refletida nas ações dos novo fenômeno social, as mulheres, que emerge das relações Internacionais. Hoje ainda existe mas menos intenso a reconstrução de pontes e restam os remanescentes.

Rubi, concebe que no Porto é um local de encontros, conhecer pessoas, conhecer a história de vida que encontra no momento que está no porto, seja na entrada do percurso da rota na catraia ou quando não está nela, é uma conexão direta no contato com pessoas que histórias de vida são também vivenciadas, e é lá no Porto que ela Rubi se encontra com muitas pessoas que lá convivem, seja aquele que Há uma década que ela ganha a vida transportando cargas e pessoas pelo rio Oiapoque. Desde menina, Rubi aprendeu a manusear catraias com sua mãe e seu pai que também foram catraieiros ensinou este ofício para Rubi e seus 4 irmãos, todavia, estas vivências existe angustia e luta, alegria e frustrações, pois é no rio Oiapoque que se registra os fatos e acontecimentos de sua luta como uma mulher Catraieira.

O Rio Oiapoque é principal meio de subsistência para Rubi, emana da experiência de catraiar já é vivenciada cotidianamente, pois ela está organizada numa rotina de mais de 15 horas de trabalho, onde sua principal dificuldade é encontrar passageiros e fretes que ainda queiram e precisem desta atividade. No Rio Oiapoque deve-se respeitar os elementos da natureza na qual estão imbricadas, no vento, a maré e sem falar da ressaca pois é neste rio, que Rubi descreve as suas dores e alegrias, vive desse sustento, Rubi apreendeu a pilotar catraia a partir de suas vivencias desde aos doze anos e conseguiu aprimorar com o seu esposo. Em relação ao seu esposo ela relata que mesmo que ele a ajude na catraia, as suas tarefas de casa são distribuídas apenas para ela.

Ele meu esposo, me ajuda mas quando eu chego em casa eu vou lavar a louça, limpar a casa, resolver negócios em relação a decisões dentro do meu lar, eu decido, eu resolvo, sempre eu fico a frente disso eu perco pra ele na questão da força física, quando e nessa hora na catraia eu peço para ele fazer (RUBI, 2019).

⁴ Associação dos Catraieiros do Município de Oiapoque (nome fantasia ACOMO CNPJ 05.313.017/0001-12 Razão Social Associação dos Catraieiros do Município de Oiapoque data de abertura, 19/9/2007

⁵ Catraieiro brasileiro Presidente da Associação ACOMO, 2019.

Segundo Zaluar (1982), há uma explicação da fala de Rubi concernente ao fato da vida dela frente as relações, de papéis dentro da questão familiar e a profissional definição de papéis de Gênero:[...] *Enquanto a obrigação do homem é a de colocar comida na mesa.* No porto (Trapiche de Vila Vitória), a roda de conversa singular foi expressiva na fala da Catraieira. A história de vida e de quando iniciou a vida na pilotagem de Catraia perfazendo o percurso de Vila Vitória-BR e Saint-George-FR. Rubi, Profissão de piloto de Catraia, relata em depoimento algumas tensões que Rubi sofreu, ela faz uma retrospectiva no tempo, mas inicia externando a uma possível exclusão no trabalho entre os meios dos homens catraieiros:

As principais barreiras para mim como mulher foi de entrar no mercado de trabalho, acredito que há um preconceito, que muitas das vezes os homens que tem preconceito com mulher, para mim trabalhar nesse ramo, foi algo incrível, eu ser a 1ª (primeira) mulher a exercer a profissão de catraieira o lado Brasileiro, então eu tive muitas barreiras, muitas das vezes de pegar um passageiro, as pessoas ficavam me criticando na parada da catraia, teve uma vez que teve um homem disse para mim que até hoje eu não esqueço é de que eu estava com a canoa cheia de passageiro e esse homem olhou pra mim e disse e eu estava na proa da catraia e disse? : “Ai! Mulher no volante perigo constante!”, ele falou para todo mundo, mas eu creio num Deus que eu servia, porque eu tenho 10 dez anos de catraia, graças a Deus pro governo de muita gente eu nunca fiz um acidente ai nessa beira e tirei 7 pontos na carteira e teve homens que tiraram 4 pontos e ainda foi excluído no dia que nós fomos fazer a carteira, e eu sou muito realizada, porque todas as pessoas que andavam comigo, as vezes a passagem era 10 dez reais e ai me davam 20 vinte, 30 trinta só pelo fato de eu ser uma mulher corajosa e de estar trabalhando pegando sol e pegando chuva lá na canoa eu estando trabalhando fazendo transporte escolar no Wamary, então eu tive muitas barreiras (RUBI, 2019).

Segundo Rubi, ela atravessou na sua trajetória de vida, uma “lida”⁶, uma luta incessante de trabalho árduo, seja na catraia, seja em casa, seja tomando conta dos filhos, indo à escola para ver a situação escolar de seus filhos, seja na lavagem de roupa, de loucas, faxina na casa, administrar uma vila de kitnet com quatro casas dentro, administrar a catraia e tudo que ela necessita para a sua manutenção fazer cobrança das pessoas que embarcam no percurso escolar em euro e em real e ainda ter tempo para realizar trabalhos missionário junto a sua comunidade, para ela é harmonioso trabalhar na igreja aos finais de semana bem como no meio dela, se sente confortável e capaz de realizar desafios que somente ela compreende. Vejamos que expressa ainda para tanto as seus questionamentos no que concerne a Medidas de

⁶ Termo utilizado pela mulher catraieira quando ela retrata a luta diária de seus afazeres domésticos juntamente com o trabalho na catraia.

Políticas Públicas na sua profissão, aponta para algumas medidas, estas que precisa de mudanças, concebe que para alcançar estas mudanças, será a longo prazo, mas a esperança não perde de vista, algo significativo na sua vida, o papel da mulher nessa relação entre homens e mulheres uma ressignificação, do papel da mulher no mundo da pilotagem de catraias, porque acredita que para ser uma mulher catraieira cooperada, necessita ter uma melhor qualidade de vida, e requiere os seus direitos garantidos.

Teve uma época que meu esposo ficou doente no começo do nosso trabalho, quando doente e não podia catraiar e eu fui pra "lida" e fui pra batalha e ele ficava com as crianças, e ai eu ainda tinha que cuidar de casa e ainda trabalhar na canoa pra poder trazer o alimento para dentro de casa, foi uma época muito difícil que eu me lembro até hoje foi o um 1º primeiro motor que eu comprei que foi um 99 nunca esqueço dele, com o meu dinheiro com o meu mérito, eu cheguei no motor 99 e depois cheguei no motor 15, depois fui pro motor 40/2 dois tempos, depois 50/4 cinquenta quatro tempos e depois o Senhor me abençoou com um 60/4 sessenta quatro tempos e hoje eu tenho uma Canoa de 15 quinze metros para a honra e a glorificação do nome do Senhor, faço Transporte Escolar com o meu esposo e nós ganha numa faixa de 10 dez mil reais , no mínimo é de 3 três mil reais, para a Honra e Glória do Senhor, tenho muitas conquistas que para o meu esforço e do meu trabalho, porque se eu fosse outra mulher eu tinha desistido as primeiras críticas, tinham pessoas que queriam me bater na catraia, fazer um acidente comigo, só porque eu sou mulher eu vou ser a 1ª mulher a fazer um acidente na catraia mas, Deus ele me honrou e me honra até hoje pelo fato de eu ser a única mulher que exerce um cargo de catraieira, temos sócias sim, mas a única mulher que exerce o cargo sou eu, e mesmo doente eu trabalhava do mesmo jeito pra manter os meus filhos a minha casa juntamente com o meu esposo (RUBI, 2019)

O porto do Cais é o campo que desvela o mundo magico no sentido de revelar as histórias empíricas das mazelas que ocorre nas diversas dimensões no cultural das mulheres catraieiras,

Retoma criticamente a relação entre o antropólogo e o campo "mágico" e exótico da possessão. O seu ponto de partida nos revela outro objetivo: apoiando-se nas suas já foi associado tanto às mazelas dessa sociedade como às suas dimensões "culturais" mais valorizadas. A pesquisa antropológica me auxiliou como pesquisadora, a ter visões desse mundo específico de mulheres na pilotagem de catraia no Porto do Cais.

Assim por valorizar o fato de que a pesquisa antropológica é feita por indivíduos com interesses e condicionamentos estatutos e visões de mundo específicos. Oferece aos seus entrevistados um modo de presença na pesquisa que equivale em grande medida aquele que propõe para sí próprio (SILVA, 2000, p.17).

Rubi, narra ainda no trapiche que lembra como “abordava” os homens e mulheres para a frete e passageiros, porém, a tensão em trabalhar na catraia gerou muitas inquietações por estar Rubi no novo e no desconhecido.

Enfim, tive também abusos que muitas pessoas queriam pegar a catraia pra atravessar o rio e queriam fazer uma emboscada pra mim uma vez aconteceu que umas pessoas em Saint-Georges me chamaram e perguntaram quanto eu levava no Wamarry, e disse é tanto!, Mas como eu fui uma mulher sábia eu tive o 2º sentido não é sexto sentido e sim o segundo e vi que no coração daquele homem ele estava tramando outra coisa, mas aí fui sábia e falei para o meu esposo e falei para ele vamos comigo porque eu senti que ele quer fazer alguma coisa comigo e quando aqueles homens viram que meu marido ia, eles disseram que não queria mais o serviço, então boa coisa eles não estavam pensando, então foi muitas lutas e muitas batalhas e estamos aí fazendo o nosso trabalho e também fui fazer uma viagem na boca do rio que é na boca do Oceano Wamarry, tem muitos catraieiros que conhecem aonde é e enfim eu sou feliz e gosto muito desse trabalho e eu só foi carteira e eu agradeço a Deus e a um homem, apesar de muitos homens tentando fechar as portas pra mim na catraia (RUBI, 2019).

O Rio Oiapoque é um cenário que registra falas e acontecimentos, de medos de inseguranças as também esses fatos são evidenciados na violência simbólica, no qual a relação de poder está imbricada seja nas relações sócias e quem sabe até de trabalho. Segundo Rubi catraieira algumas tensões foram muito fortes, essa vivência ela relata que é a mais expressiva. Rubi narra ainda no trapiche que lembra como abordava os homens e mulheres para a frete e passageiros percebi que Rubi narrou num tom de voz muito confiante e determinada quando fala de um homem amigo que foi o que deu um total incentivo e que por ele tudo iniciou na catraia, reforça Rubi, 2019:

Mas teve um homem que me chamou e falou e o nome dele é T. B ele é Martiniquense, ele tem uma Associação aqui no Saint-Georges e ele me chamou e me lembro até hoje na ponte de Saint-George e ele disse assim pra mim” tu e uma mulher muito bonita tu vai pegar muito passageiro se tu for uma carteira, aí eu olhei pra ele assim e disse eu catraieira? E disse para ele eu nunca vou pegar no timão do motor desse eu tenho medo, e ele disse não! Tira a tua carteira e vai fazer catraia e eu mesmo te dou uma camisa pra ti trabalhar comigo, trabalhar com turismo essas coisas, e eu fiquei pensando que aquela ideia dele veio fluir na minha que se eu trabalho nesse ramo é que ele me deu essa ideia, e disse tu vai ser a 1ª catraieira dentro de Oiapoque, desde quando fundou o Oiapoque tu vai ser a 1ª catraieira e um dia uma pessoa vai te ver. Então de lá pra cá, fui, lutei pra tirar a minha carteira era 5 cinco dias de curso e eu adoeci e fui 2 dias na semana e no último dia da prova e eu ainda tirei 7 sete pontos na carteira, é bom ou não e? Então eu só tenho a agradecer a Deus e digo: você que é mulher que tem sonhos, o que importa e os seus sonhos, não importa a sua função qualquer cargo que ele colocar na sua vida, você mulher tem a capacidade (RUBI, 2019).

A mãe de Rubi é deficiente auditiva e a sua minha família passou por muitos conflitos no ano de 2015. Ela conta que sofreu vários abalos sentimentais, esse grande conflito refere-se a uma greve de catraieiros que foi divulgada em meios internacionais através da rádio local de Oiapoque, na TV local e internacional. A tragédia de um acidente fluvial no período da Greve que os catraieiros criaram para reivindicar a resolução da questão da criação da ponte Binacional e bem como os seus impactos sócio econômico e social na vida dos catraieiros que foram afetados diretamente segundo Rubi. Ressalta algumas lutas, aqui o relato de uma tragédia:

A primeira luta que posso falar que enfrento e enfrentei na profissão de catraieira, é que pra começar a falar é que eu passei por muitas lutas. No ano de 2009 quando eu entrei pra essa profissão eu tinha acabado de sair de um relacionamento e trabalhava a na casa dos outros, um mês me pagava e outro me enrolava, não tinha quem me desse, e a minha irmã me ajudava a comprar leite para os meus filhos. Eu conheci um catraieiro, ele, hoje meu atual esposo, na época só agente ali namorava na época e quando eu tava na ponte e esse homem me falou aquilo que eu ia ser uma catraieira, ai eu passei muitas lidas na canoa, porque meu motor era pequeno, mas meu irmão meu esposo todos trabalhavam e estávamos tão felizes e conquistando as nossas coisas, porque eu tinha conseguido a vaga, tirei a carteira e sempre trabalhei junto com ele em 2010, tive uma filha com ele, tive sim tribulações, mas venci. Quando foi em 2012 teve a greve dos Catraieiros que transitavam no Oiapoque-BR e no Saint-Georges-FR e ainda por cima estava ainda de resguardo e aconteceu que isso que aconteceu recebi uma notícia que me impactou e também ao Oiapoque, a França, na fronteira, o mundo viu aquilo pois foi passado na televisão, mexeu muito comigo, o meu irmão estava no lugar errado na hora errada agente se pergunta porquê? Pois ele não trabalhava a noite, por causa desse greve, os comerciantes e nenhum catraieiro respeitou e não paravam de trabalhar e eles continuavam a trabalhar naquele momento e eu pulava de catraia em catraia e pedia, gritava, para eles pararem, e disseram pessoa morreu! Foi meu irmão, naquela greve e pedia para me ajudarem a procurar meu irmão e os outros preocupados e uns nem ai, só queria satisfazer a sua própria ansiedade era botar dinheiro no bolso, eu desesperada e eu procurando com pé de pato para fundiar no rio, para ver se achava ele, quando de repente vi ele, buiando na frente do Saint – Georges, no mesmo lugar aonde ele caiu, ele tinha fraturas na cabeça e a morte deu afogamento. Essa foi a minha primeira luta (RUBI, 2019).

Topázio foi um tanto difícil a sua localização em detrimento de ser do outro lado de Oiapoque e tive que atravessar para o outro lado do rio de frente de Oiapoque, a fim de coletar informações à cerca as mulheres catraieiras no lado Francês.

Ao chegar ao Porto de Saint-Georges/FR, a pesquisa foi iniciada. Realizei uma busca local, concernente qual a Associação que existia neste percurso, e após, encontrei um homem catraieiro Associado, e tomei informações a respeito.

O catraieiro relatou ser cunhado de uma mulher catraieira e que daria o contato inicial via celular de seu irmão que é esposo da mulher catraieira, porém naquele dia não teve sucesso, pois estavam resolvendo algumas questões particulares talvez fosse em Guiana Francesa, naquele dia fora de Saint-Georges, inviabilizando deste modo a pesquisa. Segundo o homem informante, cunhado da mulher catraieira e também um Associado na referida Associação, afirmou que a mulher catraieira estava acompanhando seu esposo para Cayena/FR, pois o esposo era Presidente da Associação.

Em frente à Praça de Saint George, o informante gentilmente cedeu o número de telefone do seu irmão que é Presidente da Associação e me apresentou, deste modo, aproveitamos o ensejo e já fomos agendando a pesquisa para o início janeiro de 2019 para conhecer a mulher catraieira Francesa. Retornei para aquele mesmo local depois de três dias. Cheguei no Porto, a fim de alvejar as mulheres que trabalham na Catraia no lado Francês. Para localizar Topázio para a realização da pesquisa foi um trabalho um pouco árduo. Pois a casa Topázio fica há mais de dez quadras de dentro da Comunidade, o que causou medo e ansiedade por estar circulando na cidade sem a devida autorização, porém, como pesquisadora cuidei de ir na PAF para pedir uma autorização para circular dentro da Comunidade.

Neste mesmo dia consegui a Carteira Transfronteiriça, na qual oportunizou-me adentrar-me nas ruas e chegar até a casa de topázio. Eles já me aguardavam na sua casa. O esposo de Topázio recebeu-me respeitosamente e como Presidente autorizou a entrevista com a mulher catraieira nos apresentamos. Topázio é dupla nacionalidade Brasileira e Francesa, 40 anos de idade é mãe de 9 filhos entre estes com a faixa etária entre 02 meses de vida à 16 anos, casada, indígena fala 3 idiomas, Tupi, Português e Frances, de estatura mediana, de pele morena, cabelos extremamente lisos e muito compridos até ao final da sua costa e de olhos amendoados, estava amamentando seu bebê recém -nascido, e mulher que aparentava muito simples. Topázio ao ser convidada a conversar comigo se recusou, não quis. Seu esposo interferiu. A mesma delicadamente ressurge na sala e resolve me atender. Conversamos à cerca de sua trajetória de vida, sobre a catraia, sobre o significado do rio para ela. Informando que a catraieira reside na Comunidade de Saint- Georges comunidade da França Cooperada há 01 ano na Association des Pirogueiros de Saint Georges APS. Esta Associação não possui

Sede própria, cedido a Prefeitura de Saint-Georges o local para realizar as reuniões mensais e é lá que Topázio se encontra com os 23 Associados para discutir as questões relacionadas a catraia. Topázio residente na Rua Loti Savane s/n em Saint-Georges, acompanha seu esposo nesta jornada de trabalho há mais de duas décadas. Para localizar Topázio para a realização da pesquisa foi um trabalho um pouco árduo. Este segundo para Topázio foi muito conflitos pois não é acostumada a realizar esta atividade. Observei que no porto tive uma receptividade, pois coletar a informação local é bem viável as pessoas que encontrei como os brasileiros que moram lá e aqueles eu estava de passagem me ajudaram a chegar na casa de Topázio.

O Porto de Saint-Georges tem pessoas de diversas localidades como indígenas, Creoles, Franceses e Brasileiros, as ruas tem placas o que favorecem a localização e sem falar do correio que encontrei no meio da rua e lá estava o nome da família de Topázio bem como nome rua e número da casa, o que certo modo, favoreceu a ajuda na localização da residência e sem falar da autorização que como pesquisadora consegui em tempo hábil. A pesquisa em Saint-George foi o muito cansativa, encontramos um local para fazer cambio e uma loja Coreana localizada em frente à praça e lá pude ver dezenas de brasileiros realizando compras, a aceitação da moeda em real, o que me ajudou a comprar água para prosseguir o caminho de vinte quadras dez para ir e dez para voltar, sem falar do percurso até o Porto de Saint-Georges até a travessia para o Oiapoque que leva em tono de trinta minutos. Topázio narra suas histórias de vida, como foi construída entre conquistas e desafios.

No dia 14 de janeiro de 2019, às 16h00, no endereço residente Loti Savane sn /de Saint-Georges-FR, o depoimento da Catraieira da Association das Pirogueires de Saint-Georges –FR a APS. Topázio narra relatando que é natural da República Francesa mais tem dupla nacionalidade, aos 40 anos, profissão catraieira, a profissão de catraieira iniciou-se há 5 cinco anos atrás, em 2014. O seu esposo, criou uma Associação de Catraieiros para ajudar na região e também para melhorar a qualidade de vida. Ela está associada desde o ano de 2018. Todavia Topázio não pilota na catraia para realizar atividades de trabalho dentro da Associação, porém, comenta que:

Eu estou aqui na Associação para ajudar o seu marido. Não gosto de pilotar, gosto de ficar em casa tomando conta dos meus filhos, meu marido é o Presidente da Associação a APS, depois que tive os meus filhos que o total de 9 nove, passei a assumir o lugar na casa. Com filhos pequenos ainda de colo, sei que é difícil pilotar na catraia exercer a profissão tendo que cuidar dos 9 filhos, bebê, crianças e adolescentes fica muito difícil e gosto de ficar em casa. Ele é quem trabalha no taxi e na catraia (TOPÁZIO, 2019).

A família para Topázio (2019), é como eixo principal de sua vida. Ela externa visivelmente quando fala de seu marido e de seus filhos. *“A vaga que queria na Associação APS para ajudar o seu marido, eu possuo o SEJUR, mas o meu marido ainda não tem”*.

Topázio apresenta características culturais de camponesa rural. Ela apresenta em seu comportamento atitudes com relação ao mercado e ao seu povoado indígena. Ao decidir ficar no seu lar e tomar conta de seus nove filhos e ao mesmo estar relacionada as relações comerciais da Catraia, e estar Cooperada Association des Pirogueires de Saint-Georges, nesta inter-relação ocorre uma manifestação de uma cultura numa tradição e que apresente uma visão de mundo totalmente presente mesmo que inconsciente.

A comparação é de ainda faltam muitas medidas de políticas públicas que atendam no País tanto no Brasil quanto na França, aqui em Saint -Georges a vida e mais cara relação ao Brasil por causa da moeda, todavia, muitas mulheres brasileiras vem para cá para tomar de conta de criança, trabalham em empresas públicas e privadas. Muitas delas possui 2 habitações uma na Vila Vitória-BR e só atravessar de catraia para lá com duração de 5 minutos. Dá pra trabalhar e ter um pouco uma vida melhor nessa corredor transfronteiriço, pois a mulher brasileira consegue se manter por ainda ter espaço de trabalho para a área feminina.

Ainda na Política de controle existe a DEAL R03 2018-02-19-016 Parada Decisão temporária de limitação de navegação da parte Francesa do Rio Oiapoque. Esta Lei foi criada recentemente, com o intuito de controlar o horário das embarcações de trafegar após as 20h00. Todavia, o que se sabe que este controle não está operacionaliza. A política de controle é violada por esses mesmos. Muito de Franceses e Brasileiros vão em busca de ir para o Brasil por ser uma local de fácil acesso de casas de shows, bares, boates, prostituição, drogas, o que a na comunidade de Saint-Georges é sem dúvida controlada em detrimento de ter policiamento ostensivo nas ruas. Portanto a noite não é limitado o horário de trafego no local de Saint-Georges-FR até Vila /vitória BR e até mesmo ao Oiapoque-BR.

Homens e mulheres catraieiros formam um grupo de força no Oiapoque o que assegura todo o alinhamento na rota que interliga o transporte fluvial, Oiapoque e Saint-Georges. Na diferença nas suas representações sociais, os homens e mulheres chegam até a ganhar mais de 6mil reais, se não fosse as apreensões que ocorre na política de controle do País Francês e daqui do lado brasileiro a política do controle da marinha, que muitas dessas catraias são presas ao serem pegas, todavia, não inibe para eles o novo amanhecer, a nova ressignificação de homens e mulheres em busca do trabalho, ou do desenvolvimento, nas suas representações simbólicas, ou nas políticas, ou na histórica ou na social. Perguntei a Topázio o que rio representa para ela? Ela respondeu:

O rio, eu gosto da água do vento, de tudo, tudo pra mim, porque eu pesco nele, nado, tomo banho com meus filhos e brincamos na água é de que vem o sustento dos meu esposo e de todos os meus filhos. Tive muitos momento felizes no rio (TOPÁZIO, 2019).

Safira, catraieira brasileira de 50 anos, tem 6 filhos e 9 netas, trabalha há mais de 30 anos na catraia, moradora em Clevelândia do Norte/BR. Ao ser convidada a participar desta pesquisa de campo, seu olhar fica estático, de voz de tom baixa, não mostra-se entusiasmada, porém, aceita em revelar as muitas histórias que pretende narrar de suas experiências de vida, observo que Safira tem aparência de estatura mediana, é forte, raça negra, cabelos negros, pele queimada do sol, suas feições mostra-se entristecida ao falar comigo.

Afirma que trabalha na clandestinidade, isto é, de maneira autônoma, na base da informalidade na fronteira região localizada e que sua rotina e de atravessar pessoas que querem ir para o lado Francês para o Garimpo, e a sua especialidade é de atravessar, nunca trabalhou de carteira assinada e trabalha por conta própria, moradora há muito tempo em Clevelândia do Norte, de família numerosa ambos moram um próximo do outro, seus filhos moram numa mesma casa entre estes adultos e netos, ressalta que faz questão que todos possam ficar por ali “Já vi muita gente nascer e morrer aqui em Clevelândia.” Safira, 2019. A sua infância foi toda envolvida na aproximação de ver seus pais no manejo das catraias o que facilita esta intimidade com ela. Ao falar do que o rio significa, expressa um grande envolvimento diário submergida na sua subjetividade. Safira enfatiza:

Falar do que o rio é pra mim é tudo! há é tudo mesmo! Não me vejo nunca longe dele! Trabalhava desde menina na catraia aprendi com a mamãe, mas já fiz um pouco de tudo, com o papai aprendi até a pescar, já trabalhei na roça e já trabalhei plantando mandioca, árvores frutíferas, plantas, e gosto muito de flores, e gosto muito muito da minha missão que é de atravessar pessoas que precisam de mim, do frete, atravesso combustível, sacas de comida e até imóveis, que eles levam para os garimpos, muitos vão até lá em busca de uma vida melhor (SAFIRA, 2019).

No Rio Oiapoque deve-se respeitar os elementos da natureza na qual estão imbricadas, no vento, a maré e sem falar da ressaca pois é neste rio, Safira descreve as suas dores e alegrias, vive desse sustento e continua a falar:

Tive muitos encontros e desencontros no rio Oiapoque. Muitas vezes me via feliz e muitas vezes me via triste. Tive muitos amores, muitas aventuras homens que eu conheci e que eles iam e também se foram. Mas no meio de tanta felicidade que era momentânea tive momentos de muita e profunda tristeza. Quando eu “subia o rio” eu tive momentos de desistir. Subir é muito difícil, por causa das águas do Rio que é muito forte, e la nesta hora pode ver a minha força, a força de comandar aquela catraia com um bando de gente dentro. Uma tristeza é de que um dia eu “perdi” num acidente na Catraia rumo a vila Brasil Camupí, um lugar muito longe são 8 horas de catraia e uma localidade de difícil acesso pra chegar por causa das cachoeiras, eles compram alimentos, combustível para lá pois aqui no Brasil é mais barato e ai tudo é um risco pois o dinheiro lá é em Euro. Neste dia estava chovendo muito, era um pau d’água, mas eu avisei pra eles pra todos o risco que poderia sofrer, naquele tempo eu não tenho uma ligação com Deus e não cheguei a olhar para o rio, o rio era apenas o rio, depois disso eu mudei meu pensamento, hoje eu respeito o rio e foi que neste acidente que perdi esta criança um recém-nascido, e nessa foi a pior parte da história de vida que eu até hoje passei. A mãe sabia do risco estava parida e o pai do gêmeos estava lá esperando eles, nessa hora terrível que as aguas subiram muito e estava muito agitada e chovendo demais deu um vento muito forte e a catraia não se firmou, um menino ficou na catraia e o outro eu perdi. Ele o gêmeos caiu na água e a água é muito forte demais, é muito difícil subir tem que ter muita forças nas mãos e muita fé, e muita coragem, chegamos a resgatar a mãe e ainda um no peito que ainda estava mamando. Eu passei muito tempo descontraada pensativa sem coragem para encarar a vida de novo e tornar a subir, neste dia que eu perdi o menino gêmeo, eu desci o Rio, é mais fácil descer porque o vento ajuda seguir o mesmo destino, e vim com o corpo na catraia mas a mente tava longe. Eu nunca vou me esquecer daquele dia. Todos se salvaram menos ele! Meu coração dói até hoje! (SAFIRA, 2019).

Homens e mulheres são diferentes corporalmente tanto na questão da aparência física, tanto no seu mundo interior organicamente, biologicamente, o que torna uma nova ressignificação do papel da mulher frente ao papel exercido pelo homem. Segundo Motta, (1977, p.17), “a diferença entre homens e mulheres, radicada pesadamente no corpo, transforma, na verdade, as mulheres numa linguagem de sistemas simbólicos – que tem sua correspondência plena nas práticas sociais”.

Comecei a ensinar a minha filha a catraiar desde pequenininha. Hoje ela tá mulher feita e já sabe que a “lida” da vida é essa! O rio eu respeito, pois não sei se volto, quando eu vou nos eu e minha filha nos despedimos sempre, pois nunca se sabe o que a bravura das águas são capazes de fazer. Rezo a Deus e sei que Deus vai me ajudar a chegar, a cada vez eu me sinto mais forte, forte para aguentar a lida. Mas eu preciso ir, preciso mostrar para os meus filhos que a mãe deles é forte, corajosa e guerreira. Quando chego na catraia em casa é uma festa. Recebida com beijos dos meus netos e de meus filhos. Já me pediram pra parar, mas não consigo. O rio desta água tá dentro de mim dentro da minha vida, não me vejo parar até que um dia Deus me chame para outro lugar porque sei que um dia vou. Às vezes eu fico olhando para o rio e deixo ele falar comigo, pois eu converso com ele, eu sinto se dá para subir sinto ele, quando eu sinto uma tristeza no meu coração eu não me arrisco não depende do que eu sinto. Falo isso pra eles pros meus filhos, eles me respeitam, quando eu digo que dá, dá quando digo é hora de parar todos me respeitam, que eu respeito as águas do Rio Oiapoque, as cachoeiras do ado francês para se chegar até a vila Brasil, é uma grande aventura, sempre tenho uma história para contar a cada viagem. Se eu fosse contar tudo e toda história não sairia nem daqui, mas te conto, que estas foram pra mim as mais difícil, a que tive mais medo porque senti que com a força da água não se brinca principalmente quando está chovendo as águas sobem e a catraia perde a direção mesmo que eu tenha a prática de catraiar, não depende só de mim e sim de Deus, é Deus que me guia, e Deus que fala comigo tudo pra mim é Deus (SAFIRA, 2019).

Para compreender a fala de Safira parto da concepção de que para ela respeitar às águas do Rio Oiapoque, é interessante observar a explicação ademais, “A importância de que o etnógrafo de campo deve analisar com seriedade a moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura” (MALINOVSKY, 1978, p.24):

Não tenho mais apego com a beleza. Sou assim, e ser assim é muito difícil! Dedico a minha vida a minha família e ao meu esposo, amo a natureza, principalmente o rio. Acredito no amor, achei, esse Deus! Ele é lindo! É tudo pra mim. Nos momentos de solidão e de tristeza e com ele que me ponho a falar, olhando pra esse céu lindo, quando vou pra catraia e faço a viagem pra longe, Wanarry e muito distante muito perigoso. Enquanto piloto, eu percebo que cada dia mais eu supero um obstáculo, uma luta a cada viagem, mas uma coisa eu sei que quando já estou pertinho de chegar em casa eu já vejo de longe a nossa casa que fica na beira do rio, posso sentir, posso ver, meus filhos, as vezes nem todos estão me esperando mas na boca da noite todos se reúnem eles e a meus netos. Para mim, é a coisa mais importante de descobri esses dias que sem Deus e sem meus filhos meus netos, meu marido, minha catraia e o rio, ai! o que seria de mim! Acho que nada! Obrigada meu Deus por tudo isso! (SAFIRA, 2019).

Safira aparentou uma tristeza. Neste dia da entrevista em sua casa em Clevelândia do Norte, mostrou uma tristeza muito grande. Externou que estava atravessando um momento de turbulência. Todavia, de olhares distanciados. Safira, narra que em meio as tempestades da vida, luta, desilusões, tristezas, em detrimento de estar muito no rio viajando e a cada viagem cumprindo seu papel de mulher trabalhadora, a cada viagem era um obstáculo, trabalho era pesado, porém,

era o que mais sabia fazer. Safira preparou um peixe para o jantar e nos convidou a ceiar, todos estavam próximos da mesa filhos e netos. Após o jantar nos pusemos a conversar em frente ao luar encostados na catraia, relatava ainda que ao chegar em casa era de costume ela e seus filhos ficarem juntos e conversar o que tinha acontecido enquanto viajava. Colocava as questões, desafios da viagem, das pessoas que levou o que conversavam, pessoas novas que descobriram, os resultados financeiros do frete, o valor ganho com muita dificuldade, a cada viagem ela tinha uma história, umas alegres vezes outras tenebrosas sob a responsabilidade de ir mas também de chegar. Revelava que sentia-se competente em pilotar catraia sabendo que era um trabalho pesado, em meio a tantas ocasiões que resultaram em experiências de encantos mas desencantos também, caracterizava as relevâncias do movimento da maré e como foram executadas as compras e volta da França para o Brasil.

O tempo fala, o tempo revela, o tempo mostra a relação do outro e a sua própria relação. Percebi que Safira tem uma grande percepção de como ver o outro. Esta ante penúltima pesquisa aparentou sofrimento naquela família, a necessidade de cada um ter o seu próprio tempo, simplesmente um tempo para uma nova descoberta, um renovo.

A crença de Safira, leva nesta à ou desencantamento em sua vida. Nos despedimos depois do jantar sobre agradecemos entre fortes olhares e abraços.

Esmeralda, catraieira 28 anos, Brasileira, casada, mãe de 4 filhos, filha de Safira reside em Clevelândia do Norte, localizada na região Norte do Município de Oiapoque. Esmeralda, neta de índia, desde criança acompanha sua mãe na catraia. Acolheu a pesquisa muito em harmonia ao ser convidada pela pesquisadora. Esmeralda é uma jovem mulher de cabelos cumpridos e de olhar singelo, de sorrisos largos, gosta muita da natureza de plantas, de crianças e de sua família, principalmente quando fala de sua mãe, para Esmeralda ela é referência.

O porto é o local de encontros na comunidade de Clevelândia do Norte, ela e sua mãe são muito conhecidas na localidade pela sua dinamicidade, por ser mulher catraieira, valente e por ter coragem de enfrentar os fenômenos que lá ocorrem na mata fechada do rio Oiapoque que beirando para o lado Francês.

Sua crença tornou-se evangélica sobre uma forte tensão em sua vida de casada. Sofreu alguns conflitos na família, no trabalho e nos estudos, o que tornou a sua comunhão com Deus. Relata. Ela com 4 filhos pequenos entre 01 ano de vida à

12, foi uma dificuldade tentar recuperar alguns conflitos na família. Passou muitos dias de sofrimento, e apática em detrimento disto. Esmeralda conta com bastante tranquilidade.

O rio para Esmeralda é algo muito familiar, toda a sua trajetória de vida foi imbricada nas atividades sobre as ruas, que é o rio de Oiapoque. Esmeralda, fala com muita simplicidade do que já conviveu nas águas. Contou que a sua mãe ao viajar ela fica com o coração na mão, enfrentar a cachoeira do lado Francês não é muito fácil. Necessita de muita habilidade e intimidade com o rio. As vezes acha que nem sempre a águas do rio está ao seu favor. Fala de Deus. Deus para ela é tudo. As suas dores são saradas ao ter este encontro com Deus, segundo Esmeralda.

Na catraia Esmeralda conta que pilota a catraia quando necessita fazer as viagens, fretes e rios, na comunidade Francesa. Cita que faz viagem para a sua própria necessidade. Ressalta a sua relação do rio e a pesca. Esmeralda relata que gosta de pescar e de viajar. Não viaja com muita frequência em detrimento das crianças. Necessita fazer o papel do lar neste momento. É muito favorável de morar na beira do rio Oiapoque em Clevelândia. Gosta muito de nadar e tomar banho com os sus filhos. Esmeralda teve um sonho e conta que conseguiu. Pleiteou uma vaga na Universidade Federal do Amapá no curso de História no Campus Binacional. Passou por muita dificuldade na Universidade por morar em Clevelândia não tinha transporte que a favoreça. Enfrentava grandes conflitos em relação a isso. Faltou muitas aulas em detrimento desta dificuldade, segundo Esmeralda. Afirma que a Universidade para ela é uma nova experiência como mulher Catraieira. Não deixa de afirmar quando chega da aula no final de semana aproveita e fica horas na beira do rio. O rio para Esmeralda é um pedaço dela.

Todos os dias Esmeralda vai à beira do Caes e sente que sua vivência e a sua experiência começa tudo por ali. A natureza a sensibiliza quando necessita pensar e resolver questões de sua casa. Esmeralda quando se formar deseja trabalhar na escola que tem em Clevelândia. Ensina seus filhos na tarefa de escola e também mostra a seus filhos a sua vivência do dia a dia na sua casa, pilotar catraia para Esmeralda é um sinal que Deus está com ela. Diz que vê Deus na sua catraia gosta de entrar e ao sair para qualquer atividade que realize seja na atividade de afretamento fluvial na catraia, seja na pilotagem dela ou para navegar para levar os filhos para Saint-Georges dia a dia. Diz que é feliz como mulher, com mãe, como acadêmica, como piloto de catraia.

Quanto a questão do Cais fala da clandestinidade que necessita agir desta forma por causa da própria sobrevivência. Anuncia que menos gosto de contar é os acidentes na catraia. “É muito duído saber que temos que levar essa gente, mas sem saber se voltamos em paz, mas esse é o nosso papel de mulher ser forte, ser guerreira e nunca desistir!”. (ESMERALDA, 2019).

Gesticula e olha para o céu ao ser interrogada sobre o que significa o rio, a catraia e sua família. “Para mim o rio é o meu movimento Quando eu tô alegre eu piloto com muita alegria, canto na catraia meus hinos de louvor e gosto muito de contar o que Deus fez na minha vida. Conto, canto e explicou as pessoas que entram sem fé nessa catraia que o que Deus fez na minha vida foi algo espetacular salvou o meu casamento!” (ESMERALDA, 2019).

Na minha casa eu oro a Deus pela minha mãe meus filhos pelo os que embarcam na catraia que querem vender suas coisas para lá. Temos muitos amigos. Fizemos muitos amigos na verdade. Pois a mamãe pilota há muito tempo! (ESMERALDA, 2019)

A Fronteira é ponto de passagem, é um rio que revela no Cais que aporta mulheres, *denota muito mais que uma simples divisão em território e ou divisão de águas [...]* “As forças são distribuídas não se pode correr o risco de fingir com elas...” (CERTEAU, 1996, p.101).

Tanto Rubi, Topázio e Esmeralda estão nessa relação da Tradição Antropológica, a suas relações então imbricadas culturalmente, na atividade entre os mercados e os povoados. Segundo a autora ela explica isto muito bem:

Neste sentido, suas ideias sobre o corpo humano e, aí, sobre a diferença entre homens e mulheres, a partir desse parâmetro, podem nos ajudar a entender essa tão forte recusa em relação às mulheres, assinalada aqui (MOTTA-MAUÉS, 1977, p.16).

No domínio do Cais que aporta Mulheres em Fronteira, as ideias estabelecidas e as demais que se olha e que se desvela no campo, serve de modelo simbólico, porém, a diversidade dos perfis que estas quatro mulheres catraieiras, duas que trabalham na clandestinidade e duas no trabalho formal, demonstram historicamente e hierarquicamente alguns sinais que conceberam no convívio social e familiar.

3 MULHERES CATRAIEIRAS: UM SUJEITO QUE NÃO SE ENQUADRA?

O terceiro capítulo transcorre por difundir como se dá o movimento contínuo laboral exercidas das mulheres catraieiras, quanto a sua inserção do processo de ensino para seus filhos e de aprendizados de seus antepassados, toda esta dinâmica está atrelada pelas suas representações, de seus valores, isto é, seus saberes culturais. Percebo que estes saberes está associada de interferências pessoais, subjetivos, passada de geração em geração, em face a iluminação em manusear catraias, ademais, suas convivências percorrem caminhos, geradas das relações proximais, abeirar, os que também perpassam no Cais, porém, resalto aqui, que estas questões de representações estão intrinsicamente imbricadas no encadeamento do poder, pulverizadas em inúmeras estruturas facetadas, que, evolutivamente, historicamente, são representadas no formalismo masculino.

No século XX, manifestaram as relações representadas simbolicamente, estas, incorporadas no sexo masculino e feminino no qual foi apoderada nos arranjos estruturais pela necessidade do fenômeno social feminino, no qual, sucedeu a declinação, todavia, a concepção de sua ascendência a subalternidade. Nos tempos atuais as expectativas foram aceleradas quanto ao papel da mulher subjulgada, isto é, dominada em face a construção da sua própria história, não relevante como objeto, porém, age como protagonista do âmbito social, impostas nas esferas sistêmicas simbólicas no que concerne ao preceito masculino, que de fato, insinua a voracidade comparada a realidade da vida no qual estão inseridos, para tanto, que o homem adquira a dignidade dos direitos universais numa sociedade mais justa mais igualitária, partindo do pressuposto das diferenças, equânimes, isto é, o encruzamento para sermos todos iguais. No entanto, a análise se dá, do ponto de vista que é concernente a estas relações, entre homens e mulheres das inseridas nestas relações sociais, o defrontamento se dá na vertente analítica, porém, desalinhado aos preceitos ao fortalecimento do poder, não obstante, a manifestação está ancorada a exposição, à luz das implicações da diferença social, simbólica e política que se manifestam nos corpos representadas nestas quatro mulheres: Esmeralda, Safira, Rubi e Topázio.

Considero, as tensões bem como os aspectos negativos da mundialização, e refutações no que referendo o tema em discussão. Saliento o núcleo dos problemas da mundialização, paulatinamente, alavancada no cenário da

desigualdade social, em planejamento subalterno, o poder e a renda da população que em maior parte estão aglomerados nas mãos de poucas pessoas, atreladas aos preceitos a questão às contradições do capitalismo.

Ademais, acusa-se a globalização de desencadear uma desigual forma de se comunicar, referenciando-se aqui os diferentes territórios, aqueles que trazem na bagagem os seus valores, suas culturas, seus princípios morais ou até mesmo, seus princípios educacionais, sem falar naqueles reproduzidos a totalidade da ideologia que valoriza ao domínio. Gera-se várias análises segundo alguns teóricos, que, os principais centros do poder favorecem um controle, ou, detém influências nas esferas de algumas regiões que são distribuídas economicamente e que sem dúvida chegam a terem maior desfavorecimento de suas matrizes tradicionais, o que resulta deste modo, na mutação das relações sociais, pela sua própria estrutura, excitando de sobre modo a discussão temática, que são tecidos para análise, no cerne do sistema capitalista, todavia, antagonizam a inclusão de gênero, do pluralismo cultural, bem como a diversidade sexual.

O preconceito que as mulheres pilotas de catraias vivenciam, são frutos de resistência e de poder. As suas histórias de vida são perpassadas por alegrias entre tensões, conseqüentemente, sofrem preconceitos que são impostas pela sociedade masculina, muitas vezes ao impor o seu conhecimento, além da força física, demonstram a sua sabedoria que é equivalente a dos homens, garantindo assim a mesma habilidade no catraiar. Neste sentido, comparada aos homens pode não ter a mesma resistência biológica, e nem a força bruta que o homem possui, mas, manifesta ter mais agilidade, perspicácia, entendimento, conhecimento, habilidades diversas simultâneas de execução de tarefas no trabalho na catraia, isso deva-se, as suas experiências advindas ao decorrer do tempo, das contribuições oriundas de novas experiências, nas práticas de atracar e desatracar no porto, pilotar no rio, o domínio de chegar ao percurso destinado, embarcar e desembarcar mercadorias em “meio força” além é claro, dos clientes que elas conquistam, muitos, embarcam e retornam por sentir-se seguros, infelizmente, o preconceito vivenciado por elas, demonstram que muitos homens acreditam que elas não dão conta do serviço, por ser mulher, e não adquirirem confiança, reforçando ainda mais esse preconceito. Muitos homens querem ver como ela pilota, chegam, até a dobrar o preço da passagem pois preferem estar sob a dinâmica de ser guiado e de ver como ela se sai, geralmente os franceses admiram essa profissão. A mulher no decorrer,

foi ganhando espaço no lugar de trabalho pela a sua simplicidade de agradar a sua clientela, adquiriu a conquista. Todavia, a concorrência do sexo oposto demonstra uma certa ambição. A mulher quer entrar no mercado à muito tempo, mas, não encontrava espaço e sofre muitos preconceitos, e de um certo tempo para cá, ela se insere com mais intensidade frente trabalho, a sua perspectiva só foi aumentando, ganhando espaço neste mercado, muitos homens concordam, porém, muitos refutam, o que ocasiona a permanência do preconceito.

Os relatos de vida dos comportamentos e experiência das mulheres catraieiras, permanecem no passado em suas memórias, estas, vivenciadas ainda no presente, seu contexto de vida registrados em diferentes momentos, a vida social do presente é fruto do passado, constatada em resultados e sobre tudo, no reflexo que é estabelecida de suas memórias, ademais, de uma identidade social, diferenciada, como afirma Bourdieu,1986, segundo a biografia.

Segundo a abordagem da discussão por Pierre Bourdieu, analiticamente, aborda uma criticidade concernente as ferramentas biográficas, nas quais são estabelecidas em alguns momentos da criação escrita, para isto, ele refere-se ao chamado de ilusão Biográfica.

A “ilusão biográfica” segundo Pierre Bourdieu é um paradigma que não refuta a crítica. Para compreender este processo memorial, é relevante sobretudo, voltar a história de vida do indivíduo, preconizados dos relatos e dos acontecimentos fictícios ou dos contos, concernentes a sua trajetória de vida, ademais, a “história de uma vida”, de tal modo que, logicamente e cronologicamente estejam relativizadas a revelar a sua vida como “a junção de acontecimentos de pessoas, coletivas retratada em história para o contado de uma outra história” e ou:

Um todo, um conjunto, coerente e orientando, que pode e deve ser aprendido como expressão unitária de uma “intenção” objetivo e subjetiva de um projeto: a noção Sartreana de “projeto original” coloca explicitamente o que está implicado nos “já”, “por conseguintes”, “desde a mais tenra idade”, etc., de biografias ordinárias ou nos (“sempre amei a música”) das “histórias de vida (BOURDIEU,1986, p.69).

A avaliação crítica de se estabelecer a organização de vários episódios, o que se percebe na harmonia, deste modo de uma reinvenção artificial, de sobre modo não ocorrem nos acontecimentos como aparecem. A identidade socialmente é contemplada.

A análise da história de vida de um sujeito, se estrutura nos episódios que foram construídos organicamente, os realizados pelas histórias de vida, que estão imbricados socialmente, sobre modo, a trajetória de vida são elencadas pelos mesmos sujeitos ou por povos, segundo, Bourdieu, (1986, p. 71), “Noção de trajetória como serie de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo) num espaço em devir e sujeito a incessante transformações”.

Para entender o desafio de uma trajetória de vida deve-se primeiro estabelecer o reconhecimento de todas as relações, as de cunhagem de objetivar os povos inseridos no mesmo lócus.

o conjunto de posições simultaneamente ocupadas num momento dado por uma individualidade biológica socialmente instituída como suporte de conjunto de atributos e de atribuições que lhe são próprias e lhe permitem intervir como agente eficientes nos diferentes campos (BOURDIEU, 1986, p.72).

O que é ilusão biográfica? É uma espécie de ficção apoiada em instruções de autorização de unificação de si que direciona atribuição, de sentidos e a busca de coerência aos acontecimentos considerados, pelo narrador como mais significativos na história de sua vida. Em outras palavras, e a ilusão retrospectiva finalista de concatenação de fatos e acontecimentos, cuja causalidade e implicação são constituídos a posteriores, de acordo com o contexto de narração da história.

Dela decorre a vida como um todo, um “conjunto coerente, orientando, o que só pode ser apreendida como a expressão unitária de uma intenção, subjetiva, e objetiva, que se anuncia em todas as experiências, sobretudo as mais antigas”

a vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como um caminho, uma carreira, com suas encruzilhadas e suas emboscadas, ou como uma caminhada, um caminho que se faz e que está por fazer, uma *cursus*, uma viagem, um percurso, um deslocamento linear e unidirecional que comporta um começo (‘uma estréia na vida’), etapas e um fim, no duplo sentido do termo e de abjetivo (‘ele fará seu caminho’) significa: será bem- sucedido na vida’), um fim da história (BOURDIEU, 2005, p.404).

Certamente, suas críticas enfatizarão os perigos que ele incorreu ao desconsiderar a noção de trajetória frente aos relatos deacronicamente lineares que caracterização as história de vida esses cuidados não invalidado, no entanto o ousado de material biográfico no qual as história de vida respondem por a penas uma parcela. Há inquietação de conceituar em entendimento o que seria Gênero. Gênero

é a junção de características próprias e divergenciadas entre masculinidade e feminilidade. Ademais, o contexto onde estão inseridos pode-se incluir nos seus atributos o sexo biológico, porém, as estruturas sociais que estão inseridas em sexo ou até mesmo em identidade de gênero.

As discussões pela inclusão de gênero são gerenciadas por mulheres, porém, tímidas, para pilarizar uma reorganização que edifique as relações cooperativistas e uma edificação altruística entre os sexos, o que alcance nesta discussão das estruturas do poder da ordem como se apresentam no mundo, porque o poder serve para ser eficazmente mantenedora do regulamento, da humanidade.

O poder leva a prescrição, o que de fato desconstrói ao enunciado da voz, em efeito, ao emudecimento da voz das mulheres, sob a exclusão, a negação não permite a entrada de sua herança em face aos preceitos no cunho econômico e cultural, pois a argumentação da inclusão reverbera sob a égide da legitimação da capacidade de ser uma protagonista de sua própria história, o que cria e recria, porém, no poder há a tendência de uma desconstrução de adquirir direitos, pois visa romper as barreiras da igualdade, dos direitos, da justiça e a desconsolidação, o que não se alcança e não se objetiva, pois seria melhor alinhá-los como elementos produtivos, deste modo, chegar aos níveis para agregar-se como homens e mulheres que se enquadra nos setores sócio econômico político culturais.

Neste sentido, o antagonismo no cunho socioeconômico e nas relações da realidade simbólica entre homem e mulher, pois não há semelhança dos aspectos biológicos, daí a questão analítica paradoxal, ambos, estão sujeitos a discriminação, por dizerem que a mulher é o sexo frágil algo misticismo que pulveriza na sociedade, o que as torna menor desigual, descompensada, inferior, subordinada, alienada, mesmo que se retrate ao mundo pós- modernista ainda há resquícios e tabus, o poder de reprodução passada de geração em geração.

A reprodução do poder infere na sociedade de forma sagaz, e que reflete no julgamento de que as mulheres deixam de ser vistas pela a sua essência, verificam apenas a aparência, para eles excludente, o que difere na sua ótica tendenciando a acuição, muitas delas se tornam anuladas, como o sujeito histórico e ineficientes mantenedoras de produção, porque estes preceitos estão intrinsecamente ligados ao subdesenvolvimento, o efeito causador que gera pauperismo, a violência simbólica e física, as tensões étnicas, cada vez mais eleva-

se no ranking para a sua posição de desigualdade e ineficiência nos meios de produção.

Considero que no epílogo do século XX há uma questão que se manifesta paradoxalmente as mulheres representam sua inserção na escolarização de forma crescente, todavia, vale ressaltar que estas estão representadas ainda vinculadas nos preceitos de seus lares, portanto, o espaço doméstico para elas tem uma significativa algumas pelo requisito de serem mães, pois, cuidar de seus filhos é uma tarefa harmoniosa frente as evidências no mundo do trabalho.

Uma nova questão dos paradigmas do Movimento feminista e a ruptura com o modelo ginecofóbico, a discussão do Movimento feminista relata que houve uma fenda no paradigma ginecofóbico, isto é, androcêntrico, resultante de grande mutação drasticamente, focada no século XX, fazendo com que as mulheres tomasse repulsionadamente a alteração posicional no mundo ocidental. O feminismo conseguiu prepor relações de soberania que foram conquistadas ao longo dos séculos, negativamente foi abatida a tradição do modelo da base familiar, ocasionando um extermínio, todavia, muitos em suas concepções foram alienados, contudo, concordavam e aceitavam com naturalidade esta questão, de submissão da mulher entre ao homem.

O Movimento feminista e a ruptura com o modelo ginecofóbico insinua que o movimento feminista proporcionou grandes avanços em ser considerado como um movimento de grandes mutações na questão das mudança do papel das mulheres no corpo social, vale ressaltar que foi no espérico, isto é, no lado do ocidente. O feminismo teve muita repercussão principalmente na questão da transformação da influência alienatória que sofreu há muito tempo havendo uma ruptura pois acreditava-se que a mulher ainda era submissa ao seus maridos. A historicidade do feminismo é nova em discussão o que demonstra que esta não incidiu influencia alguma sobre a religião e nem nos pirâmides das classes sociais, todavia, está inserida nos centros de estudos das discussões sócio-político e analítico do campo de estudo da episteme, estas discussões são voltadas para duas esferas, a pública e a privada, o que reiterava em suas discussões que o papel da mulher e do homem poderia ser entendido em uma outra forma de apresentá-la diante do que representa os símbolos e papeis de como se comporta no corpo social.

A política de adjudicação, outorga, o que resultou dos grandes movimentos da voz do corpo social, que, discutivelmente galgavam o pleiteamento para ganhar a sua conquista e nesta batalha as mulheres impulsionadas pela insatisfação de, como estavam em suas representações no corpo social motivaram a luta, muitas mulheres engrossaram as fileiras inseridas nos movimentos sociais, sob pautas e pós rediscussões holofóticas, chegando a repercutir em resultados de abertura de novos caminhos, todavia, este movimento foi a causa da celeridade para que houvesse essa implementação.

Nos centros da Europa, e nos círculos dos Estados Unidos da América, em meados do período XX propulsionou a crítica feminista. A censura feminista que ocorreu nos Estados Unidos assistiu a necessidade de ocorrência do movimento, que considerava justo a igualdade de adquirir direitos, repercutiu na evidencia de que era evidente que os homens não poderiam ser iguais as mulheres no ponto do ponto de vista corporal, todavia havia uma antagônica ao decretar que estes ocupassem lócus públicos e privados uma resistência na aceitação, o que revelava que as mulheres estavam implicadas na vida doméstica a dona do lar, portanto estavam na condição de serem subordinadas no que se refere comparada ao homem, ainda se sentia diminuída e inferior, sexo frágil pela lógica da questão física se assim comparar, o que e uma questão biológica de natureza e também a superioridade na questão do que a sociedade pensava da mulher na questão moral.

Evidenciava que a tese se sustentava no princípio de todos poderiam participar a partir de seus próprias convicções e interesses porque as mulheres já estavam se colocando ao cenário das políticas inseridas dentro da educação patriarcal, as mulheres não deixavam de ter a concepção de que deveria se casar, pois a maternidade era ainda a sua base de interesses. Na década dos anos 60 e 70 houve uma mudança, um renascimento, neste preâmbulo, as mulheres adquiriram mais consciência, contudo, aceleravam com força, pois, viam na pluralidade de ideias a oportunidade de obterem cada vez mais a lutar pelos seus direitos, porém, aprendia-se a respeitar através das diferenças biológicas, pois, homem e mulher passava a instigar, a adquirir mais direitos, isto é, adquirir um lugar de patamar de igualdade, porque até então era visualizado apenas pelos homens.

Expressivamente na década de 70 os adeptos do movimento feminista passavam a repugnar as questões das situações que não havia direitos iguais na

questão do corpo, passando a adquirir a concepção que deveriam perceber as diferenças nos preceitos concernentes a questão cultural.

No entanto, nesta mesma década dos anos 70, as tensões que surgiam referentes a desigualdade e as feministas desprezavam cada vez as questões que tratava o cunho biológico seguindo rumo aos preceitos dos aspectos de cunho cultural, porque a sua concepção era de que deveria ser uma desajuntamento do público e o privado acreditando que as mesmas funções exercidas pelos homens possam elas executar da mesma forma expressiva com habilidades e competências, daí seria expressivo o seu desempenho na questão de galgar o seu espaço, bem como adquirir seus direitos, no que diz respeito as suas discussões nos aspectos do âmbito sócio político e cultural. A concepção das feministas estava atrelada de certa forma de que se elas se estabilizassem profissionalmente no espaço das repartições públicas, teriam a liberdade, a oportunidade de rupturar que mulher só poderia exercer o seu papel dentro apenas do lar, todavia, acreditavam cada vez mais na livres, e de viverem a sua opção da sexualidade, e de romper com as tensões que lhe surgiam na sociedade, pois, de todo modo, já surgia o fortalecimento dos impedimentos que a própria sociedade lhe impuseram, com características próprias das concepções da sociedade que, cada vez primava em amordaçar a liberdade da expressão, da prática da liberdade, mas, sim de atenuar no prosseguimento das práticas preconceituosas.

As feministas acreditavam que poderiam estar de igual a igual, porém, a sua percepção era de que existia a exploração sexual no cenário trabalhista, essa sua concepção de que seu papel era de igualdade ainda era inocente, mas não deixavam de perceber que neste desencanto ainda estivesse em desvantagem diante do contexto das questões remunerativas, de todo modo, menos expressiva em relação ao homem, mesmo consciente que as suas atribuições no trabalho eram similares ao trabalho dos homens posso exemplificar na carreira de professor.

Neste período, as mulheres em seu lar sofriam algumas tensões, ao que diz respeito também as jornadas duplas de trabalho o que desgastava ainda mais a relação familiar, pois, o homem, maridos, conjugues, desapercibido não acompanharam essa evolução, o que para elas lhes causam um choque, as tarefas que as mulheres exerciam não eram indissociadas, isto é, as mulheres exerciam o seu papel de esposa na execução das tarefas do lar, e mesmo que essas estivessem galgando o seu espaço no mundo do trabalho na área privada ainda

tinha que executar sua tarefa doméstica sobrecarregando-as, seja tratando da educação familiar, indo a escola buscar seus filhos no final do expediente de aula, seja participando somente ela das reuniões pedagógicas escolares, seja levando os filhos para a escola, ensinar a lição de casa, levar periodicamente os filhos ao médico etc, deste modo, cabia-lhes, toda a sua plena responsabilidade, daí, nesta família, voltasse para a mulher todas as tarefas e seus cumprimentos no lar, e distante da concepção do marido ou companheiro de que não concebia que não poderia exercer esse papel colaborativo nas tarefas do lar muito menos nas questões sociais.

Ademais, houve uma mudança na década de 80 em diante no cenário do mundo trabalhista. Com a negação da acriticidade, o movimento feminista faz o seu papel continua a se organizar e em resposta acontece a inter-relação de ambos os sexos, na observação das mutações dos aspectos sociais. As mulheres se organizaram cada vez mais cognitivamente e buscavam a sua ascensão no mundo do trabalho. As mulheres começaram a se organizar e entenderam que a melhor saída seria a discussão teórica que fundamentasse a identidade e também a diferença do indivíduo aquelas que necessitavam trabalhar na esfera privada mas também no espaço público.

As discussões das mulheres feministas que concerne a questão da identidade e o respeito a diferença do outro, influenciou as artes como o cinema, nas áreas da ciência. Essas inserções foram propagadas em todo o mundo ocidental tal influência fortaleceu a mudança da concepção da sociedade e do comportamento de cunho política e social o que de fato estava a compreender a concepção da cultura não aquela que reforçasse a discutir as questões do sexo homem e mulher, mas que pudesse romper aos velhos padrões de atitudes partindo de preconceitos, tabus, submissos e dos, romper aos paradigmas que sofreram os oprimidos.

As feministas lutaram e alcançaram novos avanços, alavancaram no cenário científico e nos estudos de gênero, atentaram-se a discutir em algumas áreas, nas áreas das ciências da humanidade que são aquelas que estudam o homem como um sujeito social, a ciência antropológica que investiga o ponto da vida social e cultural, na área da ciência sociológica estuda os grupos sociais, culturais econômico ou políticos, as áreas da historiografia que estuda os fatos e acontecimentos ocorridos na sociedade, as artes e a literaturas as discussões propulsaram a área da saúde o que discute a temática da questão da sexualidade,

porque suas teses eram voltadas aos estudos de gêneros, estas discussões muitas vezes movimentadas, pois sofreu influência em outras áreas como as áreas da humanas, a área do atendimento do produziram pois as discussões eram voltadas se questões de, estudos de gênero, e nessa quando engajamento de produção na área científica, a influência foi um total reconhecimento psicanálise temos a área da ciência política e na economia, a disciplina história da educação e também a área da religiosidade.

Estes estudos foram reconhecidos e conseqüentemente alavancou grandes resultados, todavia, o campo investigativo o da Epistemologia, por exemplo, explica o conhecimento de problemas que envolve as crenças a ordenação e os métodos de atinar, a questão do sexo homem e mulher, imbuídos das relações de dominação, subordinação.

A concepção feminista que em tese discute nos seus estudos que o homem é o agente provedor de dominação, opressão que não reconhecimento da liberdade sexual, seja no controle de ter filhos através do método contraceptivos, a sua inserção no mundo trabalhista, inserção na escolarização, mesmo que para os homens sejam os melhores ocupações e cargos e ascensão remunerativa.

As mulheres que trabalham na esfera privada percebem suas dificuldades na sua família, porque percebem que a sua jornada de trabalho é excessiva, por isso são percebidas como violadas em seus direitos, atenua-se na situação da desigualdade social, principalmente pela grande ambigüidade que está envolvida porque ao mesmo tempo são mães e por outro lado o anseiam galgar seu desenvolvimento de ganharem a sua remuneração que contemple e atenda as suas expectativas exercem seu papel na sociedade a violência da situação da desigualdade social, pois ao perceberem que mesmo exercendo o seu papel como esposas começam a se manifestar no mundo da vida pública, e vida dupla a sua jornada de trabalho por isso, a que aborda a crítica feminista é de estudar uma possibilidade de igualdade seja n mundo privado e no público e sim sair do obscuramento de ser inseridas numa cultura sexista, romper com o que controla, através da opressão e da submissão. Nesta amplitude, as discussões e estudos de gêneros, mulheres, sexualidade não são indissociadas.

Segundo Arendt, (1985), a condição humana é projetada a partir de três pilares: O trabalho; a obra; a ação, por isto, ela afirma que o homem trabalha e é reconhecido como Homem Laborans. Segundo ela, a obra é resultante da

mundanidade artificial reconhecida pelo Homem Faber. Id. “*A ação é a mediação da vida política da pluralidade*”. Quanto ao trabalho e a obra acredita que devemos revestir-se da preservação da vida e da antiguidade espaço da liberdade por dedicar-se a pólis:

Desse modo quem quiser que viesse uma vida exclusivamente privada” os escravos” não era inteiramente humano[...] tais percepções do mundo grego foram alterados pela emergência da sociedade moderna[...] a política era a única atividade digna do modo de vida autônoma e humano. (ARENDT, 1985, p.57).

Arendt, (1985), analisa criticamente a condição da vida privada e a necessidade do homem Faber, ou seja o que está na vida moderna, participe e tenha ações mediatizadas no mundo da vida pública, portanto, o homem e a mulher deve se inserir na política da pluralidade, as ações da esfera pública e da esfera privada frente a sociedade moderna e a sociedade do mundo grega o lar e a família são antagônicas. A atividade econômica, são vistas como questões econômicas privadas. O domínio público e o domínio privado são eminentemente voltados para o caráter científico, que, organizado deste modo, o homem social frente ao Governo pessoal. As questões econômicas são palcos de admissão das atividades domésticas do lar. Todas estas condições Arendt, demonstra a disparidade da vida pública e da privada. Diante das condições da modernidade na vida humana, não se deve deixar de compreender a questão de gênero.

O gênero objetiva representar as questões e relações de poder, imbricadas nas relações sociais a negação da igualdade dos sexos homem e mulher, a partir de obscuramente visualizar apenas um objeto no único sentido, antagonicamente não se manifesta na configuração de perceber o real significado, ressignificando, decodificando estas relações numa complexidade na qual inseridos na sociedade.

Segundo a teoria feminista, a sua tese sobre gênero assegura que os sexos devem receber a educação primeiro na base familiar, secundamente e continuamente de forma conjunta, harmoniosa, sem diferenciar e nem separar o que é masculino e é feminino como as brincadeiras de menino as petecas, e brincadeiras de menina, a boneca, no entanto, gênero diz respeito aos significados, aos símbolos, respeitando a diferença sexual, estreitadas nas relações de homens e

mulheres as questões de eu e o outro. Diferentemente os primeiros argumentos da lógica de gênero, a organização social entre os sexos (SCOTT, 1990, p.6).

Ademais, gênero não é compreendido e nem relacionado ao sexo que é representado aqui como um código, pelo contrário sexo é compreendido em sua instância da identidade biológica, o que é decodificado, nas suas relações, onde o sujeito é construtor, fazedor de sua própria história, seja ela masculina seja ela feminino entendido que o sexo é como a compreensão, ele é diferente do significado de sexo. Entendo que, masculino e feminino não são iguais, são diferentes em aspectos sexuais biográficos, daí a explicação de que gênero em suas relações são representados mesmo em esteja sob controle social de paradigma culturalmente explicáveis torna-se transformados, porém, são eminentemente organizados sistematicamente.

Ademais, é bastante intrincada o que ocorre nas edificações sociais, o que tange um relacionamento de homem e uma mulher, ambos, estão imbricados nos movimentos das conquistas e desejos opcionais sexuais no entanto, há de todo modo toda uma dispendiosidade de complexidade.

Historicamente, as críticas da moralidade foram tecidas no século XVII pelos os que viviam na Inglaterra e também pela feminista chamada council of women no século XIX, estas discussões foram tratadas na capital dos E.U.A referendado no ano de 88. A religião primava pela mulher devido ao seu poder conceitualmente de reprodutora, ela, a religião apreendia das aquisições de que o homem e a mulher não são iguais ao que concerne ao sexo primava pela ação matrimonial entre os dois sexos, todavia, o casamento é inerente as mulheres diante da questão até mesmo respeitar a questão da maternidade.

No século XX a questão feminista mostra-se expressiva a Educação do sexo masculino e feminino, a instrução é de que se respeite a partir do pressuposto que, dos sexos diferentes serem vistos com igualdade, inerentemente a subjetividade da concepção de cada sujeito.

O trabalho do sexo feminino, já inicia, e tem uma expressividade, as mulheres já se comportam com segurança e as atividade do mundo do trabalho de que, é necessário marcar o seu território no espaço em que a sociedade entende que ainda é limitante, principalmente por ser entendido que o trabalho doméstico já é pouco valorizado, em detrimento da necessidade de se estruturar, porém,

paulatinamente de adquirir a ocupação e ter o seu reconhecimento nos cargos e salários seja na esfera privada e pública.

Historicamente, as feministas continuavam a luta pela liberdade e igualdade de direitos, a organização internacional woman suffrage alliance, se manifestava contrária ao movimento feminista, era contra a votação dita, nacionalista, são a guarda dos valores e interesses da nação.

Posso entender que o feminismo é a expressão de uma luta, visionando a partir do movimento das mulheres que desejam requeri a sua inserção no meio científico, social, político, todavia, foi necessária a fomentação do retorno das críticas feministas da percepção da identidade, ver as diferenças a partir dos direitos de igualdade, todavia, inseridas de tal modo na vida privada e pública.

As críticas conseqüentemente resultaram na abertura nas artes, no cinema, nas áreas das ciências, o que possibilitou uma desenvoltura no estudo da área educacional, que discute as questões culturais, valores sexistas no âmbito das discussões feministas, contrariamente antagônica ao que se refuta ao paradigma do feminista.

O avanço se deu em muitos centros da pesquisa científica, alavancando de tal modo, que descreve importantes discussões atenuam para ao entendimento de que o direito do reconhecimento e da igualdade de direitos comuns são impostas no mundo da sociedade.

O gênero conquistou novas percepções ao que concerne a identidade, justifica-se que o desenvolvimento na área tecnológica interrompeu um novo parâmetro nas áreas sociais, antes que a crítica feminista a concebia. Surgiu nos anos 90 a questão teórica que desprendia a concepção de que as diferenças eram relevantes, porém, há o endurecimento da permanência das práticas opressoras sofridas do masculino para o feminino. Nesta concepção fortalecia na questão conceitual de que mesmo que a opressão prevalecesse mas não intimidava o fortalecimento do direito de escolha para que cada sujeito siga seu rumo, seu caminho.

A concepção dessa ideia chegou a seguinte resultado, de que, mesmo que se afaste dos mecanismos da razão de não se alcançar a igualdade nos dois sexos dentro do sistema, não diminui a questão e de que o oprimido consiga alcançar os altos patamares e a galgar todos os seus direitos, obviamente não extermina a estrutura de dominação.

Ademais, para as mulheres a questão biológica são ideias de aceitação, pois, tanto o masculino como o feminino são diferentes, porém, estão imbricadas no jogo da sedução. Para tanto, as diferenças não são pilares sustentáveis que se possa chegar no quesito profissional do mundo do trabalho de adquirir remunerações adequadas para a sua função.

O estudo de gêneros vislumbra conquistar as relações culturais e também as sociais, para tanto, estas teorias assumem a discussão no campo da igualdade a partir das diferenças dos sexos, estas relações de gêneros são fortemente reproduzidas e implicadas nas relações de poder.

Na Universidade o feminismo era tema de estudos sistematizados, debatidos, confrontados, frente as questões levantadas nas afirmativas da opressor e oprimidos, chegaram a uma outra percepção, a tese de alguns analíticas não se concebiam uma nova vertente discursiva, nenhum paradigmas inovador que pudesse observar analiticamente o comportamento da mulher, tida não como objeto, mas como sujeito histórico construtora de sua própria história.

Analiso o conceito de Gênero que seria, o estudo da vida da mulher, o que estuda a vida familiar, que percebe como esse sujeito que opta pela a sua escolha da sua vida sexual, visualizando a sua diferença sexual, ser mãe mas essa agente não perder de vista na sua estruturação envolvida nos pressupostos sistêmicos, sócio política cultural, imbricadas nas relações de poder, tensionada pela própria sociedade, percebida aliás, pela tangente da desigualdade em todas as classes e categorias, gênero ou etnias, ambos relacionadas entre homem e mulher.

Para não estagnar esta situação, propulsionaram ainda mais a reivindicação, fortaleceu-se os movimentos sociais, para disseminar atos discriminatórios, as práticas ambíguas fortalecidas nas interveniências do poder imbricadas nas relações de gêneros, por ventura a sinalização de símbolo que é inerente a cada valor cultural, social. A construção ancora-se em cadeias com várias significações que esboçam na suas vidas.

Nos paradigmas de sujeição e os modelos antagonista insinua que a ciência que trabalha nos estudos das as relações humanas procura interferir analiticamente no valores dos dois sexos feminino e masculino ressignificadas como sujeito que edifica a sua própria história de vida, está voltada para uma melhor estudo de teorias clássicas que afirmam a organização da sociedade todavia, as estão silenciadas quanto a relações dos estudos de gênero.

A humanidade atenua na maturação da questão natural das relações de homem e mulher quanto aos tipos cultural e simbólico que se misturam nos dois sexos, ou suas representações sexuais não iguais em razão de não serem iguais no mundo biológico.

O papel das mulheres que se interferem nas relações de gênero, é possível perceber os modelos de submissão, estes consolidados em meios a muitos séculos, contudo, existe os paradigmas de dependência que superaram a coabitação e que nelas difundem o espaço público bem como as contrariedades geradas numa estrutura. Há a vulgarização das práticas do poder tanto do homem ou como o da mulher ou vice versa, para tanto, resiste a esse paradigma que assume toda a sistematização da natureza da vida, percebendo que neles existe o ser mais frágil, de todo modo, logo receber a carga gerada de aspectos oriundos de dominação permissivas dessa relação.

Os paradigmas da obstinação, isto é o da resistência, determinam na sociedade em detrimento da junção de transformações de estruturas sociais, gerador da busca de transformações. Essas transformações são geradas a partir de demonstração de todos ou de modo particular individual, estimada que o sexo é descrito antes mesmo do nascimento por definição do ordenamento biológico de sua natureza, combinatórias que são identificadas a negação da semelhança de gêneros que predizem em sua cultura já preexistentes nos sistemas sócias.

A demonstração de não validar para os homens e as mulheres a predição sexual biológica, codificada e constituída da nossa carga genética, todavia, infere na organização sistêmica resistente de gênero, não contrasta o trecho de herdeiros do masculino sobre o de feminino numa instrução que exprime a ciência dos valores, e o conhecimento de regras, opinião sobre os juízos morais, isto, é a instrução axiológica, estruturalmente as primeira instâncias de que a figura masculina, já a segunda seria a feminino esboçada nos sistemas de desvalorização no mundo do trabalho seja na área privada ou pela pública ambas imbricadas na razão do poder. A questão imbricada na objetividade e da codificação ilustra a razão da ideologia exprimida pelas questões mecanicistas de oprimidos e dominados.

O paradigma que arcabouça os anseios masculinos proporcionando resultados em teorias verdadeiras, as discussões de gêneros estão imbuídas em diversos poderes, a questão da sua moralidade, e também questões de fundo religioso, aspectos afetivos e seus procedimentos comportamentais avaliando coo a

sociedade se comporta frente a esta estruturação que responde toda uma sociedade, com vistas a demonstrarem a concepção que tange ao simbólico, não é restringida aos elementos da igualdade de uma diferença, reconhecendo as culturas holisticamente iguais, firmada no reconhecimento da impessoalidade das relações sociais sumarizando a implicação no pilar do poder.

Quanto a questão da valorização na inferência da vitimização no concerne ao feminino, é abortada a concepção argumentada somente entendidas como as oprimidas, o que sustenta a linha de conceptualização socialmente construídas, porque as mulheres tidas às vistas rotuladas como oprimidas, vítimas, coitadas, demonstradas na sociedade identificadas como os opressores sobre as oprimidas, a generalizações como a conceitualização da resiliência, que é a compilação que o sujeito tem de suportar os problemas, se enquadrar as mudanças, até mesmo de resistir a mudanças, muitas vezes de suportar os empecilhos e não fugindo do possível enfrentamento a todas as mudanças e a tudo que ocorra aos fenômenos adversos, tal como por exemplo um stress. Outra discussão é do revisionismo histórico que trata de estudar e de interpretar os acontecimentos da história, todavia, ela se sujeita a estar na ambiguidade por causa que ao se investigar ela se torna neutra, imparcial, a que impugne as facetas do poder da força do masculino sobre o feminino.

Neste sentido, a educação feminina é prevista à uma projeção de um pressuposto social supramencionado a galgar a igualdade e fortemente controlar os aspectos, ditos, inferiores da mulher. Por isso, no aspecto Educacional instrucional o sexo feminino foi repassado todas as aprendizagens do lar.

A educação tradicional instrucional do lar repassada as aprendizagens pelas suas hierarquias que fosse pouco mais além eram tidas não era considerada importante segundo a instrução cristã o exagero na educação instrucional poderia por em risco a sua sistematização o que ademais, fragilíssima,, com o passar nos anos as mulheres tiveram outro comportamento o de tinha apenas a aptidão para criar especialmente seus filhos, pois, a ela cabia a ternura e a dedicação feminina que possuía com a sua aprendizagem maternal.

Neste sentido, o sexo feminino não transcorria de capacidade de competição meio a ocasionar um vislumbre desencadeamento na ordenamento social.

Daí, a questão educacional e do lar, relacionando o sexo feminino foi normatizada e organizada sistematicamente, porém, foi representada pelo sexo masculino na inserção laboral nas esferas privadas e públicas, seja no âmbito da política, no mundo gerencial feminino, no lares e a administração na vida familiar, o que de certa forma, modifica historicamente essa nova ordem de sistematização predizendo o impacto pela subordinação com restrição.

A criança ao chegar ao ambiente escolar recebe uma carga influenciável de comportamentos diferenciados pré-determinados, ademais, as atividades e exercícios uns para meninos e outros para meninas, como por exemplo, as atividades lúdicas, jogos, brinquedos, brincadeiras, representadas de valores e princípios de dominação e subordinação os meninos são mais fortes que as meninas, ditadas as regras que os jogos já impõem os limites

Esses valores comportamentais pré-determinados já prestados pela organização do Estado, da família, práticas reprodutoras de imagens sociais e estampas sexuais, validados ao longo dos anos, as atribuições comportamentais estão nas relações combinatórias que esquematizam as características de meninos velozes, muitas vezes mais impulsivos e mal comportados e de meninas menos impulsivas e mais comportadas, julgando valores passíveis de regras já estereotipadas pela sociedade, bem como, os livros didáticos escolares que revelam a família de modo o homem indo trabalhar e a mãe cuidando do lar e dos filhos. Muitas das vezes na Escola de ensino Fundamental I muitas professoras são lotadas para atuar nesta área geralmente é o sexo feminino e o reconhecimento por parte da sociedade e dos pais no atendimento de seus filhos evidencia-se nos seus paradigmas que muitas aprendizagens está espelhadas pela sua prática educacional.

A educação nos anos 90 transcorreu pela evolução na questão das relações de gênero bem como a argumentação teórica analítica, desprendendo do conceito das concepções anteriores. Ademais, ao adotarem o sujeito tido como universal assexuado, sem preconceito de cor raça cultura explicitam que o masculino que experienciou práticas do feminino recebe modificações em meio as questões teóricas analítica.

A segregação social é a derivação antagônica do que e quer buscar na educação, todavia é controlada das forças do exercício do poder. A negação do outro reforça as políticas do não reconhecimento, a negação do reconhecimento

sexual está atrelada ao jogo do poder, controle, do julgamento o que determina as diferenças biológicas.

O homem é representado simbolicamente, a força, inteligência, e poder e uma mulher representa ao não reconhecimento da sublimação, mas, a vulnerabilidade e a incapacidade cognitiva. A subordinação traz efeito desgastante entre as partes, como o sexo masculino e feminino, principalmente no âmbito escolar evidenciamos isso, quando os comportamentos predeterminados são estereotipados na questão sexual, educação e transmitida pela reprodução na esfera educacional

No âmbito escolar o gênero existe a partir da representação que mostra a identidade dos sujeitos, a sua diferença, divergentes, principalmente, os sexos masculino e feminino são fluídos pelos gêneros, mas não estão desligadas das ramificações de poder, porque estas redes se identificam pelas desigualdades da posição social, portanto, as identificações são permeadas através de simbologia, codificação e bases discursivas. Há a examinação das identidades plurais, culturais, que permite o reconhecimento de que faz parte do gênero seja ele masculino ou feminino, seja oriunda a qualquer raça, ou aqueles que até mesmo possuem o desprivilegio remunerativo

Neste sentido, Gênero é conjunto de seres ou de objetos que possuem igualmente a mesma gênese, porém, interligados por serem similares de uma característica, tipo, raça ou espécie.

Essa concepção é redimensionada da aprendizagem o que se espera para adquirir a sua posição social, cada um organiza a sua própria vida, aquilo que a convém ou que se acredite.

As aprendizagens e as representações sociais dos dois papéis dos sexo, o homem e a mulher, passam por tensão por conceber que o másculo ou a fêmea reagem nas redes antagônicas dos poderes onde estão imbricadas, porém, atreladas a algumas questões discursivas, todavia, no espaço escolar, as relações de gênero são identificadas, no que concerne essas relações seja homem e mulher.

Para tanto, as identidades estão o tempo todo sofrendo mutações, os dois sexos, são identificados no sistema e nas estruturas, deste modo, concebe de que, por exemplo, a religião está imbricada nestas questões. Porém, na escola a estrutura pedagógica são repassados ensinamentos, valores, condutas que estão embutidas com os preceitos recheadas de representações e de símbolos, que

interferem nas relações de gêneros, cada um marcando com o seu significado. Vale ressaltar que tanto educador como alunos sofrem interferência promovidas desses significados. A banalidade retrata ambiguidades no espaço escolar nos estudos dos valores morais, uma questão axiológica na educação.

A reprodução do poder nestes espaços são afirmados, retratados nas práticas desiguais destas relações, ademais, o opressor sobre o oprimido, são salientadas e postas na sociedade, pois, essas discussões são intermináveis e passíveis de novas reflexões analíticas que trata os estudos de gêneros.

Quanto a questão concernente a discussão da imperfeição do corpo aponto para uma análise frente a Sociologia e a Antropologia das emoções a Antropologia interpretativa Sociologia Simbólico-interpretativa interacionismo simbólico.

David Le Breton, (2003), de origem Francesa e antropólogo que discernem a maior compreensão sobre o corpo, reúnem em suas duas obras o Adeus ao corpo: antropologia e sociedade e também a antropologia do corpo e modernidade, pela a sua ampla discussão no novo paradigma do modo de olhar o corpo e como se manifesta no mundo, torna-se um ícone por revelar uma maior compreensão sobre um tema gerador de ampla discussão, portanto, que se discuta no objeto chamado corpo a sua aplicação, porém discute a desmistificação desta aplicação frente a discussão de alguns teóricos chegando até mesmo a refutar estas ideias. Le Breton (2003, p.240) discute em sua teoria que o corpo é reconhecido como adorno sobre ao que se investiga numa brevidade da composição corporal. A questão do corpo deixa de ser visualizado na sua plenitude, anelada de um determinada forma heterogênea, seja ela composta por minúcias descartáveis com a perspectiva de burilar, sobre algumas mutações, vista até mesmo do modo de cambiar, porque ela é concebida como um acessório para este corpo, o que descreve em sua natureza provenientes a uma circunstância de uma instabilidade, mas que se altera na medida que qualquer estação ocorra de acordo com as famoso modismo manifestada neste corpo, ao assumi-lo, neste sentido, é compreendida a um fenômeno que se evolui na sociedade. Ela é vista além de tudo como algo antagônico, porque ela se torna uma encenação do sujeito com ela é, o que revela no seu lado intrínseco que está em percurso em que segue o seu destino, algo que se manifesta no decorrer do seu corpo que ele se manifesta por juízos que o seu próprio corpo se transcende corporalmente, daí exhibe a mudança

da sua identidade, manifestada diante situação imaginária. Diante da visão de alguns teóricos, os que discutem as questões feministas, no que tange a igualdade entre os sexos, isto é, homem e mulher, de tantos vieses, teorizam que as mulheres possui mestria, a capacidade de trabalho executar tarefas de trabalho bem como comparada a serem iguais à tarefa executada pelos homens, possuindo daí as condições e medidas semelhantes que aferiam na geração das suas progenituras. A nova situação expõe uma nova ordem o que se configura na sociedade, isto está configurada no processo evolutivo nos preceitos do mundo ocidental ancorados aos seus ascendentes, seja na masculinidade e na feminilidade.

A imperfeição do corpo conduz a humanidade clássica ao desuso. Exibe-se a vontade de um domínio de sua constituição genética, a fim de redemodular sua forma e seus desempenhos[...]A Sexualidade telemática inventa uma dimensão elegante e pós moderna (LE BRETON, 2003, p.129-130-176).

Neste sentido é ilógico, não posso definir o corpo como virtuosidade, todavia, é pois, paradoxal, na verdade o corpo torna-se um empecilho para o sujeito que a concebe na afirmação do seu eu concernente ao seu reconhecimento pelo o que é corporalmente, mas a sua identidade não é reconhecida, e nem deixa de ser promiscua, é ao mesmo tempo uma tela para o mundo, sujeito que passa a ser e deixa para ser pelo que é corporalmente.

No Brasil, identifico que existem conflitos que surgem na sociedade, mas há a dificuldade em responder aos fenômenos sociais e das relações de gênero, construção da realidade social. Na área do conhecimento científico a disciplina Sociologia e a Antropologia são disciplinas que contribuem em investigações para verificar a causa e coletar o resultado da consequência do comportamento dessa realidade humana. A compreensão sobre a área da antropologia é de que **ela estuda o homem em sua plenitude**, isto é, holisticamente, à sua totalidade.

A Antropologia e a Sociologia, estas duas áreas que servem de cunhagem investigativa, elas são consideradas como ciências sociais em sua abordagem, todavia, elas estudam diferentes aspectos do ser humano possibilitando uma grande aplicação entre a antropologia e sociologia. A antropologia quanto a sociologia lidam com o estudos inerentes ao sujeito, seu comportamento, cultura, e as interações com a sociedade, entretanto, nem sempre foi assim. No Brasil, aconteceram alguns debates que inferiram para uma possível reflexão a cerca

dessas áreas, tratando da relevância da subjetividade da sociedade às emoções, deste modo, estes campos de ação permeiam como estudos de investigação da autocracia, o que instigava deste modo, a curiosidade e a percepção que até então, ainda não era vista pelos teóricos que discutiam a área da Sociologia e da Antropologia. A busca se dá através de uma nova compreensão resultantes de iniciativas, comportamentos para que conseqüentemente haja uma nova rediscussão, aquilo antes não respondido, no que concerne ao objeto de estudo das áreas das ciências sociais, a Sociologia e a Antropologia, por ser evidenciada por alguns teóricos que estas não estavam preocupadas na investigação do alicerce para uma análise da realidade comportamental dessa sociedade, porém, em 1990 alguns teóricos como Koure, 2004, tecem a provocação diante dos conflitos emergentes oriundos da sociedade, ocasionando uma busca de um novo debate, o que estava tendenciado para uma frente postural, as discussões foram elaboradas, com vista que estas perpassassem pelo campo intrínseco nas áreas disciplinares. Neste contexto, após esta provocação, repercutiu na convulsão dialógica que se alastra para uma novo sentido, um ordenamento compulsivo analítico, da crítica antagônica ao código social, na decodificação da interpretação do movimento dos indivíduos, passa a ser então o campo investigativo da observação sistemática crítica.

Neste sentido, rediscuto o que seria de fato a Sociologia e a Antropologia das emoções? Ressalto aqui, um novo olhar, a nova concepção que tendência a influenciar a questões teóricas e metodológicas do campo investigativo de como ocorrem os fenômenos intrínsecos na vida do sujeito, vista antes, como objeto, sobretudo, vista agora, como a impulsividade da busca da compreensão da subjetividade do outro e do eu, o comportamento dos indivíduos na relações da Sociedade nestas relações dessas emoções.

Esse processo reflexivo de ver a sociedade foi impulsionado cada vez mais, principalmente, a partir das influências teóricas e metodológicas da antropologia interpretativa e da sociologia simbólico-interacionista. Busco deste modo, levantar questionamentos para obter a compreensão da percepção das áreas que estudam diferentes aspectos do ser humano da Antropologia Interpretativa e da Sociologia Simbólico-interpretativa.

O que seria a Antropologia interpretativa? A antropologia interpretativa nada mais é do que a disciplina que concebe uma releitura dos fenômenos que

ocorrem em certa comunidade, ela busca ver, com um novo olhar, porém, exemplifico aqui, se existem os nativos que são pertencentes de uma determinada sociedade, detêm seu próprio modo de se organizarem, deste modo, se comportam de acordo com a sua própria cultura, respeitadas de forma hierarquizada, significativamente, através da baliza da observação, da investigação e análise desta sociedade, todavia, alguns a chamam também de hermenêutica.

O que seria a Sociologia Simbólico-interpretativa? É uma aproximação sociológica do episódio das relações humanas, a relevância se dá de modo que se considera a se manifestar a influência, no contexto do acontecimento da interação social, no surgimento dos significados privativos transferidos pelo ser à interação, bem como, os significados são típicos, objetiva granjear a partir da interação os significados que são concernentes a interpretação pessoal, portanto, oriunda na Escola de Chicago, surge o teórico Herbert Blumer que foi um sociólogo americano que vislumbrava em achar respostas e seus principais interesses acadêmicos era a discussão do Interacionismo Simbólico, os métodos de pesquisa social. Sua discussão equacionava em refletir de que forma os seres humanos se organizam para chegar a realidade social diante da ação coletiva e individual, crítico as questões relacionadas ao paradigma do positivismo na sociologia e a forma de como se comportava na sociedade, não deixava de argumentar sobre a alegação que o homem estava inserido na criação da realidade social e afirmava que a evolução era antagônica a descontinuidade, vista por ele que nesta discussão era de suma importância para a área da microsociologia e psicologia social.

O interacionismo simbólico faz outras releituras, frente ao teórico Hegel que discutia que o mundo simbólico não pode ser visto sem a interação de dois ou mais sujeitos, todavia, ela não é entendida que a interação do homem com ele mesmo ou através de um único objeto pertencente a si, pelo contrário, serve de alicerce, como em uma construção de uma casa, para todos os sentidos onde o homem busca nas suas próprias ações, não vista como eu construo, mas como nós construiremos dentro de uma determinada sociedade, o interacionismo simbólico, nada mais é do que o sujeito age em relacionando às coisas frente no significado que essas tais coisas obtenham para este sujeito e em consequência de significados são expectadores resultantes da sua interação social e tão logo são modificados por ele interpretar a realidade no qual está inserido. No método de investigação ela é muito relevante as pesquisas, uma vez que elas estão organizadas no método que

responda de forma interacional, dentre estas tem o método da pesquisa qualitativa, a observação participante e a interação social e ou individualizante.

Neste sentido, a área da sociologia que sofreu a maior influência pelo interacionismo simbólico foi a Sociologia das emoções por causa que ela dava resultados frente ao comportamento de uma determinada sociedade posso exemplificar aqui o caso de uma comportamento divergente, como a áreas criminológica, na área de assentamentos de movimentos sociais e a sociologia da vida individual sexual e alguns comportamentos de uma determinada classe ou categoria que também seja coletiva, tem o trabalho emocional aqueles que se manifestam para a manipulação de uma identidade e ou formação de identidade.

4 VIVÊNCIAS DE TRABALHO NOS CAMINHOS DO RIO

No quarto capítulo perpasso por denotar a conjectura da dinâmica da condição laboral exercidas das mulheres catraieiras a partir do pressuposto de suas experiências e vivências do percurso nos caminhos do rio. Essas dinâmicas apontam as dificuldades no saber técnico na profissão de catraiar no dia a dia, do percurso do Rio Oiapoque para Saint-Georges e Clevelândia do Norte, neste sentido, aponto os elementos constitutivos das dificuldades concernentes a aposentadoria e a seguridade social.

Os caminhos do Rio Oiapoque estão representados, significativamente pela principal hidrovia interacionais, o fluxo do percurso da cidade de Oiapoque, Saint-Georges e Clevelândia do Norte. Nestes caminhos do rio perpassam as mulheres que trabalham nas catraias, elas, atendem sistematicamente na organização de fretes, turismo, cargas e tráfego de pessoas, de sobre modo, seus percursos no caminho do rio são fortalecidas em forma de “rede fluvial” e de intervenção humana. Localmente, convergem no cenário dos caminhos do rio, denotando-se, que, sem elas, o percurso do rio seria apenas um espaço de cunho natural. A territorialidade neste sentido favorece a rede fluvial, que, certamente, estão imbricadas pelas relações e interações sociais, resultante da construção reprodutiva e econômica.

Para catraiar no rio “*É preciso respeitar o universo*”, a mudança que ocorre nos fenômenos que ocorre nesta região e que chega a influenciar diretamente nos mares, nos ventos e nas ressacas, o que chega a comprometer a chegada do destino. Rubi continua a ressaltar a *segunda luta*:

A 2ª segunda luta foi quando eu me vi numa viagem de frete nas cachoeiras Wanarry, lugar muito perigoso, e estava muito alta as águas, e eu sozinha na pilotagem tive que conduzir a catraia e todos estavam ali, aguardando eu provar que tinha garra e força e habilidade pra atravessar naquele momento aquelas chuvas e a águas altas. Naquele momento me peguei com Deus. E superei este obstáculo. Essa foi a segunda luta e foi também muito difícil. Acredito que eu superei e venci (RUBI, 2019).

A participação popular adentrando as Políticas Públicas sofre mudanças em todo o estado Brasileiro, porém esta reforma, do paradigma nacional do desenvolvimento, que visa a garantia de adquirir os direitos e da abertura do mercado.

No Brasil algumas tensões são pilares marcados pela desigualdade social adentrando a uma cultura que abstém de questões privilegiadas, porém busca alicerçar a consciência de adquirir direitos iguais, portanto, as Políticas Públicas de paradigma de inclusão, está voltada para os aspectos do compromisso de adquirir os direitos para toda a sociedade civil, para obstante, o controle das políticas, para esta consequência atinja a todos.

No período inicial da industrialização e da busca da urbanização, acarreta consequências graves, a pobreza no setor urbano e ainda uma sequela desta industrialização o lastro epidêmico e doenças virais. A igreja tinha papel preponderante, pois atendiam com caridade social junto ao governo, porém, advinda de controle sobre as pessoas menos favorecidas o que prelude as Políticas Sociais na área da saúde para os jovens hoje e antes “menores”. O sindicato com influencias socialistas marcham para os movimentos civil de pessoas que comungam a mesma ideia, na base do companheirismo todos se ajudando mutuamente, e lutam para que o Estado, assegure a proteção na área social.

No Brasil, as trabalhadoras que praticam atividades informais no campo e na cidade, estão subsequentes à deriva de receber esta garantia, porém, as o campo da política que atendia as área social com objetivo de ações higienistas, eram de fato controladoras e viviam vigiando no sentido controle, as doenças virais que ocorriam na comunidade populares, neste caso, os imóveis que estavam desabitados para alguns eram vistos por classes perigosas, na verdade, algumas empresas tinha o princípio de trabalhar na assistência da área social entrelaçada da saúde, partindo de uma organização médica, organizados em projetos arquitetados para a construção de habitação para homens e mulheres que trabalham no mundo da formalidade. Daí a saúde pública, é atendida a algumas classes, como por exemplo: As criancinhas, as mulheres que estão esperando nenê e algumas pessoas que sofreram doenças do tipo moléstias.

A informalidade está muito ligada à questão das mulheres trabalharem na catraia, trabalho, dito masculino. Não se consegue ter a dimensão em longo prazo, pois, entende que a situação é emergente e não se pode esperar, ou seja, atender a sua necessidade emergente de pilotar.

O empreendedorismo é entendido em dois grandes grupos destacadas, uma delas as mulheres catraieiras emergem no cenário do trabalho “dito trabalho de

homem”, pela questão da grande necessidade, as que precisam estar lá no trabalho do porto do cais todos os dias para adquirir a sua sobrevivência.

O empreendedorismo, outro grande grupo também a destacar é o chamado Grupo de Nicho, aquelas mulheres catraieiras que estão muitas delas inseridas no trabalho formal chamadas de Associadas ou Cooperadas, como no lado Francês temos a APS, (Association del Pirogueires de Saint-georges); e no Brasil em Oiapoque a ACOMO (Associação dos Catraieiros do Município de Oiapoque). Esse nicho é evidenciado pelo empreendedorismo para os visionários que tem um grande potencial de galgar e potencializar o seu crescimento nas Cooperativas ou nas Associações. Muitas das mulheres catraieiras iniciaram apenas com uma catraia, e outras entraram neste nicho e já adquiriram mais de 2 (duas) catraias que comporta mais de 160 alunos, em seu destino de trabalho/BR para a FR.

O informal, neste caso, ademais, são as catraieiras que estão na clandestinidade. Elas ganham para sobrevivência. A mulher catraieira na informalidade está intrinsicamente adornada para as suas principais necessidades de sustentar o seu lar diariamente. E o sentido das mulheres que atendem em Clevelândia do Norte trabalham com fretes do lado Brasileiro até chegar ao lado Francês. Geralmente elas não têm perspectiva de sair da informalidade pelas dificuldades encontrada para ativar a situação junto a pagar os tributos que serão cobrados pela prefeitura do Oiapoque (PMO). A empreendedora aqui neste caso, tem perfil que será apenas atendido para garantir um pouco ou o suficiente para sobrevivência, a tendência aí, é ter riscos eminentemente baixos, não possuindo metas para o futuro, neste sentido, a mulher catraieira que trabalha na informalidade, tem sentido restrito, porque necessitaria estar como o nicho de microempreendedoras individual, (MEI), todavia, a realidade das mulheres catraieiras que trabalham na informalidade no lado brasileiro são penalizadas e discriminadas.

As mulheres que tem dupla nacionalidade é aquela catraieira que adquiriu a cidadania múltipla que e entendida como o status. Não entendida como adquirir um título, neste sentido, o status no qual um indivíduo é titular da nacionalidade de 2 (dois) países ou mais como é o caso da catraieira que mora em Saint-georges, ela nasceu no Brasil, mas, mora muitos anos em Saint-Georges. A situação mais comum é a da dupla cidadania ou seja um cidadão que é titular da cidadania de dois países.

A Constituição Federal de 88 Artigo 12, Título II Dos direitos e garantias fundamentais Capitulo III da nacionalidade:

II - adquirir outra **nacionalidade**, salvo nos casos: a) de reconhecimento de **nacionalidade** originária pela lei estrangeira; b) de imposição de naturalização, pela norma estrangeira, ao brasileiro residente em Estado estrangeiro, como condição para permanência em seu território ou para o exercício de direitos civis (BRASIL, 1988).

A redação do texto anterior da Constituição Federal de 88, art. 12.

Antes Inc. I Ali.c-Os nascidos no estrangeiro, de pai brasileiro ou mãe brasileira, desde que sejam registrados em repartição brasileira competente, ou venham a residir na República Federativa do Brasil antes da maioridade e, alcançada esta, optem em qualquer tempo pela nacionalidade brasileira; Antes Inc. II Ali.b)Os estrangeiros de qualquer nacionalidade residentes na República Federativa do Brasil há mais de trinta anos ininterruptos e sem condenação penal desde que requeiram a nacionalidade brasileira; Par.4Inc.& aos portugueses com residência permanente no País, se houver reciprocidade em favor dos brasileiros, serão atribuídos os direitos inerentes ao brasileiro nato, salvo os casos previstos nesta Constituição; Par.4Inc.& aos portugueses com residência permanente no País, se houver reciprocidade em favor dos brasileiros, serão atribuídos os direitos inerentes ao brasileiro nato, salvo os casos previstos nesta Constituição; Par.4 Inc.II Adquirir outra nacionalidade por naturalização (BRASIL, 1988, grifo nosso)

A redação (o que mudou) do texto anterior da Constituição Federal de 88, art. 12

Os nascidos no estrangeiro de pai brasileiro ou de mãe brasileira desde que venham residir na República Federativa do Brasil e optem, qualquer tempo pela nacionalidade; O que **mudou** b) Os estrangeiros de qualquer nacionalidade residentes na República Federativa do Brasil há mais de quinze anos ininterruptos e sem condenação penal, desde que requeiram a nacionalidade brasileiros; Depois & 1º Aos portugueses com residência permanente no País, se houver reciprocidade em favor brasileiros, serão atribuídos os direitos inerentes ao brasileiro salvo os casos previstos nesta Constituição; Par.4 Inc.II Adquirir outra nacionalidade por naturalização voluntária ; Depois adquirir outra nacionalidade, salvo nos casos;Par.4 incII Ali.a a) de reconhecimento de nacionalidade originaria pela lei estrangeira; b)De imposição de naturalização pela norma estrangeira ao brasileiro residente em Estado estrangeiro, como condição para permanência em seu território ou para o exercício de direitos civis; par.3 Inc. VII de ministro de estado e de defesa;Inc. I.Ali.c c) Os nascidos no estrangeiro de pai brasileiro ou de mãe brasileira desde que venham a residir na República Federativa do Brasil e optem em qualquer tempo pela nacionalidade brasileira; Alteração c)Os nascidos no estrangeiro de pai brasileiro ou de mãe brasileira desde que sejam registradas repartição brasileira competente ou venham a residir na república Federativa do Brasil e optem por qualquer tempo depois de atingida a maioridade pela nacionalidade brasileira (BRASIL, 1988, grifo nosso).

Já no final dos anos de 1950 e iniciando os anos 60, aconteceu uma reforma estrutural de base, estas permanecidas organicamente que buscam discutir melhorias na área agrária, urbana, educação, sanitária, estas faziam parte de uma movimentação da categoria do sindicato, da camponesa e do social. Na década 64, juntaram-se a instituição da Aposentadoria, também da Saúde, da Pensão, sistema de Habitação e para o menor. Com a violência da repercussão da ditadura foi necessário um novo movimento na área pública, essa nova ordenação foi palco de uma nova rediscussão o que resultou na exigência de adquirir direitos para os sociais, os civis e os políticos, essas políticas galgavam essas garantias.

A lei Federal foi criada, o Sistema único de saúde (SUS), Estatuto da criança e do adolescente (ECA) e (LOAS) a lei orgânica da Assistência social após a Constituição de 88. Há uma diferença que contrasta a legislação, porém, algumas elevadas e antagonicamente outras restrita em consequência dos resultados das Políticas Públicas em cada área. Há a movimentação repetitivas nas áreas democráticas da sociedade que permeiam na participação popular, cidadã e que aplicada no controle social, elementos de sistema informacional, contudo, mais avançadas como exemplo o das Políticas Públicas que retrata o atendimento de saúde e, infelizmente, insinua-se a falta de capacidade do setor estadual para a constituição de angariar recursos, financiar possivelmente as Políticas Públicas em Saúde, a Política Pública Assistência social que vislumbra a política de Proteção Social, de modo que, desta forma vai malogrando no estirpe da maioria do empenho realizado. Esta discussão vem mostrando os avanços alcançados diante das práticas de mobilização e as informações concernentes as políticas, bem como, os aspectos em que não se avançou, sobre modo, percebidas em retrocessão, especialmente, ainda, elencada no aumento das desigualdades sociais, assim sendo, os índices crescem, há práticas registradas de crueldade na vida doméstica familiar chegando até a ocorrência de mortes.

A Seguridade Social foi criada com a intencionalidade da Assembléia Constituinte, todavia, estão alicerçados por três sustentáculos que são: Assistência social, a saúde e a Previdência Social. O seu objetivo está balizado no título VII da Ordem Social no Capítulo II da Seguridade Social Seção I das disposições legais I no Art. 194 da CF:

A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos poderes públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social. **Parágrafo único.** Compete ao poder público, nos termos da lei, organizar a seguridade social, com base nos seguintes objetivos: I - universalidade da cobertura e do atendimento; II - uniformidade e equivalência dos benefícios e serviços às populações urbanas e rurais; III - seletividade e distributividade na prestação dos benefícios e serviços; IV - irredutibilidade do valor dos benefícios; V - equidade na forma de participação no custeio; VI - diversidade da base de financiamento; VII - caráter democrático e descentralizado da gestão administrativa, com a participação da comunidade, em especial de trabalhadores, empresários e aposentados (BRASIL, 1988, grifo nosso).

A diferença da Previdência Social e a Seguridade Social está explicitada que, a Seguridade Social, isto é, ou, entendida também como segurança social que também equivale em uma totalidade de Políticas Sociais das quais, visa garantir e dar assistência ao indivíduo e na vida familiar, cuja, situação prelude na senilidade, a enfermidade, a falta de emprego, objetivando o principal que é o auxílio, a caridade.

Neste sentido, a Previdência Social, isto é, de intenção prognóstica para todos, é uma Política sancionada para a humanidade, seja para qualquer cor, raça, sexo, idade e condição social, ademais, para os contribuintes. Infelizmente, constato que, os órgãos governamentais procura de certa forma elucidar as tensões no cenário da Previdência Social, porém, noto que existe práticas de sonegação fiscal e de somas lastrosas de corrupção e fraudes, em detrimento das questões da dificuldades que o usuário possui de permanecer a contribuição, bem como, todas os desgastes que os brasileiros especificamente sofre ao se deparar com a morosidade e revisão de adquirir a tão sonhada aposentadoria.

No Brasil a gênese da **seguridade social** frente à Constituição de 1824, elencados por “socorros públicos”, cujas ações eram atreladas por meio de atividades de cunho privado, como exemplo temos ainda no Brasil e em cada canto das regiões brasileiras, a Santa casa de Misericórdia, pulverizadas e asseguradas em todo o País, porém, sofrem dificuldades de se manterem por falta de recursos para a sua manutenção, os esforços por parte dos governos Estaduais foram multiplicados e muitas delas foram revitalizadas há uma década atrás, como exemplo temos no Estado do Pará, com o banco de aleitamento para as mães que tem escassamente do leite materno ou propriamente que passem por riscos neonatais.

A diferença da Previdência Social e Seguridade Social está explicitada que, a Previdência Social, por sua vez, é apenas um dos três pilares da Seguridade

Social, junto com a Saúde e a Assistência Social, conforme definição da Constituição Federal, art. 194, verbis: conforme a fundamentação à cima.

A questão da Reforma da Previdência no Brasil, no dia 23 de outubro de 2019, foi aprovada no segundo turno, no Senado Federal, e a casa concluiu a votação da matéria. Agora só falta somente um destaque, o Ministro Paulo Guedes acompanhou de perto a votação do texto base e ouviu do Presidente da casa David Acolumbre e os agradecimentos a ele e a sua equipe. No congresso nacional, a reforma foi aprovada com 60 votos positivos e 19 negativos, número bem superior aos 49 votos. A idade mínima para a Aposentadoria dos trabalhadores, da iniciativa privada e servidores públicos, ficou aos 65 anos para os homens e 62 para as mulheres com regras diferenciadas. Os professores que se aposentarão aos 60 anos, homens, e 57 mulher, respectivamente. Para os policiais que passam a ter direito a Aposentadoria é de 55 anos homens e as mulheres e o tempo de contribuição passa a ser de quinze (15) anos para elas e 20 (vinte) anos para eles. Muda também a formula de cálculo, da Aposentadoria, o valor será de todo o histórico de contribuição, do trabalhador, e quem já está no mercado de trabalho a nova previdência teve regras de transição o cálculo vai considerar o tempo de contribuição e também a idade do trabalhador. Neste caso é obvio a hora de fazer as contas será de avaliar qual é a melhor opção para se aposentar, ademais, o presidente em exercício Amilton Mourão, comentou a aprovação da nova Previdência:

O auditório com 60 votos a favor[...]então aquilo que era o nosso objetivo número 01 para buscar o equilíbrio fiscal que era a reforma do sistema providencial vai nos dar uma previsibilidade em relação a estes gastos, e agora vamos aos objetivos reformas tributárias administrativa e o mundo continua girando (MOURÃO, 2019).

A Reforma da Previdência já é uma realidade, e todas as pessoas que trabalham neste País, deveriam perceber como fica as novas regras e como se aplicam em cada caso.

1ª regra, é interessante saber que a conta do valor pago aos aposentados mudou, o valor agora corresponde à média de todos os salários recebidos, ao longo da contribuição. Não existe mais a regra dos 80% maiores. Lembrando também, que o pagamento da aposentadoria não pode ser inferior ao salário mínimo, ou superar o teto Rs\$5.800,00. A reforma também acaba com a possibilidade de aposentadoria por tempo de contribuição, e sem atingir uma idade mínima, a regra nova e de idade

e tempo de contribuição. Agora, denoto cada caso. Neste sentido, as regras para cada trabalhadores de áreas urbanas e do setor privado, será de que quem for mulher em área urbana vai ter que trabalhar pelo menos 15 (quinze) anos, e vai poder se aposentar a partir dos 62 (sessenta e dois) anos, mas se a mulher trabalhar somente 15 (quinze) anos não vai receber todo, **o benefício da aposentadoria a mulher** que atingir a idade mínima de 62 anos, e quiser se aposentar após 15 (quinze) anos de contribuição terá direito de receber 60% (sessenta) do valor integral do benefício, este percentual sobe 2% (dois) ao ano até atingir 100% (cem), o benefício e 35 (trinta e cinco) anos de contribuição, ou seja, a mulher que começar a contribuir com o INSS aos 27 (vinte e sete)anos de idade poderá se aposentar exatamente aos 62 (sessenta e dois) anos, com o benefício total que é igual a média de todos os seus salários, o homem que ainda vai entrar no mercado de trabalho poderá se aposentar com 65 (sessenta e cinco) anos, e após contribuir com 20 (vinte) anos, e chegar a idade mínima de 65(sessenta e cinco)anos, se quiser se aposentar com tempo mínimo de contribuição ele recebera 60%(sessenta) do benefício total somando mais 2%(dois) para o limite com 40 (quarenta) anos de contribuição. Se o homem já estiver no mercado de trabalho o tempo de contribuição cai para 15 (quinze) anos mais o aumento percentual de 60% (sessenta) começa somente após os 20 (vinte) anos de contribuição. Explico deste modo que, se você é homem e trabalha pode contribuir com o INSS com 15, 16, 17, 18, 19, 20 (quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte) anos e quer parar de trabalhar vai receber o mesmo benefício de 60% (sessenta)do total agora se trabalhar por 21(vinte e um) anos recebe 62% (sessenta e dois), 60% (sessenta) mais 2% (dois), se for com 22 (vinte e dois) anos 64% (sessenta e quatro) até chegar ao 100% (cem) ao chegar aos 40 (quarenta) anos de contribuição. Servidores públicos seja homem ou mulher deverão que trabalhar pelo menos 25(vinte e cinco) anos antes da aposentadoria 10(dez) deles tem que ser na carreira pública e 05 (cinco) anos no último cargo, vale lembrar que os servidores municipais e estaduais foram excluídos da reforma. No primeiro momento nada muda para estas pessoas. Trabalhadores rurais policiais e professores têm regras próprias. As mulheres que trabalham em área rural terão que trabalhar até aos 55 (cinquenta) anos de idade e os homens até aos 65(sessenta e cinco) anos o tempo mínimo de contribuição nestes dois casos é de 15 (quinze) anos. As professoras mulheres poderão se aposentar a partir aos 57(cinquenta e sete) anos de idade e o professor

homens a partir dos 60 (sessenta) anos o tempo mínimo de contribuição é de 25 (vinte e cinco) anos, os policiais a idade mínima é 55 (cinquenta e cinco) anos tanto como no caso das mulheres e dos homens. Nesta profissão é obrigatório contribuir com o INSS 30 (trinta) anos, sendo 25 (vinte e cinco) anos do exercício da função, tudo isso são as regras gerais, mas quem está no mercado de trabalho também pode optar pelas regras de transição, se achar mais vantajoso. A partir da sanção da reforma, o País vai ter 14 (quatorze) anos de transição ao longo deste período será possível escolher se aposentar por uma das 5 (cinco) regras temporárias, disponíveis. O setor privado, quem já está 2 (dois) anos de cumprir o tempo mínimo de contribuição atual ou seja, 30 (trinta) anos para mulher e 35 (trinta e cinco) para homens, neste sentido, é possível pagar um pedágio de 50% (cinquenta) sobre o tempo restante para se aposentar, antes de alcançar a idade mínima, por exemplo se ele está 01 (um) ano na data de aposentadoria, terá que trabalhar este ano mais 6 (seis) meses, ou seja um pedágio de 50% (cinquenta), neste caso, o valor do benefício terá um desconto, calculado de acordo com o fator previdencial, que é um número que leva em torno a perspectiva de vida,

2ª regra é por idade, a mulher que já tiver 60 (sessenta) anos, de idade e o homem que tiver 65 (sessenta e cinco) pode aproveitar, essa regra quem desejar se aposentar caso já tenha contribuído por 15 (quinze) anos, a partir do ano que vem a idade a mulher será acrescida com 6 (seis) meses até chegar aos 62 (sessenta e dois) anos em 2023, no caso do homem no tempo mínimo, será acrescido 6 (seis) meses até atingir aos 20 (vinte) anos vai acontecer em 2029 (dois mil e vinte e nove).

3ª regra, é de transição para quem já está no mercado de trabalho, é o sistema de pontos, por ele será necessário somar uma pontuação, correspondente a pontos, a idade do trabalhador mais o tempo de contribuição. No primeiro ano esse valor deve ser em 86 (oitenta e seis) pontos para as mulheres e 96 (noventa e seis) no pontos para os homens, respeitando uma contribuição mínima de 30 (trinta) anos e 35 (trinta e cinco) respectivamente, durante o período de transição, essas somas sobem 1 ponto a cada ano até atingir 100 (cem) para a mulher e 105 (cento e cinco) para o homem e a transição acaba.

4ª Regra com contribuição mais a idade mínima. Para se aposentar nessa regra é preciso ter contribuído por pelo menos 30 (trinta) anos se for mulher e 35 (trinta e cinco) se for homem, por essa regra a idade mínima começa 56

(cinquenta e seis) anos para as mulheres e 61 (sessenta e um) para homens, sobe meio ponto a cada ano. Por exemplo, se a reforma começar a valer já em 2019, a mulher que completar 30 (trinta) anos de contribuição e 56 (cinquenta e seis) anos de idade já pode se aposentar esse ano, já para que deseje se aposentar no ano que vem, a mulher tem que ter 56 (cinquenta e seis) anos e meio, e os 30(trinta) anos de contribuição e assim sucessivamente.

5ª regra e o setor privado também vale para os funcionários públicos, é a regra do pedágio 100%, (cem) e por essa opção a idade mínima de 57 (cinquenta e sete) anos, para mulheres e 60(sessenta) para homens, pagando o pedágio equivalente com número de anos restante para atingir o tempo mínimo de contribuição atual ou seja 30(trinta) anos para as mulheres ou 35(trinta e cinco) para homens. Por exemplo o homem de 60(sessenta) anos que tenha contribuído com o INSS por apenas 31(trinta) anos terá que trabalhar os 4 (quatro)anos restantes mais um pedágio de 4 (quatro)anos totalizando 8(oito) anos por isso é um pedágio de 100%(cem).

6ª regra, uma regra exclusiva para os servidores públicos, somando a idade e o tempo de contribuição. Essa regra começa em 86 (oitenta e seis) pontos para as mulheres e 96(noventa e seis) para os homens, a cada ano se soma 1(um)ponto até que alcance 100%(cem) para as mulheres e 105%(cento e cinco) para os homens. Neste sentido, diante da explicitação das regras para se aposentar na previdência social, as mulheres catraieiras necessita de um Planejamento para conquistar o seu futuro.

Oriundas de seus antepassados e de suas dinâmicas multiplicativas de acordo com os seus saberes culturais, percebo que a relevância está associada de interferências pessoais, subjetivos, passada de geração em geração, em face ao alumiamento em manusear catraias, ademais, suas convivências percorrem caminhos, geradas das relações proximais com diversas pessoas, aqueles que também perpassam no Cais, porém, ressalto aqui, que estas questões estão intrinsicamente imbricadas no encahlamentos do poder, pulverizadas em inúmeras estruturas interfacetadas, que, evolutivamente, historicamente, são representadas no preceito remediado masculino.

As políticas públicas no lado Francês no que concerne a Seguridade Social na França, está equalizada em alguns pilares de benefício amparadas por ela. A saúde, (proteção na doença, maternidade, paternidade) invalidez, é um caso

especial. Na área da saúde no País Francês existe um resguardo quanto a doença a maternidade e paternidade. Para que a mulher francesa receba esta garantia é preciso possuir um seguro. No *Caisses primaires d'assurance maladie* (CPAM) localizada a sua cobertura no território que faz parte da metrópole. Já na parte ultramar temos o *Caisses générales de sécurité sociale* (CGSS) neste caso, as mulheres catraieiras podem ser beneficiadas pela CGSS por se tratar que Saint-Georges justificada que faz parte da localidade ultramar.

O Seguro Doença (*Couverture Maladie Universelle CMU*) dá cobertura das despesas de saúde das pessoas que não tem condições de adquirir um seguro de saúde, pois, e obrigatoriedade ter este seguro. Para adquirir este seguro necessitava de uma ampla cobertura, ou seja, tinha que possuir um recurso apriore para poder receber este direito, (prestação de pagamentos) as horas trabalhadas por um meio de que pudesse ser descontado esse benefício. Essa CMU é uma cobertura a nível nacional do País, desde 99.

No Seguro Doença sofreu algumas mudanças a substituição da CMU pela PUMA- *Protection Universelle Maladie*. Neste caso, ela se diferencia da CMU, todavia, a cobertura neste preceito é de totalidades, e no caso de uma previsão de desemprego seja na família ou no lar. Para isso, tem um critério: a) O segurado possua um emprego b) Resida 3 meses na França regularmente nos lugares da: (Guiana Francesa, Guadalupe dentre outros). Fato ocorrido desta substituição em 2016.

Na despesa da área da saúde tem a *Carta Vitale*, é um Cartão Chip, este comprova o direito a receber este seguro. Pode participar quem possuir 16 (dezesesseis) anos de idade, e que tenha todos os documentos, contém os dados participação direta chamada de (*Tiers Payant*) este não impossibilita de que se pague adiantado, seja no Seguro Doença ou saúde pois a parte das despesas pode não ser compartilhada. A Segurança Nacional precisa primeiro ser informada. Pode ser para os descendentes com 12(doze) anos quando os pais solicitam.

A seguridade no conceito de invalidez diante das instituições das fontes que pagam este benefício invalidez é da competência própria dela ou seja, destas instituições. Segundo, a formalidade da composição destes depósitos que estão em caixas elas se destacam assim afirma, o Cleiss (2019), p.8: “As primarias de seguro de doença (*Caisses Primaires d'Assurance Maladie*); a caixa regional de seguro de doença de e *Île-de-France – CRAMIF (Caisse Régionale d'Assurance Maladie d'Île-*

de-France), na região parisiense; Caixas gerais de segurança social (*Caisses Générales de Sécurité Sociale*) nos departamentos de ultramar; Caixa de segurança social (CSS) em Maiote”.

- Será de zero virgula cinco (0,5) valor de quota, de contribuição para a devolução da despesa de cunho social (Contribution au Remboursement de la Dette Sociale - CRDS);
- Será de oito virgula três por cento (8,3 %) condiz com a taxa total a colaboração social da maioria (Contribution Sociale Généralisée – CSG
- Será de zero virgula três por cento (0,3%) da colaboração não total da colaboradores deste auto governo (Contribution Additionnelle de Solidarité pour l'Autonomie – CASA).

O seguro doença utilizado seguidamente, o seguro de doença e de invalidez terá como objetivo tão somente de dar o seguro de invalidado utilizado processualmente ele terá um objetivo de repassar ao assegurado invalido um benefício, para de fato haver uma compensação que é a carência de salário, no que chega a resultar na diminuição de sua competência como adquirir desse modo outras vantagens. A pensão de invalidez está estruturada pelo recebedor da segurança social, no caso que ele seja deficiente através de doença ou de ser atingido por um acidente na ativa do trabalho.

- Caso não possuir a idade legalizada junto à reforma (62 anos de idade);
- Possuir uma competência de trabalho ou de ganhos diminuída igual ou superior a dois terços
- Possuir inscrição na segurança social se tiver doze meses até que chegue a interrupção do trabalho seguida de invalidez;
- A conclusão de no mínimo 600 horas seiscentas de atividade ou se tiver descontado sobre um salário equivalente a 2.030 duas mil e trezentas vezes o valor do SMIC, dos doze meses anteriores ao termino o que dá baixa.

Segundo o Critério da pensão três classes podem receber, a pensão a partir da regra de invalidez por causa da estrutura de saldo remanescente de trabalho, segundo O Cleiss (2019) (Centro de Ligações da Segurança Social Europeia e Internacional):

1ª Categoria destina-se aos **inválidos que apresentam ainda capacidade para exercer uma atividade profissional**. A pensão é equivalente a 30 % do salário anual médio (SAM*) O valor máximo da pensão mensal é equivalente a 30 % do teto contributivo da segurança social (1.013,10 €); **2ª Categoria** destina-se aos **inválidos com incapacidade para desempenhar uma atividade profissional**. A pensão é equivalente a 50 % do SAM *. O valor máximo da pensão mensal é equivalente a 50 % do teto contributivo da segurança social (1.688,50 €); **Se** o inválido classificado em 2ª categoria for obrigado a recorrer à **assistência de terceira pessoa para praticar os atos da vida diária**, o valor da pensão de base é neste caso acrescido de 40 %. Esta majoração não pode ser inferior a um valor mínimo anual atualizado todos os anos em 1 de abril. Valor mensal máximo da pensão de invalidez 3ª categoria: 2.810,43 € (1.688,50 + 1.121,92). * O SAM corresponde aos salários registados na conta velhice do beneficiário durante os 10 melhores anos de atividade (salários sujeitos a cotizações com base no limite máximo anual da segurança social)" (CLEISS, 2019, p.2, grifo nosso).

A Pensão de invalidez possui alguns critérios, alguns benefícios não tem atividade de trabalho comprovada, a situação alvejada é que estão sendo reportados para a pensão do idoso, essa é uma forma encontrada de revigorar a questão de redimensionar, quando o pagamento cessar é porque o segurado já está atingindo a idade para a mudança de um outro benefício, salvo se escolher cancelar o benefício em detrimento do outro. Em lei não e concomitante, ela tende a terminar automaticamente pois, atingindo a idade o critério muda, e a carreira contributiva é um elemento Segundo, O Cleiss informa as informações sobre **proteção social em um contexto de mobilidade internacional [...]** quando o requerente atinge a idade necessária para obtenção da pensão à taxa plena independentemente da duração da carreira contributiva, ou antes dessa idade no caso de optar pela cessação da atividade profissional" (CLEISS, 2019, p.7).

A pensão de invalidez das pessoas que estão em condições de viúvo/a inválidos é permitida pela caixa guardadora de seguro de doença ao cônjuge sobrevive do assegurado que estava reformado por invalidez ou idoso recebera um destes benefícios. este benefício, o cônjuge sobrevivente deverá ter idade inferior a 55 anos e a invalidez permanente que determine uma limitação avaliada a 2/3 para a sua capacidade de trabalho ou de ganho. (CLEISS, 2019, p.7).

A pensão vitalícia por morte de cônjuge, sofre alterações beneficiárias, se torna no valor acrescida de cinquenta e quatro por cento, 54%, para aquele cônjuge que entrou em óbito.

A Pensão por Morte, com critérios para aqueles que entraram em óbito, existe um benefício que e coparticipado para os familiares daquele que recebe o ônus, portanto, há a fonte primaria e a fonte dos caixas guardadoras total para a

área social e fornecido pelo órgão responsável para fontes únicas e as gerais. Quanto a *CPAM – Caisse Primaire d'Assurance Maladie (caixa primária de seguro de doença)* *Caisses Générales de Sécurité Sociale* (caixas gerais de segurança social) nos departamentos de ultramar (CLEISS, 2019, p.9).

As Aposentadorias no País da França e do Brasil são evidenciadas como uma “Política atualmente da Reforma”, para tanto, na política da Assistência Social são entendidas pelos críticos analistas de governo que estas políticas nestes dois países mais complexas por se tratar das reformas que necessitam realizar a igualdade e a transparência mundial diante deste antagonismo, dois países mais ricos o Brasil pela sua biodiversidade e da França pelo disparo do crescimento econômico.

O presidente da França Emmanuel Macron objetiva no seu plano estratégico de governo, equacionar o desequilíbrio na política da Assistência social em detrimento de que para alguns não há a política da transparência, o que deixa claro que este existe quarenta e dois (42) estatutos que preambulam na crítica mundial, dessas sete (7) reformas, está sendo tecidos grandes discussões mesmo diante de enfrentamentos da cobrança sindical, o representante da voz do povo que buscam a equidade, através da luta, que já perdura em vinte e seis anos (26).

A aposentadoria na França não e muito dispara a realidade da política da Assistência social do Brasil refiro-me aqui, a aposentadoria. A aposentadoria (critério)para o homem e que possua sessenta e dois anos (62) de idade e da mulher na mesma proporção (62). Isto vale para aqueles que trabalham na esfera privada e na esfera pública. Para o tempo recolhimento do contribuinte, na sua totalidade é equivalente a trinta anos (30) para esta coleta ser julgada a mínima.

A diferença do Brasil e da Franca para a Aposentadoria é que o Brasil tem a regra de contribuição de 25 anos e a França 30.

As mulheres francesas aposentadas têm uma representatividade de 52% atualmente. O país da França possui uma estrutura de aposentadoria com diferentes regulamentos. Nos dados estatísticos apontam que atualmente existem 17,3 milhões de aposentados. O valor da aposentadoria é 1.361 Euros, o que equivale na moeda brasileira de R\$ 5.780,00 reais. As mulheres francesas o valor salarial é menor comparada com a dos homens, motivo este, que as mulheres não conseguem concluir a qualificação para a sua mão de obra, o que torna muitas vezes dificultoso a conclusão e a equiparação de sua mão de obra para a inserção no mercado de

trabalho, muitas delas tem que tomar conta do lar e dos filhos, porém, não há equilíbrio salarial na categoria feminina.

O presidente Emmanuel Macron, organiza a reforma previdenciária, para sanar estas tensões. O plano da previdência só 6,6 milhões pessoas tem esse direito. As aposentadorias não possuem valor alto, o que de certa forma o País perde renda quando aposentam, diferentemente no Brasil, percebemos a disparidade pois lá existem categorias de magistrado aposentados que seu valor são altíssimos chegando até a mais de R\$ 20 mil reais.

Os aposentados estão em movimento financeiro sempre em busca de estratégias. O sistema será organizado por pontos depois de passar pela reforma.

A seguridade social mínima registrada no Governo Francês, é uma realidade advinda do poder, de modo que, as relações de desigualdade estão escancaradas a face do cenário da seguridade social que “visa a garantia do direito social para todos igualdade e fraternidade”. Todavia, uma análise crítica se faz necessário para ponderar as arestas de uma possível corrupção. a) Como um sujeito se manterá com a metade de um salário mínimo para quem reside no País Francês, concernente a economia vigente? B) Existem pilares no âmbito social que não sustentariam a legitimidade das diferenças econômicas e sociais na lei da seguridade Francesa? Mais um critério para uma reforma, de certo modo, há uma disparidade do valor da aposentadoria frente aos critérios sociais, que não se enquadra para a dignidade de vida, os que necessitam ter moradia, garantia plena de saúde, um dos vieses mais discutidos no âmbito da reforma da seguridade do Governo da França, infelizmente, a realidade ortodoxa aponta para a diversidade econômica alicerçada e imbricada nas relações do controle e do poder. Alguns critérios mencionados na seguridade social, o mais complexo é o do pensionista que recebe um pecúlio muito adverso dos outros benefícios. O valor já estipulado em lei é de três mil reais R\$ 3.000,00, cambiado, trocado no lado francês equivale a seiscentos e noventa e três euros (€ 693), mensais. O governo paga “o mínimo velhice” (desprivilegiados) este custo adiciona para R\$ três mil e quinhentos reais 3.50,00 reais. Neste caso o governo implementa um acréscimo, um valor irrisório para os desprovidos de direitos sociais iguais. Ademais, a disparidade máxima de tempo de contribuição em lei é que seja de trinta anos de recolhimento social(30). Sem otimização, a sobrevivência se torna mínima e escassa, nos preceitos de uma visão paradoxal, de, um país rico, custo de vida elevadíssimo economicamente, para

um benefício mínimo, retratando o empoderamento do controle social sobre o fiscal. Neste sentido, o social se torna ambíguo, dos direitos para apenas alguns”.

Para melhor entendimento para o terceiro capítulo, exposto os critérios de seguridade social dos dois Países, Brasil e França, trago de tal modo, a realidade das mulheres catraieiras referente as experiências laboral, como se dá essas dificuldades no saber técnico e dito de homem, para que, de tal modo posso evidenciar as vivências de trabalho nos caminhos do rio transfronteiriço.

Segundo as experiências de Safira a terceira catraieira que trabalha na informalidade fazendo frete de Clevelândia do Norte BR para Vila Brasil e Camupí-FR:

Tive muitos encontros e desencontros no rio Oiapoque. Muitas vezes me via feliz e muitas vezes me via triste. Tive muitos amores, muitas aventuras homens que eu conheci e que eles iam e também se foram. Mas no meio de tanta felicidade que era momentânea tive momentos de muita e profunda tristeza. Quando eu “subia o rio” eu tive momentos de desistir. Subir e muito difícil, por causa das águas do Rio que é muito forte, e la nesta hora pode ver a minha força, a força de comandar aquela catraia com um bando de gente dentro. Uma tristeza é de que um dia eu “perdi” num acidente na Catraia rumo a vila Brasil Camupí, um lugar muito longe são 8 horas de catraia e uma localidade de difícil acesso pra chegar por causa das cachoeiras, eles compram alimentos, combustível para lá pois aqui no Brasil é mais barato e ai tudo é um risco pois o dinheiro lá é em Euro. Neste dia estava chovendo muito, era um pau d’agua, mas eu avisei pra eles pra todos o risco que poderia sofrer, naquele tempo eu não tenho uma ligação com Deus e não cheguei a olhar para o rio, o rio era apenas o rio, depois disso eu mudei meu pensamento, hoje eu respeito o rio e foi que neste acidente que perdi esta criança um recém-nascido, e nessa foi a pior parte da história de vida que eu até hoje passei. A mãe sabia do risco estava parida e o pai do gêmeos estava lá esperando eles, nessa hora terrível que as águas subiram muito e estava muito agitada e chovendo demais deu um vento muito forte e a catraia não se firmou, um menino ficou na catraia e o outro eu perdi. Ele o gêmeos caiu na água e a água e muito forte demais, é muito difícil subir tem que ter muita forças nas mãos e muita fé, e muita coragem, chegamos a resgatar a mãe e ainda um no peito que ainda estava mamando. Eu passei muito tempo desencontrada pensativa sem coragem para encarar a vida de novo e tornar a subir a cachoeira, neste dia que eu perdi o menino gêmeo, eu desci o Rio, é mais fácil descer porque o vento ajuda seguir o mesmo destino, e vim com o corpo na catraia mas a mente tava longe. Eu nunca vou me esquecer daquele dia. Todos se salvaram menos ele! Meu coração dói até hoje! (SAFIRA, 2019).

Neste sentido, trago a realidade das mulheres catraieiras referente as condições das dificuldades de aposentadoria e como se dá o critério de seguridade e de que forma elas estão inseridas ou não. Topázio, que possui a dupla nacionalidade, trabalha na formalidade em Associação del Pirogueires em Saint-Gorges FR, para revelar de fato, quais os direitos adquiridos para a mulher que

pilota catraia no rio de Oiapoque para Saint-Georges, ademais, um critério de Seguridade Social para ela.

O Séjour, Titre ou Carte é o documento de identidade de uma pessoa estrangeira expedido pela França, este, tem o formato de carteira que é utilizada como um adesivo afixado no documento de passaporte, sua regularidade é realizada anualmente.

Assemelhado ao visto, é um selo, que é colado em algumas página da folha do vistos do documento de passaporte. Segundo a explicação de Topázio que todo estrangeiro que seja maior de 18 anos que deseja permanecer na França por mais de 3 meses e conseqüentemente quando a data de validade expirar, deve possuir uma “Carta de Séjour”. A catraieira ressalta que ele o seu esposo não a possui.

Descreve de forma acentuada, que este documento representa a “*Declaração de Imposto*”, infelizmente, ela não a declarava, porém, começou a legalizar no ano de dois mil e dezoito, 2018, afirma, que agora este ano vai iniciar o processo, segundo Topázio, (2019):

Quando ele associou, eu obtive vantagens, isso, ajudou o meu marido na compra de motor. As medidas de Políticas Públicas no País da França ela é bem diferente do Brasil. “Association das Pirogueiros de Saint-Georges – FR a APS”. As Políticas Públicas aqui no País é diferente do Brasil, por isso, o governo ajuda a pagar as pessoas que tem filhos. Tem ajuda a partir dos 25 anos de idade “RSA”, e a mulher que tiver filhos recebe 2 dois benefícios do Governo Francês (locação familiar) e a (RSA). Aqui as mulheres tem direito a receber no banco um empréstimo esse empréstimo sai, mas é nominal ao Presidente da Association que é o meu marido” (TOPÁZIO, 2019).

Neste sentido, os critérios de Seguridade Social francesa advêm de algumas particularidades que Topázio já é beneficiada. O benefício de Seguro de Saúde faz toda a cobertura. Uma carta de Sejour dá direitos a benefícios como: a) RSA é um dinheiro que é depositado no banco; b) SEDIC (cada mês é descontado, para quem trabalha declarando. Um benefício do Governo francês é de que em relação a habitação, o valor do percentual do governo cobre 400 euros, se a habitação for 500 euros, a mulher só paga 100 euros para o governo, quando se tratar de aluguel; c)CAFE, é uma bolsa que tem benefício para as mulheres, comparada a uma bolsa família que é oferecida na Seguridade “no Brasil”. A vantagem no governo francês é que dá direitos a essas mulheres realizando a cobertura, para tanto, a Association está isenta deste benefício, porém, dessas

responsabilidades os brasileiros são atendidos aqui no hospital, tudo é gratuito. Na seguridade social francesa, comparado como o Brasil, pelo contrário, é obrigatório que a mulher adquira um seguro, sistematicamente paga por ele um valor de duzentos reais, (R\$200,00) ou mais, para obter médico e medicação gratuita.

A desvantagem no governo é que em Saint-/Georges não tem médicos de todas as especialidades. Esses encaminham para Cayena. Aqui em Saint-Georges só tem médico de clínica geral e de emergência. Muitos brasileiros são atendidos aqui. A desvantagem é que nem todos os seguros são integral. Mas o seguro só é permitido se ele for um trabalhador vinculado ao governo. Em relação a laboratório a mulher tem que coletar aqui em Saint-Georges e a materialidade levado para Cayena, lá é analisado, depois é disponibilizado através da *Rede de Sistemas* que está alocado na comunidade de Saint –Georges.

Outra desvantagem é que a carteira para pilotar só se tira em Cayena, em Saint-Georges não existe este sistema de integração. O micro Chip Micro, é uma outra modalidade tecnológica dita “*vantagem*”, a mulher em Saint-George pode ir ao hospital e eles inserem o micro chip na pele subcutânea no braço. É o método anticonceptivo. Caso possua o seguro a mulher não paga nada, ele cobre tudo.

Topázio explica que a na França o sistema é muito burocrático “Não é fácil conseguir o seguro, eles pedem muito papel” (TOPÁZIO, 2019). A mãe que deseja consultar seus filhos, pelo seguro, consegue pagar 50% da consulta nos médicos particulares que lá em Saint-Georges existe, é um critério social adquirido. Uma consulta que custa vinte (20) a trinta(30) Euros paga-se apenas nove (9) Euros.

Topázio e eu, num diálogo aproximado, esboçou a sua concepção de mulher catraieira frente a Seguridade Social, no que concerne a situação de Aposentadoria, uma outra Seguridade Social ativa no seu País. Deste modo, referiu-se paradoxalmente, numa comparação do Seguridade Social Brasileira e Francesa. Segundo Topázio (Catraieira da Association das Pirogueires de Saint-Georges, TOPÁZIO 2019.)

A aposentadoria das mulheres idosas nem se comparam ao Brasil, aqui o valor é bom, são de valor alto, dá em torno de 6mil reais, o governo francês aumentou a ajuda para as mulheres aposentadas, o valor é de 862 Euros.(Catraieira da Association das Pirogueires de Saint-Georges –FR a APS 2019.)

As experiências no trabalho da catraieira no rio, percurso realizado de Clevelândia do Norte-BR para Camupi Vila Brasil (SAFIRA, 2019).

Todos os dias era assim, saía de manhã cedo com duas cargas ou três no dia para lotar ela tinha duas canoas por nome Titanic, esse é o maior de todos da região de Clevelândia do Norte, saíamos de madrugada e organizava toda a mercadoria que ficava aguardando na beira do rio. Eu abastecia e voltava para subir novamente, essa é sempre a minha rotina, tomava meu banho, preparava a merendava pra mais tarde e tomava café e já estava tudo pronto para subir a cachoeira, já deixava tudo preparado, também para os filhos, porque eles estudam. Sabe eu já trabalhei grávida, ele meu marido me ensinou a pilotar a canoa, sempre estava “topada” quando chegava nas pedras no lado francês e ficava em pé e ver os olhares, das mulheres preocupadas ao embarcar para a voltar para o Brasil, pensavam se ia alagar a canoa por causa da cachoeira que é muito forte a batida das águas é inconfundível, eu olhava tudo direitinho e tampava o motor para não molhar e eles gritavam “passou” com muita alegria quando a gente consegue atravessar aquele mundaréu de água, eu trabalhava muito sempre e se eu fosse passar para pagar outra pessoa eu não dava conta, eu trazia óleo que era 15.000 mil litros, de 1.100 litros, 100 mil litros, e eu tinha o trabalho de passar pro tanque, perto das bolsas, as “pedras”, era um sacrifício. Eu estudei até a 4ª série, nunca repeti de ano era difícil tudo inicia com meus pais, de domingo à domingo quando era 6horas eu já ia para a roça, meio dia saía da roça para casa depois pra escola minha vida toda eu já fui acostumava a trabalhar, desde criança. Eu pensava, em tenho um marido e vou parar de trabalhar, eu pensava assim, Deus me colocou no mundo para ter filhos e trabalhar. Sou do tempo da antiga não tive infância, não tinha boneca! (CATRAIEIRA SAFIRA, 2019).

Nesta hora da pesquisa, Topázio, fica coma voz embargada. Retomamos depois de alguns minutos, Topázio sabia, o quanto a infância era algo que ela queria ter passado. Prosseguiu a relatar:

Eu queria ter alguém minha mãe! Mas, meu pai.[...]minha infância foi muito dura, dificultosa, muita tristeza[...]eu não tive a minha formação, tenho catraia, dependendo só de mim mesma, e cheguei a desejar uma casa pra morar, mas não tive apoio, Eu trabalhava com o meu marido por uns anos na catraia, aprendi bem com ele a pilotar, depois de um tempo, houve uma parada[...]. Eu que separava as mercadorias eu fazia compras para os clientes, depois eu tornava a conferir a mercadoria, eu comprava de tudo em quanto, sabe aqui, eu sou muito conhecida pela a minha responsabilidade de ir fazer frete para as cachoeiras, e agora vou ter que me virar como e que vou deixar meus filhos pequenos, eu já tinha dois filhos pequenos anteriormente, eu colocava na minha cabeça que eu era mulher e tinha que ter responsabilidade, dar conta, daí eu experimentei e fui. Numa época muito ruim da minha vida, passei por um deserto sem barco, sem dinheiro quase sem nada. Tive dificuldade, mas comecei a aprender a fazer crochê, ganhava pouquinho, ainda tinha muitas dificuldades, mais faltava comida eu fazia crochê para alimentar eles meus filhos e na madrugada eu ficava tecendo por encomenda, tinha que cuidar de casa, merenda, almoço. Muitas pessoas falavam para mim porque você não vai marretar? Pensei só comigo eu vou mesmo. Ai me venderam fiado, mas consegui as bebidas, peixe, açai,...) daí eu pensava e vendia para o lado francês o que não vendia eu mandava para um restaurante, e ai eu tinha que abaixar o preço. Fiz tudo isso para não passar fome. Eu me vi no espelho! E eu me vi, e estou acabada! Sei que o tempo me castigou (CATRAIEIRA TOPÁZIO, 2019).

Em relação a Seguridade Social no Brasil, Safira ressalta que:

Não tenho benefício de nada! Vou fazer 57 anos em setembro, 7 filhos, a minha filha fala vai parar de catraiar? Como posso parar! Mas eu ainda incentivo a minha filha para ela ir estudar na universidade, ela é a única, é catraieira mas está parando devagarzinho, gosto que ela estude, meus filhos homens preferem ficar para catraiar (CATRAIEIRA SAFIRA, 2019).

Em relação às mulheres catraieiras as experiências no mercado de trabalho dificuldades no saber técnico e dito homem, aos critérios de Seguridade Social anonimato e invisibilidade no Brasil, Safira exprime que:

Foi terrível! Quando eu viajo eu não gosto de sentir o que dizem lá vem a mulher do Titanic! Tive uma surpresa, uma notícia ruim, depois uma discussão tão forte com uma pessoa que representava muito pra mim, o que me deixou muito perturbada, esse fato foi muito ruim pra mim, ao mesmo tempo aconteceu uma revelação de Deus. Eu estou na canoa subindo o rio de Clevelândia para ir pra França, senti um desespero, uma agonia, de repente eu abro os meu abraços de frente para o vento forte, vento no rosto, e saí topada na água meu cabelo solto saindo, abaixo de Clevelândia já na canoa, desesperada neste dia eu disse eu vou encerrar a minha vida! Meus filhos ficaram na casa de um pessoal francês amigos, fumei cinco cigarros um atrás do outro, e pensei vou pegar um cipó e quando chegar a hora eu me joga, ia com certeza afogar, fiz a imensão de pular quando apareceu um peixe um Acaú, depois outros, muitos vieram, estavam todos ao redor dos meus pés que estavam abaixo da água, pensei como é que vou pular, depois que fumei todos os cigarros, aconteceu que, quando os vi rodeando os meus pés, quando derrepente deram um 1 tiro e todos os peixes fugiram não vi ninguém e nem os peixes e vi 2º tiro bem forte e continuava e não via nenhum, o meu coração ficou acelerado e foi derrepente, parando o motor de 40 tempos, escutei a zuada do motor diminuindo, sofrendo muito, as palavras ficaram na desisti de pular, vi todos aqueles peixes rodeando o meu pé e senti que era Deus me impedindo de fazer isso, na minha mente pensei, e logo desisti de cometer aquela besteira, pedi a ajuda de Deus, tudo passou, neste dia no barco estava toda a mercadoria, tudo em grosso, era de fardo derrepente aconteceu neste dia foi uma experiência de trabalho inesquecível.! Eu pilotava sob todos os riscos, do jeito que dava, sem segurança não tinha rebote muito menos colete sem falar que nem documentação tinha, era um verdadeiro esforço, uma luta, esse frete era pro rio Oiapoque até vila Brasil. Tosos se admiravam uma mulher fazendo frete para as cachoeiras, tudo lá é perigo, não conhecemos as pessoas e não sabemos que se querem assaltar, geralmente eu pegava por indicação, não queria correr risco, muitos das vezes tinha homens no meio do mar piratas para assaltar e levar as mercadorias, dinheiro, ouro, joias as vezes até ferindo de balas e até mesmo com armas de fogo, já teve quem contasse que já teve morte. Na saúde sentia dor na coluna, com sono, o sol maltrata o corpo, me acordava sempre as 4 horas da madrugada, para poder fazer a merenda para a viagem, tinha sempre uma lata de sardinha para todos tomarem café logo cedo juntos em casa. Não tinha Seguridade Social recebia a bolsa família um benefício do governo mais nada. Não pago nenhum carne para o recolhimento do INSS mas como autônomo, o Sebrae uma vez nos procurou, mas eu não tive ainda condições de fazer nada ainda, o dinheiro não sobra, só dá mesmo para a nossa sobrevivência (CATRAIEIRA SAFIRA, 2019).

A seguridade social tanto no Brasil quanto na França necessitam de medidas de políticas públicas eficientes, indiscriminatória e desiguais tanto na área da saúde como na área do Trabalho e da Assistência Social. Para isso, os governantes precisam deixar de “ver” a heterogeneidade, “o seu lado”, com a medida efetivada de políticas públicas já implementadas nesses dois países, a materialidade agora é o cenário de novas discussões, muitos aguardavam ansiosamente com esperanças de dias melhores, a inauguração mais elucidada de todos os tempos para os que habitam no Oiapoque ou que passam por ela, a Ponte Binacional. A ponte, teve um valor exorbitante e com pouquíssimo funcionamento para os brasileiros.

Os moradores de Oiapoque, os catraieiros não puderam ter nenhum benefício, um direito que deveria ser justo e igualitário, pois muitos catraieiros inseguros pela criação da ponte acreditavam que iriam perder o fluxo de passageiros devido o surgimento da saída e entrada de estrangeiros e brasileiros, o que antagonicamente revela que não, apenas 20 carros brasileiros passam pela a ponte e os carros franceses mais de 20 mil, uma disparidade, após a inauguração um registro divulgado, pela Policia da Guarda Nacional, todavia, o seu objetivo é o controle.

O resultado se dá negativamente, pois, para um veículo, passar para ir para a França, necessita da CNH internacional que custa o valor R\$ 275,77 reais e a taxa que permite o trafego do seu veículo para o lado Francês para 30 dias é de (85 Euros, ou seja, R\$ 360,00) ;(195 Euros para 90 dias o valor estimado em média é de R\$ 780,00 reais), segundo informações in loco na Aduana do lado Francês. Neste sentido, as mulheres catraieiras necessitam adquirir o seu espaço bem como a sua representação de papeis, daí, a provocação está latente, porém, muitos inverteram a situação, ademais, a ponte está sendo preferida pelo serviço da catraia, pois não há controle, e as passagens são reais de acordo com o lado econômico do povo brasileiro a moeda que é o REAL, o que se torna mais viável e acessível economicamente, portanto, para chegar lá necessita de apenas sete 7 minutos, o seu destino sair do Brasil ir para Saint Georges.

O cenário político atual de governo necessita de uma nova ordenação e de ajustes fiscais que sejam equiparadas para os dois países, a Reforma Social neste caso seria bem-vinda, ademais, a Reforma de Governo, objetiva buscar uma nova interpretação analítica, que tendencie para mudanças e que atendam a

realidade da diversidade econômica política social e cultural entre a região de fronteira em duas vias, seja a fluvial e ou terrestre, das "cidades irmãs" e de países vizinhos tão conhecidos Brasil e a França.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meados do século XXI, evidenciou-se que o trabalho no lar, ganhou destaque no preâmbulo da liberdade e a busca da igualdade, no que concerne a questão de efetivação contratual das mulheres no mundo laboral, o que vem resultando numa larga escala de ressignificados, a partir de elementos constitucionais do direito e do espaço de liberdade, de galgar a busca da igualdade frente a relação de gêneros.

Ademais, tudo isso se deva as questões da necessidade de se manter e se equilibrar. Por causa das questões econômicas chegou-se a constatação que era necessário uma readaptação, no espaço social, familiar, doméstica, e as função reprodutivas.

A televisão, o cinema, o rádio e as instituições manipularam as inteligências do Brasil à exemplo e a Europa, perceberam as transmutações entre as questões entre o masculino e o feminino. Entretanto, a deslocação das mulheres que não obtiveram apoio algum, na qual todos os implementações não lhe foram atenuadas, isto é enfraquecidas.

A luta é constante para as mulheres brasileiras, quando se trata das questões das indiferenças salariais e também das questões de violência sofrida na esfera familiar, que não denunciada e oculta da diversidades das questões de subordinação, apontadas nos altos índices estatísticos, porém, as mulheres orientais multiplicam pela sua capacidade de inferioridade, escravidão, serventia, e da sangrenta violência dos direitos humanos frente a realidade existente de simbólica de opressão.

O paradigma feminino considerou ao longo do século 19 se estendendo pelo 20, que toda a sua competência estava voltada para a mulher que era lascívia, a mesma vislumbrada para validar seus frutos inferidos em prósperos cidadãos, visionada e futurista, de uma nação diferenciada.

O protótipo da religião católica era de instrução, o mesmo revelava que as mulheres deveriam ter comportamentos morais, a meiguice, limpidez, e a alma que se dedicasse ao ser humano, opta por ser um ser que exprimisse ser uma parceira, excelente mãe, filha, esposa, nora, neta.

As insistentes reivindicações femininas no século XX foram cada vez mais intensas e radicais, na luta ao direito de irem as urnas e mostrarem que é possível

ter uma educação igualitária, para homens e mulheres, sabe-se que, foram constantes passagens ao enfrentamento da busca da representação da inserção de seus papéis na vida pública e na vida privada, muitos, que eram impulsionados a conquistar a sua independência seja, seu esposo, seja seu parceiro, seja a sua questão profissional, ou de optarem por ter ou não ter filhos, morar juntos, ou casar e a escolha de adoção de filhos, morar sozinhos, ou até mesmo ter uma vida sexual, mas sem engravidar como um coadjuvante as pílulas anticonceptivas isto, já era visto nas décadas de 80 e de 90, agora já na década do século XXI a modernidade tecnológica chip método anticonceptivo inserido na parte subcutânea no antebraço, muitas mulheres vivem sozinhas, independentes sem um acompanhamento de um sexo masculino em razão de muitas delas evitarem a gravidez. Estes avanços retratam o século XXI, com a epidemia familiar social que é o divórcio, pois tanto o homem quanto a mulher utilizam seus discursos, por optarem por ficarem ditos “sozinhas do que mal acompanhadas”, o que esboça o pleno direito a liberdade pela busca da transformação da realização de papéis sexuais seja o preâmbulo da vida pública e na privada. Muitas vezes as mulheres são chefas de seu próprio lar, administrando como é e deverá ser a sua inserção no meio social. Ademais, há a dicotomia entre o público em relação ao privado.

As mulheres estão alcançando seus patamares e se destacando cada vez mais neste século, pois, estão se organizando, estudando, e desempenhando papéis sociais, bem como trabalhistas, muitas delas galgam ser pilotas de catraia, cobradoras de transporte coletivo, moto-taxistas, taxistas, mecânicos, eletricitas, pintoras, construtora civil, pedreiro, sindicalista, líder religiosa, catadora de lixo reciclado, diretora escolar, gerente, arquiteta, radialista, repórter, atriz, bancária, instrumentalista, policial rodoviária feminino, professora de autoescola, empresárias nacionais e multinacionais, governadora de estado, prefeita municipal, vendedoras comerciais, frentista, muitas delas conseguem administrar o tempo de estudar, trabalhar, tomar conta de seus filhos e de sua vida pessoal. Muitos tem uma visão equivocada de que estas mulheres profissionais recebem remuneração baixa, não obstante, não está afirmada. Muitas mulheres reagem, estudam, se qualificam e conquistam seu espaço, mesmo diante da grande competição por melhorias salariais, seja concorrendo no mercado de trabalho, ou buscando uma vaga em concurso público.

Na educação as mulheres correm atrás de vagas no mercado de trabalho, seu intelecto estão sustentadas pela sua maneira de conduzir com muita responsabilidade e domínio para executar o que já possui de habilidades para a apreensão do conhecimento e de suas competências em cada área de atuação profissional. Estão inseridas nos cursos de capacitação para a busca de obter seus conhecimentos através de certificados, ou carteiras. Como é o caso de uma mulher catraieira, alguns pontos a considerar de muita *relevância* para a inserção dessas mulheres catraieiras uma oportunidade de trabalhar no transporte e no frete em vias marítimas de fronteira. Ademais, para a mulher catraieira pilotar a catraia, necessita se organizar documentalmente, já que deverão trafegar nas águas Brasileiras e as águas Francesas, precisam ser autorizadas exigência nacional, no caso da brasileira precisa tirar a carteira por aqui no Brasil, no órgão da marinha do país de origem, após, poder tirar a outra habilitação que a carteira de habilitação fluvial internacional da marinha da França, ela é válida em toda a Europa, de todo modo, é necessário que a *Marinha do Brasil* abra editais anuais para que as mesmas possam se inscrever e fazer a prova pratica, para estar habilitada a trafegar nos dois Países, do lado Francês tem a *Gendarme* polícia fluvial francesa, que controla esta situação do trabalho de mulheres catraieiras geralmente abre duas vezes ao ano, a Marinha se desloca de Macapá para o Oiapoque com uma comitiva para realizar os exames, de certa forma, possibilita a Política Pública da inclusão nestes dois Países, concernente a medida de Políticas Públicas de controle francês envolvendo o meio ambiente, transporte, segurança da guarda nacional. E tais benfeitorias são conquistadas dia após dia no espaço de trabalho em concorrência com o sexo masculino. Estes manuseio e trajetos masculinizados são incorporados na mentalidade que não corrompa a postura advinda de um cenário de política do trabalhista não discriminatória.

As transformações desse fenômeno deste cenário político trabalhista afetam as questões de afinidades de gênero, relacionando a questão educacional e trabalhista, esses saberes são elementares seja para e a questões seja para ele ou para ela. Entendo que, mesmo com o avanço tecnológico com o surgimento das maquinas que foram criadas para auxiliar o trabalho humano, ainda assim pode ajudar tanto homens e mulheres para paridade iguais.

A competência que adquiri quanto a sua qualificação nos meios profissionais é alarmante, tem um quantitativo maior da classe feminina e procura

para a inserção da universidade, todavia, a mulher consegue dominar estes três aspectos, por exemplo, estudar, trabalhar e gerenciar o seu lar.

Em muitas instancias a questão de estandardizar tanto para o homem e a mulher que ambos possui comportamentos inerentes a questão religiosa ou de se crer em algo, isto é desmistificado, uma vez que tanto o homem e a mulher são diferentes. Tanto o homem como a mulher são sujeitas de comportamentos os de domínio próprio. A competitividade persiste nos dois sexos, há a clarificação de consciência de que pode se trabalhar em equipe, ambas demonstram competências, todavia, o porvir das imagéticas, isto é, contender, em adversidade a apreciar um ao outro.

O modelo da igualdade e da dessemelhança, que opina na edificação da questão utilizada no campo teórico, o reconhece o paradigma comportamental do masculino e o feminino, as suas particularidades, intimamente consideradas descrevendo o consentimento para que apareça a opressão, obstante a refutação na aparência biológica.

A concepção do paradigma feminista busca a suplantação da estrutura da desigualdade, não se alferse que seus direitos seja reconhecidos, mas a democracia, iguais para todos os cidadãos juntos participem para se alcançar os mesmos direitos para todos. A democracia refuta a instabilidade, porém, a estimativa feminista que exprime consequentemente uma crítica na questão política, na luta pelas desigualdades, sabendo que não estão abortadas as decisões nos parâmetros sociais e de gênero, no preâmbulo dos valores raciais.

As semelhanças entre os gêneros as que circundam as classes sociais, tipos de raças, identificação indenitária e as escolhas sexuais determinante dos aparelhos de produção homófono a reprodução concernente a discriminação.

O dispositivo ordena a vida social, no ambiente público e também privadas. Na renúncia das diferenças que estão implícitas na maneira biológica, revela que há a refutação com linhas naturalistas descomplicarão da inferioridade da mulher frente ao homem, envelopada nas organizações biológica que cada sujeito pertence a seus estirpes.

As feições do poder relacionada a gêneros ao que concerne a questões valores e convenções simbólica, depende de como se concebe as culturas, a aquisição da educação, da aquisição da religião, setor econômico e das categorias

sociais, reafirmam a significação que estrutura e se embrenha na vida comum de todos.

O uso de gênero põe em destaque todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade. Esse uso de gênero se refere aos domínios estruturais e ideológicos que implicam as relações entre os sexos (SCOTT, 1990, p.8).

A realidade da mulher é redimensionada a partir das tensões enfrentadas por elas diariamente, o que retrata a sua realidade representada ademais, na conhecimento das experiências do homem, segundo algumas concepções que a ideia de que os homens tornam-se em paradigmas baseadas na teorização, inverdades, dúbio, ambíguo, ademais, as relações de gênero são interpretadas por poderes, normas, padrões, seja na valoração ou não de âmbito de cunho religioso ou moral, de preceitos afetivos em volta ao mundo nos aspectos comportamentais da sociedade se apresentam, significada na percepção simbólica, levando assim a concepção rigorosa, no que concerne de um sujeito ao outro. As críticas feministas preambularam, na concepção da teoria de Marx que ressalta da arbitrariedade da mulher no mundo capitalista, a luta pela a sua liberdade, dificuldade de acesso à educação igualitária, mas sim adquirir a busca da profissionalização, alcançar seguir hierarquicamente na carreira, a busca a inserção da vida pública e privada. Os estudiosos apontam para a discussão dos temas em gênero, eles, conseguem atenuar analiticamente a heterogeneidade em disfunção do ordenamento social, que são assustadoramente crescentes, visando que as desigualdades no preâmbulo da cultura e antropológica, são elementos contraditórios, porém, o pluralismo e a diversidade cultural são estruturados a partir da semelhança e da dissemelhança, alicerçados em performance culturais imagéticas, influência das relações sociais, nos moldes comportamentais inerentes intrinsecamente homens e mulheres provoca na nova ordenação do lócus do poder.

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundamentadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos; e a segundo, o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder". SCOTT, 1990, P14.

Existe em países latinos que discutem e corroboram as diversas perspectivas de que a política interfere na base familiar de modo geral promulga um cenário discursivo de tensões e de discriminação.

No estudo sobre o trabalho das catraieiras apontam para a dinamicidade que estas quatro mulheres Topázio, Rubi, Esmeralda e Safira apresentam na localidade de Oiapoque, Saint-Georges e Clevelândia do Norte pontos fixo de circulação para as atividades de transporte frete e turismo. A disparidade que as catraieiras apontam no trabalho informal o formal, revelam que o Brasil e a França são semelhantes mas possuem também indiferenças. Na questão das semelhanças o Brasil e a França possuem a seguridade Social e ambas passam por Reformas, seja na previdência, na saúde e na Assistência Social. Outro ponto é a a questão dos critérios de benefício seja por pensão vitalícia, por invalidez e aposentadoria, com os pecúlios diferenciados por causa do valor da moeda de cada País. Quanto a semelhança, ainda pude perceber a dificuldade de moradia, muita disparidade econômica, outro critério de semelhança é a questão da que o segurado possui, I as questões sociais e políticas cada uma delas representa na sociedade a luta. As desigualdades sociais, econômicas e políticas culturais estão imbricadas nas relações de controle e de poder

No local público as mulheres são inferidas com empecilhos também para que não chegue a galgar pelo o seu crescimento profissional, diante de contender da dificuldade de compreender diante do universo trabalhista na rede privada, a cultura reprodutora de poder favorece a materialidade estereotipadas de “mãe rainha do lar” e o tão conhecida “Mulher é o sexo frágil”. Outra perspectiva imposta na sociedade e a questão da influência de se vitimar para o outro, é a doação inconcebível, sofrer pelo outro por uma causa, para que venha a alcançar a sua felicidade sobrecarregar-se e a carga de toda uma anulação pelo bem querer do outro, a busca pelo excesso de responsabilidade social. Para Frota, (2004, p.23), sua obra discute a interpretação a categoria gênero de Joan Scott “...esta interpretação reside em diversas aspectos primeiro as categorias homem e mulher, feminino e masculino como que não vistas como características inerentes são tidos como construções subjetivas ou fictícias”. Para uma nova discussão utópica, de que somos iguais perante a lei natural biologicamente, permanecemos a conviver num mundo das desigualdades, mas para uma nova dimensão, um novo redimensionamento de que concebe-se que ter uma outra vida não na terra e sim na outra dimensão, pós -morte que lá certamente todos seremos de fato infinitamente iguais, sem distinção de cor, raça, cidadania, gênero.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michael. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Paulo: Terceiro nome, 2011.

ALBUQUERQUE, Maria do Carmo. **Participação popular nas Políticas**. São Paulo: Instituto Pólis, 2006.

ALMEIDA, Jane Soares. As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. **Série estudos**, Campo Grande, v.5, n.31, p.165-181, jan/jun. 2011.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. São Paulo: Abril,1975.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica**: arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUTHER, J.**Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Maria Tereza Pereira. **Oralidade, memória e tradição camponesa**. [S.l:s.n],1999.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril, 1984.

CAMPOS, Jacira Calasãs; RODRIGUES. A. **Psicologia do desenvolvimento**: Influencia da família. São Paulo: EDICON, 2009.

COLLING, Ana Maria. A construção Histórica do corpo Feminino. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 28, n. 2, p.44-48, jul./dez. 2015.

COSTA, Patrícia Cláudia. Ilusão biográfica: Polêmica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Linhas**, Florianópolis, v.16, n.32, p.51-71, set./dez.2015.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução antropologia social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia Geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ERIKSON, Erik. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: artes Médicas, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

OLIVEIRA, Ester, Maria; LE BRETON, Davi. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papyrus, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memórias**. São Paulo: EdUNICAMP, 1988.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril, 1976

MALUF, Sonia Weidner. **Gênero saúde e aflição: abordagens antropológicas**. [S.l]: Letras contemporâneas, 2010.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. **Trabalhadeiras e Camarados: um estudo sobre o status das mulheres numa comunidade de pescadores**. Brasília: EdUnB, 1977.

SILVA, Jose Iivaldo Alves Oliveira Silva. **Formulação de Políticas Públicas de Florianópolis**. Florianópolis: EdUFSC, 2014.

SÂMARA, E. M. O que mudou na família brasileira: da colônia à atualidade. **Psicologia**, São Paulo, v.13, n.2, p.27-48, 2002.

SANTOS, Rafael J. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

SILVA, Wagner Gonçalves. **O antropólogo e sua magia**. São Paulo: Edusp, 2000.

SILVA, Wagner Gonçalves. O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas Pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras. **Revista da Antropologia**, São Paulo, v. 45, n.1, p.194, 2002.

SIMÕES FRANCISCO, M.F. **Aristóteles enquanto fonte das concepções de espaço público e espaço privado de Hannah Arendt**. São Paulo: EdUSP, 2007.

VELHO, G. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ZALUAR, Alba. As mulheres e a direção do consumo doméstico. In: ALMEIDA, M.S.K. **Colcha de retalhos**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ZONABEND, F. Temps et contretemps. In: **Nom, Prénom: la règle**. Paris: Autrement, 1994.